



Um Centro Universitário feito com você!

**SOCIEDADE EDUCACIONAL GARDINGO LTDA. – SOEGAR
CENTRO UNIVERSITÁRIO VÉRTICE – UNIVÉRTIX**

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

PSICOLOGIA – 2024/01



**COORDENAÇÃO DE CURSO: PROF. D. Sc. JANINE LOPES DE CARVALHO
PROFESSORA RESPONSÁVEL: PROFA. M. SC. RENATA APARECIDA FONTES**

MATIPÓ, 2024

TRABALHOS PRESENTE NESTE VOLUME

A DESCOBERTA DA HOMOSSEXUALIDADE E AS DIFICULDADES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ FRENTE À CULTURA HETERONORMATIVA

A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E O IMPACTO NA MATERNAGEM

DESAFIOS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA QUE TRABALHAM E REALIZAM MIGRAÇÃO PENDULAR

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: OS IMPACTOS NA MATERNAGEM

IMPACTOS DAS MÍDIAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM FEMININA

LIBERDADE E APRISIONAMENTO: LIDANDO COM A DESCOBERTA DE UM DIAGNÓSTICO TARDIO DE TDAH

O ENSINO SUPERIOR E AS EMOÇÕES: INFLUÊNCIAS DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ACADÊMICOS DE CURSOS DE SAÚDE DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DA ZONA DA MATA MINEIRA

A DESCOBERTA DA HOMOSSEXUALIDADE E AS DIFICULDADES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ FRENTE À CULTURA HETERONORMATIVA

Acadêmicas: Carolina Moreira Santanna Alves e Letícia Maria Teixeira Pereira

Orientadora: MSc. Alcione Januária Teixeira da Silveira.

Linha de Pesquisa: Psicologia e Processos Clínicos e da Saúde.

RESUMO

O predomínio da heteronormatividade como marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas se fez presente, com o objetivo de que vivam como heterossexuais, em uma cultura heteronormativa, onde toda a sociedade e as relações que os sujeitos criam entre si o dever de aderir ao padrão da heterossexualidade, sendo considerado legítimo. O objetivo deste trabalho foi analisar o impacto da cultura heteronormativa na autodescoberta e no desenvolvimento da identidade de pessoas LGBTQIAPN+. A proposta metodológica foi de natureza qualitativa, sendo utilizado um questionário como instrumento de pesquisa através da técnica bola de neve. Os resultados mostraram que os entrevistados não sabem identificar se sofrem preconceito ou não. Destacamos que gênero e sexo se caracterizam nos corpos por meio de normas regulamentais que, repetidas de forma constante, assumem o caráter de normalidade, tendo em vista o processo que disciplina as expressões de masculinidade e feminilidade. Por isso, os preconceitos sofridos por essa classe, denotam que os sujeitos acabam por normalizar as práticas discriminatórias e preconceituosas.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIAPN+; homossexualidade; cultura heteronormativa.

1 INTRODUÇÃO

Em história da sexualidade descrita por Foucault (1993), ele realiza uma série de análises, e ao invés de tomar a sexualidade como um dado prévio e natural, o filósofo se envolve em pesquisas que buscam mostrar quais relações de poder e estratégias políticas foram colocadas em prática e tiveram como efeito a produção dessa sexualidade. Ele expõe que as sociedades têm suas identidades sexuais moldadas e estabelecidas por meio de padrões de poder que se fundamentam na normatização da heterossexualidade.

As estruturas contemporâneas engessam categorias de identidade nos termos da coerência exigida pela matriz heterossexual, que faz referência a compreensão cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. Esse padrão é um regime de poder que acredita que a garantia de existência da identidade sexual depende da exclusão das outras. A autora Judith Butler (2003), parte de uma visão de sexualidade enquanto um dispositivo discursivamente constituído e politicamente condicionado por meio das relações de

poder e argumenta que, não existe em nossa sociedade um sujeito que não sofra desde o nascimento a marca do gênero; ela recorre à noção de poder desenvolvida por Foucault, admitindo que as relações de poder operam não apenas em nível repressivo, mas também produtivo.

O predomínio da heteronormatividade¹ como marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas se fez presente, com o objetivo de que vivam como heterossexuais (Miskolci, 2009). Em uma cultura heteronormativa, toda a sociedade e as relações que os sujeitos criam entre si devem aderir ao padrão da heterossexualidade, sendo considerado “natural” e legítimo (Freitas, 2018). A heterossexualidade é denominada como uma orientação sexual caracterizada pelo desejo e pela atração por pessoas do sexo oposto. De acordo com Katz (1966), três argumentos são estruturais para a “invenção” da heterossexualidade, sendo a sobrevivência da espécie humana, diferença biológica e o prazer físico proporcionado pela união de ambos.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 3º e 5º, traz que devem ser tratados de forma igualitária os direitos entre todos os seres humanos, e enfatiza a igualdade de todos perante a lei e o respeito à livre orientação sexual (Brasil, 1988). O surgimento do movimento homossexual iniciou na década de 70 no Brasil, quando houve uma adaptação brasileira da expressão americana *gay friendly*, dando início ao uso da sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) que, segundo Santos (2010), amplia as oportunidades para os homossexuais e eleva a diversidade da comunidade homossexual no país. Posteriormente a sigla foi atualizada para GLBT (adentrando os termos bissexual e transgênero) e, depois reescrita como LGBT (Lésbicas, Gays, Bi, Trans) entre outras siglas que foram se consolidando. Atualmente a sigla dita como a mais completa seria a LGBTQQICAPF2K+, (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Questionando, Intersexo, Curioso, Assexuais, Pan e Polisssexuais, Aliados, Two-spirit e Kink) tendo o símbolo + sido acrescentado à sigla para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero não representadas nela (Pires; Moura, 2023).

¹ Na heteronormatividade, todos os indivíduos e relações devem seguir o modelo heterossexual, considerado “natural” e legítimo. Isso significa que os não-heterossexuais são considerados aceitáveis desde que se identifiquem com a heterossexualidade como modelo, se comportando de uma maneira esperada (Freitas, 2018).

A sigla tem histórico de mudança de tempos em tempos e assume novas formas, para dar visibilidade a diferentes identidades e acompanhar estratégias políticas do movimento (Ciscati, 2019). No entanto, desde o seu surgimento, tem sido alvo de várias discussões sobre o que deveria ou não fazer parte e ser representado dentro dessa comunidade diversificada (Pires; Moura, 2023). De acordo com Pires e Moura (2022), não existe um consenso sobre qual sigla utilizar, nem sobre qual é a mais correta.

Portanto, a escolha para esse trabalho, vai de encontro a Santos (2023) que descreve a LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias sendo respaldada devido a representatividade que traz ao grupo de individualidades que compõe uma comunidade pautada pela diversidade sexual, biológica e de identidade de gênero.

O presente trabalho se justifica, primeiramente, pelo interesse das pesquisadoras sobre o tema a que se propõem analisar profundamente e o impacto da cultura heteronormativa na autodescoberta e no desenvolvimento da identidade de pessoas LGBTQIAPN+. Este estudo é essencial não apenas por seu valor acadêmico, mas também por suas implicações sociais, culturais e psicológicas.

Trabalhos como este, são relevantes para criação de novas políticas públicas e ações destinadas a apoiar e proteger essa comunidade, assim como dar visibilidade às pessoas LGBTQIAPN+ e conscientização para promover uma sociedade mais inclusiva e acolhedora.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No início, os antepassados do homem, antes nômades, num momento em que não existiam culturas, eram coletores que se regiam pelas mesmas leis que as espécies de animais viventes, a seleção natural. Sobrevivendo de vegetais, frutas, vivendo em bandos e migrando de forma contínua, tanto machos como fêmeas eram completamente bissexuais e, evidentemente, não estabeleceriam, até então, o vínculo que era a copulação e a reprodução (Capellano, 2011).

Na cultura ocidental, em meados do século XVIII, a criação científica embargou a sexualidade como um modelo unificado, onde compreende-se a mulher como um homem inferior e invertido, no ponto de vista estético e biológico respectivamente (Ceccareli, 2012). Acredita-se ainda na tentativa de imposição de

um comportamento específico, tendo em vista que as sociedades egípcias e mesopotâmicas antigas, que foram responsáveis por preceder a cultura ocidental, eram tolerantes às relações sexuais em sujeitos do mesmo sexo e também as reconheciam como prática da cultura, mitologia e literaturas (Faro, 2015).

A partir do século XIX deu-se início a existência da categoria homossexual, porém antes disso, existia a sodomia², um ato que não era permitido por motivos religiosos e, por isso, fazia parte da lista dos pecados graves (Santos, 2010). De acordo com Santos (2010), a homossexualidade perde a referência bíblica no século XVIII e passa a ser chamada de pederastia, tornando-se um crime contra o Estado, a ordem e a natureza. Além disso, a homossexualidade ainda era considerada uma aberração, uma confusão da natureza, não sendo reconhecida como uma identidade (Green, 2006). Devido a este fato, médicos e cientistas procuraram intervir de forma científica, física ou psicologicamente, na dita anomalia que acompanhava as pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo (Trevisan, 2007).

Segundo Santos (2010), durante o século XIX, deu-se início às tentativas de explicar cientificamente o fenômeno da homossexualidade, porém as buscas por respostas em fatores genéticos se tornaram um fracasso. Passou-se, então, à abordagem psicanalítica do autor Freud, que foi de grande contribuição para a psicologia e para retirar o debate em torno do homossexualismo do terreno moral, no entanto, ainda é encarado como uma manifestação patológica, o que vem sendo refutado.

No Brasil, a sociedade marginalizou e estigmatizou a homossexualidade, considerando-a doença e perversão por décadas. Trevisan (2007) descreve que, durante as décadas de 60 a 80, a história dos homossexuais no Brasil está ligada a eventos de autoritarismo. Os Homossexuais eram alvo de perseguições e humilhações públicas por parte de policiais e militares. Santos (2008) destaca a evidência da homossexualidade ser considerada uma prática sexual marginalizada, sendo prejudicial às pessoas envolvidas em relacionamentos do mesmo sexo, privando-as da liberdade e dos direitos desfrutados pelos heterossexuais.

² Sodomia é uma palavra de origem bíblica usada para designar atos praticados pelos moradores da cidade de Sodoma. Por muitos anos sodomia era interpretado como práticas sexuais de sexo anal entre um homem e outro homem ou uma mulher. Sodomistas são aqueles que questionam o plano divino na terra: crescer e multiplicar (Souza, 2021).

O preconceito, originando-se muitas vezes no seio familiar, representa um grande desafio quando a família rejeita escolhas que mudam da norma social. Conflitos extremos, como expulsões, agressões e até as mesmas execuções, podem ocorrer devido à não acessibilidade da orientação sexual. A orientação sexual não diminui a humanidade de alguém nem justifica os direitos em relação àqueles que seguem padrões sociais mais tradicionais. A exclusão social persiste em situações cotidianas, como a recusa de empregos nas empresas e a recusa de matrículas nas escolas, evidenciando a necessidade de mudanças (*Neto et al., 2022*).

No que se refere à psicologia, temos uma atuação histórica na promoção de cuidados com essa população, são 25 anos da Resolução n° 001/1999 do Conselho Federal de Psicologia, que estabelece normas de atuação para os/as psicólogos/as em relação à questão da Orientação Sexual (CFP, 1999). Nessa construção, tivemos outras resoluções estabelecendo normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos, normas de exercício profissional em relação às violências de gênero, disposições sobre a inclusão do nome social na Carteira de Identidade Profissional, além de normas de atuação para as(os) psicólogas(os) em relação à questão da orientação sexual, atuação em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais, e várias publicações de revistas e discussões do tema no intuito de inclusão políticas públicas para população LGBTQIAPN+ (CREPOP, 2023).

3 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que segundo Denzin; Lincoln (2006), os pesquisadores investigam os fenômenos em seus cenários naturais, buscando compreender os significados atribuídos pelas pessoas a esses fenômenos. Para coleta de dados, utilizamos questionário, no qual consiste em um conjunto de perguntas podendo ser abertas, fechadas ou mistas criadas no intuito de obter informações sobre um devido assunto ou objetivo final (Ribas, 2016).

Trabalhamos com a técnica bola de neve virtual. A técnica de amostragem bola de neve virtual é uma abordagem não probabilística utilizada em pesquisas científicas. Nesse método, os participantes selecionados convidam novos sujeitos de sua rede de amigos e conhecidos, criando uma “bola de neve” de recrutamento, a coleta de dados ocorre por meio de referências em cadeia, aproveitando redes sociais virtuais e a internet (Portella, Maliszewski, Martins, 2024).

Assim, como semente inicial, foi utilizado um grupo na plataforma do WhatsApp, que se identifica como Coletivo Representatividade LGBTQIAPN+. O critério de inclusão, foram universitários que se identificam como homossexual, acima de 18 anos, a abordagem foi realizada através de mensagem enviada pelas acadêmicas ao grupo em questão. Utilizou-se a plataforma Google Forms, que é uma ferramenta do Google a qual permite criar formulários de pesquisa e questionários sobre diversos assuntos, por ser online, facilita e amplia ainda mais no número de pessoas participantes (Boas, 2022). Ao receber o link de acesso ao questionário online, a pessoa convidada se deparou, inicialmente, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para análise dos dados, foi realizada a análise descritiva que é a etapa inicial no estudo de dados coletados, utilizando métodos estatísticos descritivos para organizar, resumir e descrever as características básicas de um conjunto de dados, ou para comparar essas características entre diferentes conjuntos de dados. Ferramentas como gráficos, tabelas e métricas de resumo, como porcentagens, índices e médias, são usadas para descrever os dados (Reis e Reis, 2002).

Espera-se com esta pesquisa subsidiar debates acerca da descoberta da homossexualidade e as dificuldades da comunidade LGBTQIAPN+ frente à cultura heteronormativa. Com esta pesquisa, pretendemos subsidiar compreensão mais profunda dessa experiência da descoberta da orientação sexual, ajudando a esclarecer os desafios emocionais, sociais e psicológicos que muitas pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam ao longo de suas vidas.

Todo o processo de elaboração do presente projeto, bem como a condução da abordagem aos sujeitos de pesquisa, os processos de consentimento, coleta e análise dos dados foram desenvolvidos com base na Resolução 510/2016 (Brasil, 2012) e ofício circular 2/2021. A pesquisa foi submetida ao CEP e aprovada sob número do Parecer: 6.585.323.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Expressar a orientação sexual, especialmente quando vai além da norma heterossexual, é uma ação que carrega consigo complexidades em um ambiente conhecido por sua intolerância em relação à diversidade sexual. Nesse contexto, tal revelação pode ser vista não apenas como uma expressão pessoal, mas também como um ato político. Em determinados cenários, indivíduos que se autodeclaram

homossexuais ou bissexuais com frequência, optam por ocultar sua orientação sexual. Em diversos casos, esse comportamento visa à autodefesa, uma vez que é um público-alvo de violência no país (Carvalho e Barreto, 2021). A pesquisa foi respondida por 15 participantes e abaixo, a Tabela 1 apresenta o perfil deste grupo.

Tabela 1 - Perfil dos participantes da pesquisa

Idade dos participantes	%
19 anos de idade	6,67
20 anos de idade	20,00
22 anos de idade	20,00
23 anos de idade	13,33
24 anos de idade	6,67
25 anos de idade	13,33
26 anos de idade	6,67
27 anos de idade	6,67
44 anos de idade	6,67
Sexualidade dos pesquisados	%
Sou Homossexual (atraído pelo mesmo gênero)	60
Sou Bissexual (atraído por ambos os gêneros)	40
Como os participantes se identificam	%
Lésbicas	33,3
Gays	26,7
Bi	40
Relação das religiões dos participantes	%
Católica (o) não praticante	33,3
Católica (o)	40
Acredito em Deus, mas não tenho religião	26,7

Fonte - Elaborado pelas autoras

Em resposta à pesquisa, houve a representatividade de um público diverso com idades entre 19 e 44 anos. Observou-se que 60% responderam ser homossexualis e 40% Bissexuais. No que se refere à religião, observou-se que a maioria, 40%, se caracteriza como católico, seguido de 33,3% de católico não praticante, e de 26,7% acredita em Deus, mas não tem religião. Quando perguntados se vivenciaram algum preconceito na igreja, as respostas ficaram

divididas em 40% terem sofrido preconceito, 46,7% disseram que não e 13,3% não souberam identificar.

As percepções que existem sobre a homossexualidade dentro das religiões, consideram que a espiritualidade e a religiosidade são pilares fundamentais na elaboração da história do ser humano. As religiões tendem exercer influência em seus participantes, uma vez que ponderam princípios para participação e, tais princípios ditam comportamentos sexuais (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017).

Perguntados ainda, sobre sofrerem algum preconceito no ambiente acadêmico por ser um estudante LGBTQIAPN+, 33,3% dos pesquisados responderam que sim, 60% disseram não e 6,7% responderam não saber identificar.

Sabe-se que as universidades não são um ambiente separado da sociedade, com certa frequência tendem a reproduzir situações pelas quais as pessoas LGBTQIAPN+ são submetidas fora dela. Entretanto, os ambientes escolares devem pontuar uma relação de acolhimento a fim de que o indivíduo aproveite bem seu curso, permitindo que se desenvolva socialmente e possa se tornar quem quiser ser, além do âmbito profissional (Sumares, 2020). Acredita-se que o ambiente educacional é um importante elo no combate às normatizações e propagador da diversidade e inclusão além da transformação do papel da instituição educacional, tornando-o fonte de discussão a fim de contribuir para aprofundar questões de cidadania e direitos humanos, tendo como papel fundamental, o combate às formas de opressão (Carvalho; Oliveira, 2015).

Quando questionados sobre terem sofrido alguma forma de preconceito por ser uma pessoa LGBTQIAPN+ no ambiente familiar, 70,6% dos entrevistados responderam que sim, 17,6% disseram que não e outros 11,8% não souberam identificar.

Historicamente as famílias são “guardiãs” da sexualidade de seus filhos e filhas, tendo a autoridade de questionar o modo pelo qual os sujeitos a vivenciam. É na família que o sujeito consolida os sentidos de existência e autenticidade, a fim de que se sintam pertencentes. Portanto, há a necessidade de aceitação e reconhecimento, sendo um modo de subjetivação do indivíduo, criando vínculos de amor. No entanto, com intuito de fazer cumprir as premissas da heteronormatividade, as famílias investem inconscientemente para que suas crianças atendam as correspondências das performances correspondentes ao sexo biológico (Toledo; Teixeira Filho, 2013).

Referente à perspectiva social, 76,5% afirmaram sofrer algum preconceito na sociedade e em seu convívio por ser uma pessoa LGBTQIAPN+, enquanto 17,6% afirmaram não sofrer e outros 5,9% não souberam identificar. Nos chama atenção nas respostas dos entrevistados, o não saber identificar se sofrem preconceito ou não.

Butler (2015) mencionou que gênero e sexo se caracterizam nos corpos por meio de normas regulamentais que, repetidas de forma constante, assumem o caráter de normalidade, tendo em vista o processo que disciplina as expressões de masculinidade e feminilidade. Por isso, os preconceitos sofridos por essa classe, denota que os sujeitos acabam por normalizar as práticas discriminatórias e preconceituosas.

No entanto, todos os participantes, afirmaram que já presenciaram alguma situação em que alguém foi vítima de preconceito tendo relação com seu gênero e ou identidade de gênero.

As pessoas que compõem esse grupo apresentam uma degradação da qualidade de vida que os coloca em um lugar de vulnerabilidade em relação às pessoas não pertencentes. Jovens que não são aceitos pelas famílias, apresentam como consequência um potencial elevado o abandono. Vivenciam episódios de ódio, violência no meio familiar, na escola, em serviços de saúde onde alegam despreparo dos profissionais para tratar deste público (Silva *et al.*, 2021).

Indagando aos pesquisados se eles acreditam que a escola impactou no seu processo de identificação, ou como influenciou ou influência no seu reconhecimento como LGBTQIAPN+. As respostas foram descritas abaixo:

Influenciou negativamente. Quando estamos na escola não temos um opinião própria bem formada e o ambiente opressor dificulta esse processo (José³, 2024).

No meu caso não, mas acredito fielmente que a educação é a chave para qualquer coisa, a educação sexual é a porta de entrada para a própria identificação enquanto pessoa (Paulo, 2024).

Sim, a escola retardou meu processo de aceitação da sexualidade (Joana, 2024).

Com certeza absoluta. Tanto de forma negativa como positiva a depender da fase do ciclo que eu estava e a cidade que eu morava (ID, 2024).

³ Durante a pesquisa, foi perguntado como gostariam de ser chamados. Aos que não colocaram nome, foram criados nome fictícios para manter o anonimato dos entrevistados.

Sim, principalmente por ser um ambiente de formação de opinião. A relação com pessoas que se identificam LGBTQIAPN+ também (Pedro, 2024).

Destaca-se a perspectiva escolar, para que haja equidade e promoção de uma sociedade justa e igualitária, mais aberta à diversidade, e a educação se torna pilar principal de construção de estratégias. Diversificar o ensino elimina atitudes discriminatórias e promove a convivência com as diferentes maneiras de viver e valores sociais (Vianna, 2015).

Foram questionados ainda, respeito da crença no impacto da família no processo de identificação e as respostas foram:

Com certeza sim, a família é responsável por grande parte dos processos de reconhecimento do indivíduo. Comigo, por exemplo, tive uma fase em que não me aceitava por que não tinha o apoio da minha família (Mila, 2024)

Sem dúvidas. Meu irmão mais velho já era assumido. E eu tinha visto o processo todo ao contar para nossos pais. Isso fez com que eu recriminasse o que eu sentia por muito tempo. Na verdade, só conversei de forma aberta com minha mãe até hoje. Meu pai, nunca senti necessidade. Ele é um pouco distante (ID, 2024)

Acredito que para todos. Uma vez que, possivelmente haja um respeito exacerbado pela família, principalmente se tratando do processo de reconhecimento em si, são várias lacunas até de fato se encaixar (Alice, 2024).

A revelação ou descoberta da identidade sexual ou até mesmo do gênero pelo qual o filho se identifica é visto para alguns pais como um momento chocante. Sentimentos de decepção, vergonha, tristeza e desespero são incorporados à realidade da família que denota como uma espécie de traição do filho. Contudo, os conflitos que são advindos da família transbordam emoções profundas, mesmo que dolorosas. Em casos que há “aceitação”, a importância torna-se gigantesca para esse indivíduo que retribuir para afirmar a lealdade e consideram-se por “sortudos” (Novo, 2023).

Outro ponto levantado na pesquisa, indagou como os discursos que reproduzem comportamentos padrões de heterossexuais impactam na vivência da pessoa LGBTQIAPN+. Nesse contexto, respostas foram:

Fizeram com que eu me sentisse suja ou diferente (Laryssa, 2024).

Tenho é nojo, é cada coisa que a gente tem que ouvir por causa de uma normativa (Paulo, 2024).

Hoje em dia eu tento não me desestabilizar com isso, já houve um tempo em que eu ficava mal e me sentia injustiçada, mas no geral é nítida a falta de adequação para a comunidade LGBTQIAPN+ (Mila, 2024).

Como se o comportamento diferente não pudesse ser considerado normal! (Laura, 2024).

Na minha profissão, professor de educação física, estou fora do padrão dos outros professores (Carlos, 2024).

A visão projetada negativamente na pessoa homossexual acaba por internalizar sentimentos de inferioridade em relação a pessoas que seguem os padrões heteronormativos. Nesse sentido, sustenta-se que o preconceito pode desencadear questionamentos a respeito de seu valor como pessoa, gerando no sujeito em casos extremos, ódio por si mesmo (Cardoso; Ferro, 2012).

Após questionamento sobre quais mecanismos de enfrentamento, encontram para lidar com conservação da opressão heteronormativa no dia a dia e se poderiam dizer alguma coisa sobre o assunto, obtivemos as seguintes contribuições:

Enfrentei ser expulsa de casa, defendi a comunidade a todo momento quando éramos referidos a "inúteis" ou com ironia (Laryssa, 2024).

Generalização. Não individualizam as pessoas sexuais, não tem capacidade de entender sexualidade. Se uma lésbica é promíscua, logo entendem que todas são, não diferencia caráter (11, 2024).

Me deixam muito frustrada e chateada. Parece não haver evolução (ID, 2024).

Atualmente consigo expor minha opinião com maior clareza e conduzir um diálogo de forma pacífica (Alice, 2024).

A relação da baixa autoestima gerada pelo preconceito nessa população pode causar episódio de depressão, insegurança, culpa, desconfiança, medo, dificuldade no estabelecimento de vínculos amorosos e afetivos, ideação suicida, envolvimento com drogas e até mesmo transtornos alimentares (Cardoso; Ferro, 2012).

Questionamos ainda, sobre a crença de que a cultura heteronormativa impacta em sua autodescoberta e no desenvolvimento de sua identidade, e os pesquisados contribuíram dizendo:

Óbvio, crescemos apreendendo que o "normal" é ser hétero e qualquer coisa que não seja isso, é errada e suja. Com isso, enfrentei vários problemas de aceitação, chegando por vezes me machucar para "retirar" isso de mim (Mila, 2024).

Sim, "tentei" ser hétero até os 18 anos (Pedro, 2024).

Com certeza. Impacta até hoje. Eu tenho muito receio de rejeição, demorei a assumir que estava apaixonada e sempre tenho dificuldade com esse primeiro passo acreditando que por ser um relacionamento sáfico, serei rejeitada, não valerei "a pena". Além disso, eu também tenho dificuldade em expressar afeto, em forma de toque físico em público. Não porque não

gosto, mas porque prefiro evitar confusões, que sei que não irei me ausentar em caso de uma ação preconceituosa (ID, 2024).

O preconceito é uma violência que se expressa em características sociais, de gênero, estéticas, por exemplo. O preconceito é um resultante de um compilado de naturalização de padrões que foram mantidos por instituições como mídia, escola e a própria família. Padrões tendem a gerar uma clivagem que propicia uma marginalização de pessoas, categorizando-as como normais e anormais (Moretti-Pires *et al.*, 2020).

Por fim, foi deixado um espaço livre, caso desejassem compartilhar algo sobre a temática para a pesquisa e sete pesquisados disseram:

Bom... Já fui chamada de nojenta e levei um tapa na cara pela minha mãe (Laryssa, 2024).

Um fato interessante que eu passei por conta da sexualidade, fizeram uma "simpatia" para eu voltar a ser mulher e pediram um padre para fazer uma novena comigo. A sexualidade no meu caso foi vista como algo do demônio, que precisava ser retirada e limpa. (Mila, 2024).

Creio que o assunto é de sua relevância, visto que a sociedade nos oprime e tenta invalidar nossas vontades a todo momento (Carlos, 2024).

São tantos... mas vou me ater hoje a agradecer o estudo da temática. Acho que é a única forma de combate à desinformação e a melhor forma de responder aos retrocessos de nossa sociedade. Gratidão (ID, 2024).

Já foi falado que se eu continuasse no caminho eu não teria mais mãe e pai e até que se eu tinha um pinto no meio das pernas para gostar do mesmo sexo (Pedro, 2024).

Na verdade, não me sinto excluído, ou algo parecido! Quem se dá o respeito será respeitado (Paulo G, 2024).

Silva *et al.* (2021), relataram que, quando pessoas consideradas normais e pessoas estigmatizadas se encontram, evidenciam o enfretamento das causas e efeitos dos estigmas sociais. O indivíduo é direcionado a percorrer caminhos performáticos desde a infância, a escola e outras instituições e demais locais de socialização, baseiam-se nesses padrões heteronormativos, potencializando a construção machista e sexista (Silva; Barbosa, 2016). Percebe-se a importância de falar sobre o assunto, uma vez que o Brasil é escasso nos conhecimentos a respeito das necessidades da população LGBTQIAPN+, a fim de fomentar o desenvolvimento de políticas públicas para a comunidade (Silva *et al.*, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se significativo o impacto das expectativas sociais e familiares tradicionais nas jornadas de autodescoberta e desenvolvimento da identidade das pessoas LGBTQIAPN+. Os discursos e comportamentos normativos que são reproduzidos socialmente mantêm essas pessoas discriminadas e excluídas. De acordo com os resultados da pesquisa, é difícil aceitar e comunicar a própria identidade em um contexto que prioriza apenas as normas heterossexuais e cisgêneras.

Ao lidar com esses obstáculos, os participantes apresentam estratégias inventadas de maneiras de sobreviver, incluindo defender ativamente seus direitos e buscar locais seguros e apoio. Contudo, é evidente que ainda há muito trabalho a se fazer para combater o preconceito e construir uma sociedade mais inclusiva.

Por fim, destaca-se a importância de debater e desafiar as normas sociais tradicionais que continuam a marginalizar e oprimir aqueles que não se sentem representados pelas normas da sociedade. A sensibilização e a promoção do respeito pela diversidade são cruciais para garantir que todas as pessoas possam viver com dignidade e direitos iguais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307716548_Analise_de_Conteudo. Acesso em: 11 de jun. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2003. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf>. Acesso em: 30 set.2023.

BOAS, R. **Google Forms: o que é, para que serve e como funciona?** 21 set. 2022. Disponível em: <https://workstars.com.br/marketing/ferramentas/google-forms-o-que-e-para-que-serve/>. Acesso em: 23 set. 2023

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 18 nov. 2023.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº466, de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 11 de jun.2024.

CAPPELLANO, Carlos Luiz. **Breve Histórico da Homossexualidade**. 2011. Disponível em: <https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana>. Acesso em 29 de jun. de 2024.

CARDOSO, M. R.; FERRO, L. F. Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. **Psicologia: ciência e profissão**, [s.l.] v. 32, p. 552-563, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/8pg9SMjN4bhYXmYmxFwmJ8t/>. Acesso em: 11 de jun.2024.

CARVALHO, A.; BARRETO, R. **A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados**: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019? 4 jun. [s.l.], 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12002021>. Acesso em: 24 nov. 2023.

CARVALHO, B. R. de; OLIVEIRA, L. S. **UNIVERSIDADE FORA DO ARMÁRIO: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA A EXECUÇÃO DE UM PROJETO DE COMBATE A HOMOFOBIA E A TRANSFOBIA NO PONTAL DO TRIÂNGULO MINEIRO**, [s.l.], 2015. Disponível em: <https://www.crp15.org.br/wp-content/uploads/2020/06/universidade-fora-do-arm%C3%A1rio.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2024.

CECCARELLI, P. R.; FRANCO, S. Homossexualidade: verdades e mitos. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [s.l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2315>. Acesso em: 28 jun. 2024.

CISCATI, R. **LGBTQIA+**: o que a sigla significa, e por que ela muda em tempos e tempos. BRASIL de DIREITOS. **Impulsionado por Fundo Brasil**. [s.l.], 2019. Disponível em: https://www.brasilledireitos.org.br/atualidades/por-que-a-sigla-lgbtqia-mudou-ao-longo-dos-anos?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=lgbtqia&gad_source=1&gclid=CjwKCAiA04arBhAkEiwAuNOslroGm9cSzw4EkvEU7mzUr0HMwV93l-CNUCTaaABUxHpebjoDHfBMIBoCGVcQAvD_BwE. Acesso em 25 de nov. de 2023.

CFP - Conselho Federal de Psicologia. RESOLUÇÃO CFP N° 001/99, DE 22 DE MARÇO DE 1999. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em 18 de nov. 2023.

CREPOP - Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). **Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+** [recurso eletrônico] / Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. — Brasília: CFP, 2023.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa :O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. **Corpo em Trânsito**, Porto Alegre, 2006, Disponível em:

<https://corpoemtransito.wordpress.com/2015/04/08/denzin-lincoln-2006/>. Acesso em: 23 de set. de 2023.

FARO, Julio Pinheiro. Uma nota sobre a homossexualidade na história. **Revista Subjetividades**, v. 15, n. 1, p. 124-129, 2015.

FOUCAULT, M. História da sexualidade. **A vontade de saber**. Rio de Janeiro, v. 1, 13 ed., Graal, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf. Acesso em 30 set. 2023.

FREITAS, L. **A importância do reconhecimento social na construção da identidade sexual de mulheres não heterossexuais no sul da Bahia**. 2018. Bahia, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vM4Xvwpgq9w5Y4ht9sXbBNG/>. Acesso em: 11 de jun.2024.

GREEN, S.P. **A construção sócio-histórica da homossexualidade**. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25742/25742_3.PDF. Acesso em: 11 de jun.2024.

KATZ, J. N. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. Disponível em: <https://doceru.com/doc/vnnsc88>. Acesso em 31 set. 2023.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan/jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023

MORETTI-PIRES, R. O.; GUADAGNIN, L. I.; TESSER-JÚNIOR, Z. C.; CAMPOS, D. A. de.;TURATTI, B. O. Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero entre Estudantes de Medicina de 1º ao 8º Semestre de um Curso da Região Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 43, p. 557-567, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/dn39DWyg4kQkVJVrYWPcN6K/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 11 de jun.2024.

NETO, A.; FONTENELE, A.; TABOSA, L. **Homossexualidade e dificuldades na sociedade brasileira**. [s.l.], 2 maio 2022. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/97613/homossexualidade-e-as-dificuldades-enfrentadas-na-sociedade-brasileira>. Acesso em: 24 nov. 2023.

NOVO, A. L. C. FAMÍLIAS FORA DO ARMÁRIO”: EMOÇÕES E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA EM UMA ASSOCIAÇÃO DE MÃES E PAIS DE FILHOS LGBT. **Antropologia e Direitos Humanos**, [s.l.], v. 22, p. 49. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/105515102/LADH0010-libre.pdf?> Acesso em: 11 de jun. 2024.

PIRES, E.; MOURA, B. LGBTQQICAPF2K+ entre a transparência e a opacidade: as

restritivas na determinação das identidades. **Revista letras**, Curitiba, n. 105, p. 180-196, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/85298/48877>. Acesso em: 11 de jun.2024.

Portella Ribeiro J, Szczecinski Maliszewski L, de Sá Luz Martins E. **Técnica de amostragem “bola de neve virtual” na captação de participantes em pesquisas científicas**. J. nurs. health. [Internet]. 26º de abril de 2024 [citado 2º de julho de 2024];. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/26636>. Acesso em: 29 jun.2024.

REIS, E. A.; REIS, I. A. **Análise Descritiva de Dados**. Relatório Técnico do Departamento de Estatística da UFMG, 2002. Disponível em: <https://www.est.ufmg.br/portal/wp-content/uploads/2023/01/RTE-02-2002.pdf> Acesso em: 28 jun. 2024.

RIBAS, J. **Questionário de pesquisa: entenda por que fazer e como criar**. In:Rockcontent., nov. 2016. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/questionario-de-pesquisa/>. Acesso em: 3 out. 2023.

RIBEIRO, L. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 29, p. e162267, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/DHhdyy85vxNPF7qsSK7Y5my/?lang=pt>. Acesso em: 11 de jun.2024.

SANTOS, É. N. dos. Adolescência, homossexualidade, gênero: a psicologia sócio-histórica como um novo caminho. **Revista de Psicologia da UNESP**, [s.l.], v. 7, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/42#:~:text=Tentando%20construir%20novos%20caminhos%20nas%20ci%C3%AAncias%20psicol%C3%B3gicas%2C%20para,grande%20parte%20dos%20profissionais%20e%20pesquisadores%20em%20psicologia>. Acesso em: 11 de jun. 2024.

SANTOS, L. S. dos. **Conviver com vivência: reflexões acerca do panorama da população LGBTQIAPN+ perante os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) no contexto das políticas públicas de assistência social do município de São Paulo**. 2023. 109 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66744>. Acesso em: 11 de jun.2024.

SANTOS, J.B. **A condição de ser LGBT e a permanência na universidade: um estudo de caso no curso de pedagogia -educação do campo**. Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2017. Disponível em: <http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2017/18/a-condicao-de-ser-lgbt-e-a-permanencia-na-universidade-um-estudo-de-caso-no-curso-de-pedagogia-educacao-do-campo>. Acesso em: 30 set. 2023

SILVA, C. P. DA; CARDOSO, R. R.; CARDOSO, Â. M. R.; GONÇALVES, R. S.

Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.] v. 26, p. 2643-2652, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/TCJ6mXyyK4pB94FDNhcjZZc/>. Acesso em: 11 de jun.2024.

SILVA, L. V. da; BARBOSA, B. R. S. N. **Sobrevivência no armário**: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. *Estudos de religião*, v. 30, n. 3, p. 129-154, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342616>. Acesso em: 11 de jun.2024.

SILVA, T. A.; GUTIERREZ, D. M. D.; HONORATO, E. J. S'A.; FONSECA, I. M. H.; MARTINS, A. A. Movimento LGBT, políticas públicas e saúde. *Amazonica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, [s.l.] v. 21, n. 1, Jan-Jun, p. 191-208, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/4715>. Acesso em: 11 de jun.2024.

SUMARES, G. O que faz uma universidade ser boa para pessoas LGBT?. **Estudar Fora**. [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/universidades-boas-pessoas-lgbt/>. Acesso em 07 de maio de 2024.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA, F. S. F. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229029496005.pdf>. Acesso em: 11 de jun.2024.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3 ed. Rio de Janeiro, Record, 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/crt-6187>. Acesso em: 10 de jun.2024.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 3 out. 2023.

VIANNA, C. P. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], v. 41, p. 791-806, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/LBDYPy9CZ3pGLJ4Sk4HVdQm/>. Acesso em: 11 de jun.2024.

ANEXO ANEXO I

Questionário (Adaptado de Anjos, 2022) - Questionário será realizado através da Plataforma Google Forms

1 - Idade

2 - Considerando que orientação sexual refere-se à atração emocional, física e sexual por outras pessoas. Qual sexualidade melhor lhe define?

- Sou Homossexual (atraído pelo mesmo gênero) Sou Heterossexual (atraído pelo gênero oposto) Sou Bissexual (Atraído por ambos os gêneros)
 Sou Assexual (Não se sente atraído por nenhum gênero) Outro: _

3- Sabemos da sigla LGBTQIAPN+, como uma forma de abranger as pessoas. Como você se identifica melhor?

- Lésbicas Gays
 Bi
 Trans
 Queer/Questionando Intersexo
 Assexuais/Arromânticas/Agênero Pan/Pôli
 Não-binárias E mais...

4 - Você gostaria de sugerir um nome fictício ao qual podemos nos referir a você na escrita dessa pesquisa? Se sim, qual?

5 – Você é estudante de que curso?

6 - Em relação a sua cor, você se considera:

- Branca(o)
 Negra(o) Indígena Parda(o)
 Amarela, origem asiática(o) Outra

7 - Em relação à religião, você diria que é:

- Acredito em Deus, mas não tenho religião Ateu
 Budista
 Católica(o)
 Católica(o) não praticante Evangélico(a)
 Praticante de religião afro-brasileira Prefiro não declarar
 Tenho outra religião. Qual? _

8 - Você sofreu ou sofre algum preconceito por ser um/uma estudante LGBTQIAPN+? Sim

- Não

Não sei identificar

9 - Você sofreu ou sofre algum preconceito em sua família por ser uma pessoa LGBTQIAPN+?

Sim

Não

Não sei identificar

10 - Você sofreu ou sofre algum preconceito na sociedade em seu convívio por ser uma pessoa LGBTQIAPN+?

Sim

Não

Não sei identificar

11- Você sofreu ou sofre algum preconceito na igreja de seu convívio por ser uma pessoa LGBTQIAPN+?

Sim

Não

Não sei identificar

12 - Você já presenciou alguma situação em que alguém foi vítima de preconceito relacionado ao seu gênero/identidade de gênero?

Sim

Não

13 - Você acredita que a escola impactou no seu processo de identificação? Ou como influenciou ou influencia no seu reconhecimento como LGBTQIAPN+?

14 Você acredita que a sua família impactou no seu processo de identificação? Ou como influenciou ou influencia no seu reconhecimento como LGBTQIAPN+?

15 Como os discursos que reproduzem comportamentos padrões de heterossexuais impactam sua vivência?

16 - Que mecanismos de enfrentamento você encontra para lidar com conservação da opressão heteronormativa no dia a dia? Você pode citar alguma situação de enfrentamento que você vivenciou para defender sua identidade de gênero e/ou sexualidade:

17 – Você acredita que a cultura heteronormativa impactou em sua autodescoberta e no desenvolvimento de sua identidade?

18 - Existe alguma coisa que você deseja compartilhar? Algum assunto sobre a temática que você gostaria de falar? Sinta-se à vontade para relatar.

A VIVÊNCIA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E O IMPACTO NA MATERNAGEM

ACADÊMICAS: Maria Isadora De Fátima e Ramyla Carla Francisca

ORIENTADORA: Fernanda Bicalho Pereira.

LINHA DE PESQUISA: Linha 1: Psicologia e Processos Clínicos e da Saúde

RESUMO

A violência obstétrica é uma forma de violência de gênero reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que afeta mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal, manifestando-se em práticas abusivas e desrespeitosas por parte de profissionais de saúde. Esse fenômeno, descrito como um problema de saúde pública, resulta em traumas físicos e psicológicos para as mulheres, podendo levar até ao óbito tanto da mãe quanto do bebê. A violência obstétrica pode ocorrer em várias etapas do período gestacional, desde o pré-natal até o pós-parto, e inclui atos como procedimentos invasivos sem consentimento, xingamentos e humilhações. Estudos apontam que uma em cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência obstétrica durante o parto. Este estudo objetiva analisar as vivências e os impactos da violência obstétrica na saúde mental de uma mulher vítima, utilizando uma abordagem fenomenológica para compreender a experiência subjetiva da participante. A pesquisa envolveu uma entrevista semiestruturada com uma mulher de 26 anos que sofreu violência obstétrica durante o parto, revelando categorias como o conceito de violência obstétrica, vivência da gestação e experiência de parto. A análise indicou que a violência obstétrica é uma violação dos direitos humanos das gestantes, reforçando a necessidade de políticas públicas que garantam um atendimento humanizado e respeitoso. O estudo destaca a importância das redes de apoio familiar e social para mitigar os efeitos negativos da violência obstétrica e promover a saúde e o bem-estar das mulheres durante a maternidade.

PALAVRAS-CHAVE: violência obstétrica; gravidez; maternidade

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência pode ser definida como uma conduta de força física e/ou domínio perpetrada por um indivíduo ou coletivo, culminando em sofrimento, óbito, lesão psicológica, atraso no progresso ou privação de direitos vitais à existência. Lansky *et al.* (2019) acrescentam que o termo "Violência Obstétrica" passou a ser utilizado recentemente pela própria OMS que, no ano de 2014, reconheceu esse tipo de violência vivenciada por mulheres no período gestacional, considerando-o atualmente como um problema de saúde pública.

Nessa perspectiva, o termo Violência Obstétrica (VO) surgiu a fim de destacar as práticas adotadas pelos profissionais de saúde em relação às mulheres, infringindo os direitos da parturiente e de seu bebê, podendo ocorrer em vários

estágios do ciclo gravídico-puerperal, e resultando em numerosas sequelas, tanto de natureza psicológica quanto física (Silva; Souza; Leite, 2019).

De acordo com Castro (2022), a violência obstétrica (VO) é definida como violência contra a mulher no que se refere à prática realizada baseada no gênero, ocasionando dano, sofrimento físico e psicológico e até o óbito, tanto da mulher quanto do bebê, durante os procedimentos. Essa violência é compreendida como desrespeito à mulher, ao seu corpo e aos seus desejos, podendo ser praticada através de xingamentos, situações humilhantes e constrangedoras, violência física, como a realização de procedimentos invasivos e desnecessários e sem o consentimento da mulher.

A violência obstétrica pode ocorrer durante todo o processo gestacional, desde o pré-natal até o pós-parto, em que podem ocorrer agressões, práticas abusivas e desrespeitosas com a mulher. Essa prática também pode ocorrer com mulheres que buscam atendimentos para aborto e assim sendo violentadas por esses profissionais. Essa violência é caracterizada como uma manifestação particular de violência de gênero (Suaia; Serra, 2016).

Entende-se, assim, que a violência obstétrica é o ato praticado contra mulheres no que se refere à sua vida reprodutiva e sexual, e, além de ser praticado por profissionais da saúde, pode ser observado em instituições públicas e privadas, servidores públicos, profissionais técnico-administrativos e também por civis (Brasil, 2012).

De acordo com os dados da pesquisa realizada por Lansky *et al.* (2019), há uma estimativa do ano de 2018 que revela que uma entre quatro mulheres sofre algum tipo de violência durante o seu período gravídico-puerperal; violências como procedimentos desnecessários e dolorosos, situações vexatórias, negligências quanto à aplicação de anestesia, cesáreas de formas não consentidas, dentre outras. Esse estudo relata que cerca de 10% das mulheres que participaram da pesquisa apontaram que sofreram algum tipo de violência obstétrica durante o parto.

Dessa maneira, com o intuito de compreender as questões que envolvem esse tema tão recorrente na nossa sociedade, ficam os questionamentos: de quais maneiras a violência obstétrica ainda ocorre na atualidade? Há impactos na subjetividade e na saúde mental da mulher que experimenta violência no ciclo gravídico-puerperal?

Nessa perspectiva, com o fim de responder a tais questionamentos, o presente trabalho tem como objetivo analisar as vivências da violência obstétrica e o impacto na saúde mental de uma mulher vítima.

Este estudo ganha ainda mais relevância ao considerarmos a conexão com a questão da violência obstétrica. Ao abordar direitos humanos, saúde materna e infantil, qualidade dos serviços de saúde, igualdade de gênero, empoderamento das mulheres e mudanças sociais e culturais, destaca-se a importância de combater a violência obstétrica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Período gestacional é marcado pela espera e preparação da mulher para o momento do parto; no processo de pré-natal, a gestante recebe atendimento especializado, o qual é considerado de grande importância para que essa gestante possa realizar exames e consultas com o intuito de detectar possíveis doenças durante esse processo. Além de receber orientações de saúde sobre sua alimentação, condição física, informações sobre o parto, evitando, assim, possíveis complicações para o bebê e a gestante (Barros; Moraes, 2020).

Em relação ao processo de pré-natal, os autores afirmaram que:

Tem como objetivo, por meio do acompanhamento da gestação, assegurar o nascimento do recém-nascido saudável, sem impacto para a saúde materna. Uma atenção pré-natal de qualidade é capaz de diminuir a morbimortalidade materno-infantil. (Silva *et al.*, 2021, p.2).

Melo *et al.* (2023) descrevem a gravidez como um ciclo gravídico-puerperal, o qual é um período marcado por significativas transformações físicas, psicológicas e sociais da vida da mulher, afetando todos aqueles que fazem parte de seu círculo familiar. Em virtude das alterações fisiológicas, anatômicas, psicológicas e sociais, a mulher se encontra em um estado de vulnerabilidade devido à nova responsabilidade de se tornar mãe, o que a torna suscetível a conflitos e desafios que podem impactar sua saúde mental tanto de forma direta quanto indireta.

No início da segunda década do século XX, houve um aumento significativo da tecnologia, assim iniciando a hospitalização de mulheres para a realização do parto; esse deixa de ser considerado como “ritual de feminilidade” e passa a ser visto como algo patológico que necessita de cuidados e intervenções medicamentosas. Atualmente, o parto vaginal é visto como um evento de dor e

sofrimento intenso, no qual muitas gestantes optam pelo parto cesariano (Brandt *et al.*, 2018).

De acordo com Ribeiro *et al.* (2021), com o passar dos anos houve um grande aumento de intervenções de medicalização durante o parto, resultando na falta de protagonismo da mulher nesse momento, não podendo ter sua capacidade de tomada de decisão no que se refere ao seu procedimento de parto e autonomia sobre o próprio corpo. Dessa forma, com a realização de procedimentos invasivos durante a cesariana, configura-se a violência obstétrica, que é considerada pela OMS como uma questão de saúde pública.

No que se refere ao aumento de cirurgias cesarianas no Brasil, os autores Silva *et al.* (2019) relatam que:

Em 2016, a cesariana representou 88% das vias de nascimento nos serviços privados e 46% no Sistema Único de Saúde (SUS), alcançando uma taxa média de 52% (6). Tal taxa é muito superior ao limite máximo de 15% recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). (Silva *et al.*, 2019, p. 246).

Ao se falar sobre VO, essa pode ser definida como desrespeito à mulher durante o seu parto, no qual seu corpo e suas vontades são violados; essa violência pode ser em forma de violência verbal, física, sexual ou psicológica. O termo VO foi definido recentemente e compõe assim um novo campo de estudo, pois, atualmente, trata-se de uma prática cada vez mais comum nas salas de parto, tanto dos setores públicos quanto privados. Dados afirmam que 25% das mulheres sofreram algum tipo de VO ao longo dos anos (Medeiros; Nascimento; Castro, 2022).

Alguns estudos relatam que uma em cada quatro mulheres sofre violência obstétrica durante o parto, e, na maioria desses casos, essas mulheres não recebem nenhum tipo de assistência jurídica e tampouco psicológica. Esses casos são ignorados pelas autoridades, o que evidencia a falta de investigações dessas negligências direcionadas às mulheres, acarretando a ausência de punições cabíveis aos agressores (Rodrigues, 2023).

Segundo Lansky *et al.* (2017), a violência obstétrica (VO) é considerada como uma violência de gênero, pois se dirige às mulheres, assim perpetuando relações de desigualdades através de relações desiguais de poder impostas pela sociedade. Mulheres de baixa renda são geralmente as mais afetadas por esse tipo de violência, pois é sabido que esse público-alvo desconhece, na maioria das vezes, seus direitos enquanto gestantes, sendo por isso reféns dessa violência.

Essa violência pode ser em forma física, emocional e psicológica, podendo acarretar traumas para as mulheres, como, por exemplo, a depressão pós-parto, dificuldades em se adaptar com seu filho, impedimento de geração de vínculos afetivos com o bebê em decorrência do trauma vivenciado e até mesmo dificuldades no processo de amamentação devido à dificuldade de vínculo com o bebê, dentre outras complicações de saúde tanto físicas como também emocionais (Brasil, 2012).

De acordo com Moura *et al.* (2017), com as elevadas taxas de incidência de VO no Brasil, o Ministério da Saúde fez a implantação do programa Rede Cegonha, que visa a oferecer atendimento humanizado às gestantes, dando assistência médica e psicológica durante esse período para que possa reduzir as taxas de violência obstétrica e, por conseguinte, a mortalidade neonatal e materna.

Permanece, em algumas instituições, uma cultura enraizada que encara a VO como um evento banal, invisível e até mesmo natural no contexto assistencial. Tal fato acarreta um paradigma marcado por discursos opostos entre profissionais, que não reconhecem a prática como uma violação dos direitos humanos, e usuárias, que se sentem violentadas pelos primeiros (Souto, 2021). As mulheres compreendem a rotina de práticas institucionais centradas nos profissionais, nas quais seus direitos não são respeitados, incluindo agressões psicológicas, físicas e verbais.

Durante o processo de gestação, parto e puerpério a mulher é detentora de direitos. Isso inclui o direito à informação adequada, consentimento informado e participação ativa nas decisões relacionadas à sua saúde materna. Além disso, as mulheres têm o direito de serem tratadas sem discriminação com base em qualquer característica, como raça, classe social ou orientação sexual. Garantir o acesso equitativo a serviços de saúde materna de qualidade é crucial para promover a igualdade de gênero e proteger os direitos reprodutivos das mulheres, contribuindo para uma sociedade mais justa e saudável (Silva, 2023).

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva, qualitativa, desenvolvida a partir do método fenomenológico. Enquanto método investigativo, a Fenomenologia propõe analisar os fundamentos e as questões estruturais de um fenômeno a partir de um olhar distinto do que se contempla nas pesquisas empíricas. Toma como caminho de investigação a relação do ser humano com o mundo. Nesse sentido, a metodologia fenomenológica tem um cunho qualitativo e permite, de forma mais

ampla, elucidar o fenômeno na busca pelo seu sentido, valorizando o processo, o contexto e a compreensão dele. Visa, pois, a revelar a coisa mesma, ao lançar luz àquilo que se mostra no modo como o fenômeno se mostra. Para isso, o pesquisador precisa desfazer-se de pré-conceitos, para que se aproxime do fenômeno tal como ele é.

A presente pesquisa propõe-se a análise dos significados e experiências da maternidade por parte de uma mãe que afirma ter sofrido VO durante a gravidez, trabalho de parto, no parto e/ou no pós-parto imediato. Para isso, realizaram-se análises descritivas de uma entrevista pessoal, orientada pela metodologia fenomenológica, a partir de um roteiro semiestruturado.

Segundo Santos; Jesus; Battisti (2021), entrevistas semiestruturadas têm como característica principal definir a postura do pesquisador que será adotada mediando o processo de coleta de dados; sendo assim, o pesquisador utiliza um roteiro de perguntas para que possa nortear a entrevista e para que o participante possa relatar suas vivências de forma subjetiva. Para esta pesquisa, realizou-se uma entrevista em profundidade com uma mulher que vivenciou algum tipo de violência obstétrica durante o período gestacional, no processo de nascimento ou no pós-parto imediato.

Os critérios de inclusão da participante da pesquisa foram ser ela maior de 18 anos de idade, ter vivenciado ao menos uma gestação e um parto, reconhecer a vivência de violência obstétrica ao longo do processo gravídico-puerperal há, no máximo, 5 (cinco) anos. A justificativa para esse prazo é que a proximidade temporal com o fenômeno estudado pode auxiliar no resgate de detalhes do vivido nas memórias da participante. Os critérios de exclusão foram ser menor de 18 anos de idade, não ter vivido pelo menos um ciclo gravídico-puerperal e não nomear como violência obstétrica algum dos eventos experimentados no referido período.

A participante foi selecionada de forma intencional, compondo uma amostra de conveniência, a partir de indicações de pessoas pertencentes ao círculo de convivência das pesquisadoras. A partir dessas indicações, foi realizado contato com essa mulher, formalizando o convite para a participação na pesquisa. A mulher foi orientada quanto aos objetivos, riscos e benefícios da investigação, por meio da leitura, discussão e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A entrevista foi agendada com a participante para momento e local que permitiam privacidade e tranquilidade para o diálogo. A análise dos dados se deu por meio do método fenomenológico, a partir da leitura geral do material formado pela transcrição das entrevistas, a definição de unidades de significado, a expressão das unidades de significado e a formulação de uma síntese dessas unidades. A partir das unidades de significado, buscou-se a elucidação da estrutura do fenômeno estudado, partindo-se da essência da experiência de maternidade vivida pela entrevistada e do entrelaçamento das vivências que foram relatadas pela participante.

A entrevista foi dividida em duas etapas: a primeira consistiu em um breve levantamento dos dados sociodemográficos, para melhor caracterização da participante da pesquisa; a segunda parte foi conduzida a partir de um roteiro semiestruturado que permitiu a exploração das vivências no processo gravídico-puerperal pelo qual a participante havia passado. O instrumento de coleta de dados foi uma adaptação do roteiro de entrevista utilizado por Fonseca (2023) em sua tese de doutorado.

Este estudo seguiu todas as especificações da Lei 466/2012 (Brasil, 2012), que trata de pesquisa envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa sob o número CAAE 78253224.8.0000.9407.

4 CATEGORIAS DE ANÁLISES DE DADOS

A entrevistada, aqui nomeada como Vitória (nome fictício), é uma mulher de 26 anos que se identifica como negra, possui o ensino superior incompleto, é estudante e tem renda familiar de dois salários-mínimos e meio. Vitória viveu apenas um ciclo gravídico-puerperal e vivenciou violência obstétrica durante o parto normal de sua filha. A partir da análise dos dados, evidenciaram-se 4 categorias, as quais serão apresentadas e analisadas a seguir.

4.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Por violência obstétrica entende-se a violência que abarca aspectos físicos, sexuais e psicológicos, durante qualquer etapa do ciclo gravídico-puerperal, podendo ocorrer tanto no âmbito privado quanto no público. Ademais, esse fenômeno envolve a atuação dos profissionais de saúde, os serviços de saúde e estruturas que contribuem para sua concretização (Mendes *et al.*, 2022).

Durante a entrevista, foi indagado a Vitória sobre a compreensão do conceito de violência obstétrica e ela disse: “Então, violência obstétrica, no meu ponto de vista, é toda situação de negligência, de violência que a mulher é exposta antes ou durante o parto” (Vitória, 2024).

A definição dada pela participante está alinhada com a literatura que caracteriza a violência obstétrica como uma prática que inclui agressões psicológicas, físicas, verbais e sexuais, bem como negligências e discriminações na assistência prestada às gestantes, desde o pré-natal até o parto (Carvalho; Henkert, 2019). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS):

Apropriação do corpo e dos processos reprodutivos da mulher por agentes de saúde, mediante tratamento desumanizado, abuso de medicalização e patologização dos processos naturais, que acabam resultando na perda de autonomia da gestante e de sua capacidade de decidir de maneira livre sobre seu corpo e sexualidade. Inclui a violência por negligência, que ocorre por meio da negativa de atendimento ou das imposições de obstáculos ao cumprimento dos direitos das gestantes (OMS, p02, 2002).

Essa definição sublinha a necessidade de políticas públicas e práticas de saúde que garantam o respeito à humanização e à dignidade da mulher gestante, promovendo a autonomia e os direitos das mulheres no âmbito do cuidado materno.

4.2 VIVÊNCIA DA GESTAÇÃO

Nunes *et al.* (2024) citam que os sentimentos e sensações experienciados pelas gestantes podem ser diversos, incluindo angústia, medo, insegurança, receios, solidão e ansiedade. Pinto (2011) afirmou que esses sentimentos são considerados normais e adaptativos até certo ponto, mas podem trazer consequências para a evolução da gestação. Partindo dessa premissa, detecta-se que a gravidez não é apenas um evento biológico, mas também uma experiência de profunda mudança subjetiva e social para a mulher (Zanatta; Pereira; Alves, 2015). Discorrendo sobre os sentimentos e emoções que envolveram a vivência da gestação, Vitória relatou que sentiu “Medo e insegurança... uma ansiedade absurda... uma gestação bem agitada, bem turbulenta, mas, graças a Deus, a gente não contraiu COVID, deu tudo certo” (Vitória, 2024).

Durante a pandemia de COVID-19, as mulheres que passaram pelo ciclo gravídico-puerperal enfrentaram emoções negativas como medo, dor e ansiedade devido à incerteza da doença e preocupações com a saúde própria e do feto (Barbosa *et al.*, 2024). Vitória, em sua fala, reflete o impacto significativo da

pandemia na experiência gestacional das mulheres e as emoções vivenciadas pela voluntária durante o surto dessa doença.

A experiência subjetiva da gravidez para a mulher é um acontecimento de natureza biopsicossociocultural, acarretando mudanças tanto subjetivas quanto corporais que são irreversíveis e afetam as relações entre uma pessoa e outras no contexto social ao longo do tempo (Zanatta; Pereira; Alves, 2017). Nesse movimento, estabelecem-se relações que podem engendrar diversas situações tensionais nos mundos simbólicos pessoais e coletivos (Pontes; Mattos; Souza, 2020).

Nessa perspectiva, Vitória foi questionada sobre quem ou quais foram as redes de apoio que a auxiliaram durante esse momento. Como devolutiva da pergunta, obtivemos a seguinte resposta:

Quando eu descobri que eu estava grávida, estava com 11 semanas e 4 dias. E aí eu achei que a família da minha sogra iria ser minha rede de apoio base. Mas, eu recebi deles, foi uma coisa absurda, sabe? Teve questões de discussão e tudo mais. E durante esse período, né? A partir das 12 semanas até o dia do parto, foram as pessoas da minha casa, né? Foi mais o meu pai, que hoje ele é falecido, e o pai da minha filha. (Vitória, 2024).

Pontes; Mattos; Souza, (2020) afirmam ainda que não é apenas um papel incumbido ao cônjuge, mas também a diversos outros atores, como colegas de trabalho, amigos, família extensa, pessoas da comunidade, profissionais de saúde, dentre outros. Este apoio pode ser financeiro, de orientação, apoio emocional e divisão das responsabilidades (Zanatta, Pereira e Alves, 2017).

Além disso, a gravidez e o nascimento de uma criança inauguram uma nova identidade parental para a mãe e o pai. A experiência da gravidez é marcada por constantes mudanças e pelo surgimento de novidades que instigam interrupções na identidade e nas responsabilidades sociais da mulher. As dinâmicas intrapsicológicas e intersubjetivas são transformadas (Pontes; Mattos; Souza, 2020).

Dessa forma, é evidente que a gravidez é um tempo para mudanças nos planos biológicos, psicológicos e sociais; o suporte adequado da rede familiar e social tem um papel importante e crucial ao mitigar os efeitos negativos dos sentimentos adversos e promover a adaptação saudável numa nova identidade parental. A literatura também aponta que, por meio dessas redes de apoio, nos âmbitos emocional, financeiro e prático, a gestante pode lidar melhor com as tensões e incertezas imanentes ao processo gestacional. A importância de tais

redes parece ainda maior num contexto de crise, como a pandemia da COVID-19, que ampliou os sentimentos de medo e insegurança, reforçando, assim, a necessidade de um apoio robusto e completo (Barbosa *et al.*, 2024; Zanatta; Pereira; Alves, 2017). Portanto, a compreensão e o fortalecimento dessas redes de apoio garantem a promoção da saúde e do bem-estar das gestantes, possibilitando uma transição tranquila para a maternidade.

4.3 EXPERIÊNCIA DE PARTO

Voltando a atenção para o processo de parto, Alves *et al.* (2019) citam que o parto é considerado um fenômeno natural e fisiológico na vida da mulher, sendo uma experiência exclusiva da gestante e de seu grupo familiar. Portanto, deve ser um momento pautado na segurança e dignidade da mulher. Existem métodos de atenção integral à mulher que buscam proteger a vida da mãe e de seu recém-nascido, mas, quando esses métodos não são seguidos, os partos são considerados negligentes e podem gerar riscos à saúde dos envolvidos.

Questionada sobre as sensações vivenciadas antes da chegada à maternidade, Vitória relatou: “Medo e insegurança... a base foi medo e insegurança” (Vitória, 2024).

Esse relato corrobora com Aching; Biffi; Granatto (2016), que apontaram que a insegurança é vivenciada por muitas gestantes quando percebem a aproximação do parto, devido ao medo de dores intensas e complicações.

Vitória afirmou que o hospital local é conhecido por priorizar a cesariana como via de nascimento, o que lhe causava angústia, além da insegurança sobre possíveis complicações e a capacidade do hospital de lidar com emergências. Solicitou-se à participante que relatasse seu processo de parto, e ela assim o descreveu:

Numa quinta-feira à noite, eu passei mal e procurei assistência médica no hospital local. E aí chegando à recepção, eles já queriam me cobrar um valor de 4 mil reais para fazer o parto. Eu falei que não teria esse valor. Aí eu falei que ia embora pra casa ou entrar em contato com o médico do SUS. Aí me colocaram pra dentro do hospital quando falaram que eu não ia embora. Aí fiquei lá a madrugada toda. [...] As enfermeiras falaram que eu não podia ficar só deitada esperando a dor chegar, que eu tinha que fazer algum exercício com a bola, me movimentar. Aí veio uma enfermeira pra passar uma medicação e um soro na minha veia, estourou minha veia, então aquilo foi só gerando ansiedade e mais dor. Aí quando deu na parte da manhã, troca o plantão, sete horas da manhã troca o plantão, veio uma enfermeira perguntando se eu precisava de alguma coisa, aí eu relatei que eu estava sentindo muita dor e pedi ajuda. [...] Foi informado que devido ao período de pandemia de COVID-19, era negada a presença do cônjuge

durante o meu parto. No entanto, eu já estava instruída por uma lei ao qual estava de posse em meu celular, para que assim pudesse garantir a participação do meu companheiro durante este processo. Após a apresentação desta lei, obtive o meu direito garantido. Este era um momento único, mas um momento muito assustador [...] A assistência até o momento do parto foi negligente. Foi solicitado que eu realizasse uma série de atividades, e sendo proibida de ficar deitada, mesmo que estivesse sentindo dores intensas. Configuro a assistência como negligente, pois acredito que foi totalmente desconsiderado o meu estado psicológico e emocional. No entanto, durante o procedimento de parto, ocorreu tudo bem e o médico e a enfermeira foram atenciosos e explicativos. Eles sempre perguntavam sobre minha integridade física. Após realizar bastante força, minha filha nasceu e foi colocada em meus braços, e logo após fui medicada devido às dores pós-procedimento. Senti-me mais acolhida pela enfermeira, o que gerou contentamento. (Vitória, 2024).

Rocha; Ferreira (2020) destacam que no setor público predominam gestantes autodeclaradas pretas e pardas, de baixa renda e com baixa escolaridade, enquanto no setor privado o atendimento é majoritariamente para gestantes brancas, de alto grau de escolaridade e classe média alta.

Estudos de Bourguignon e Grisotti (2020) indicam que a humanização é crucial para a qualidade de vida e subjetividade da gestante, considerando suas condições sociais, psicológicas, físicas e socioeconômicas.

A Lei Federal nº 11.108, promulgada em 07 de abril de 2005, estabelece o direito da gestante a um acompanhamento antes, durante e após o seu parto, obrigando o Sistema Único de Saúde (SUS) e hospitais privados a permitirem a presença do acompanhante indicado pela gestante (Brasil, 2005). Silva; Gervasio; Cuenca (2023) destacaram a importância do acompanhante para o apoio emocional e psicológico durante o parto, e como uma barreira contra a possibilidade de violências.

Vitória percebeu a assistência recebida como negligente durante o trabalho de parto e adequada durante o parto. Alves *et al.* (2019) e Rocha; Ferreira (2020), sublinharam a importância de uma assistência humanizada e contínua durante todo o processo obstétrico, para assegurar a saúde física e emocional da gestante.

De acordo com Bastos; Pontes (2020), o processo do parto representa um momento singular na vida de cada gestante, o qual é discutido nas rodas de conversas entre mulheres que experimentaram o mesmo processo de maternidade. Um tema sempre presente nessas conversas é a dor. Os conceitos do Cristianismo descrevem o parto como uma experiência extremamente dolorosa; ressalta-se que a

percepção da dor varia de acordo com as gestantes, sendo um processo subjetivo para cada uma delas.

Esses autores compreendem a necessidade de humanização para as gestantes, a fim de quebrar com estigmas da despersonalização e coisificação perpetrados às gestantes. Essas práticas podem causar impactos negativos nas vivências da gestante no processo de gestação; portanto, faz-se necessário que durante a assistência prestada a essas mulheres seja dada a elas autonomia e dignidade para que esse não seja um processo traumático e doloroso (Bastos; Pontes, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia uma série de questões relacionadas à violência obstétrica, acesso à saúde, humanização do parto e impacto da pandemia de COVID-19 na experiência das gestantes. Ele destaca as disparidades no tratamento entre pacientes do SUS e particulares, a importância das redes de apoio durante a gestação e a necessidade de educação continuada para profissionais de saúde.

Além disso, o estudo ressalta a importância da presença de um acompanhante durante o parto, conforme garantido por lei, e a necessidade de uma abordagem mais respeitosa e empática por parte dos profissionais de saúde durante todo o processo de gestação e parto. A pandemia trouxe preocupações adicionais e desafios para as gestantes, destacando-se a importância de políticas e práticas que garantam o acesso equitativo aos cuidados de saúde e promovam uma experiência de parto digna e segura para todas as mulheres, dentre outras práticas que promovam a equidade no acesso aos cuidados de saúde, a humanização do parto e a garantia dos direitos das gestantes, especialmente em tempos de crises como a pandemia de COVID-19.

REFERÊNCIAS

ACHING, M. C.; BIFFI, M.; GRANATO, T. M. M. Mãe de primeira viagem: Narrativas de mulheres em situação de vulnerabilidade social. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 2, p. 235-244, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2871/287147424006/html/>. Acesso em: 09 de jun.2024.

ALVES, T. C. de M.; COELHO, A. S. F.; SOUSA, M. C. de; CESAR, N. F.; SILVA, P. S. da; PACHECO, L. R. Contribuições da enfermagem obstétrica para as boas

práticas no trabalho de parto e parto vaginal. **Enferm. Foco**, Salvador. 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2210/605>>. Acesso em: 06 Mai 2024.

BARBOSA, C. S. de S.; GONÇALVES, R. L.; SANTOS, A. A. de L. S.; COLAÇO, E. O.; SANTOS, S. M. P. dos. GESTAR UM FILHO E CORRER RISCO DE MORTE: O COTIDIANO DE GESTANTES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19. **REVISTA CIENTÍFICA DA ESCOLA ESTADUAL DE SAÚDE PÚBLICA DE GOIÁS**. Goiás, v. 10, p. 1-9, 2024. Disponível em: <https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/853>. Acesso em: 09 de jun.2024.

BARROS, M. N. C.; MORAES, T. L. de. Saúde da mulher na gravidez: uma revisão bibliográfica. **Revista Extensão**, [s.l.] v. 4, n. 1, p. 75-83, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/2040>. Acesso em: 05 de mai.2024.

BASTOS, A. C. de S.; PONTES, V. V. (ed.). **Nascer não é igual para todas as pessoas**. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kf9AEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP3&dq=+Nascer+n%C3%A3o+%C3%A9+igual+para+todas+as+pessoas.&ots=hAuttwzr&sig=c2k2vL32yRMNJqvwK6E1STN3zPs#v=onepage&q=Nascer%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20igual%20para%20todas%20as%20pessoas.&f=false>. Acesso em: 09 de jun.2024.

BOURGUIGNON, A. M.; GRISOTTI, M. A humanização do parto e nascimento no Brasil nas trajetórias de suas pesquisadoras. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.2, p.485-502, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/zZddht4v88Y6Vz84frYyj7Q/#>>. Acesso em; 07 Mai. 2024.

BRANDT, G. P.; SOUZA S. J. P. de.; MIGOTO M. T.; WEIGERT S. P. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A VERDADEIRA DOR DO PARTO. **REVISTA GESTÃO & SAÚDE**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.herrero.com.br/files/revista/file2a3ed78d60260c2a5bedb38362615527.pdf>. Acesso em: 05 de mai.2024.

BRASIL. **Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005**. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 abr. 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm>. Acesso em: 07 Mai. 2024.

BRASIL. **Violência Obstétrica**: Parirás com dor. Parto do Princípio (Org.) Mulheres em rede pela maternidade Ativa. 2012. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20367.pdf>. Acesso em: 29 set. 2023.

CARVALHO, G. M. de; OLIVEIRA, L. R. de; SANTOS, R. V. dos; CAMIÁ, G. E. K.; Soares, L. H. Transtornos mentais em puérperas: análise da produção de conhecimento nos últimos anos. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 3541-3558, 2019. Disponível em: <http://www.brjd.com.br/index.php/BJHR/article/view/2477/2504>. Acesso em: 29 set. 2023.

CARVALHO, I. S.; HENKERT, M. D. **A Percepção dos Profissionais de Enfermagem Frente à Violência Obstétrica em uma Maternidade do Norte do Espírito Santo**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ivc.br/handle/123456789/359>. Acesso em: 09 de jun. 2024.

CASTRO, B. F. M. **A violência obstétrica no ordenamento jurídico brasileiro comparado com os países da América Latina que já possuem regulamentação jurídica**. 2022. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/handle/123456789/2628>. Acesso em: 05 de mai. 2024.

FONSECA, E. N. R. **Os impactos em gestante adolescente vítima de violência obstétrica**. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-07122023-173929/en.php>. Acesso em: 12 de jun. 2024.

LANSKY, S.; SOUZA, K. V. D.; PEIXOTO, E. R. D. M.; OLIVEIRA, B. J.; DINIZ, C. S. G.; VIEIRA, N. F.; FRICHE, A. A. D. L. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, pág. 2811-2823, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/66HQ4XT7qFN36JqPKNCPrij/#>. Acesso em: 20 de mar. 2024.

MEDEIROS, R. de C. da S.; NASCIMENTO, E. G. C. do. “Na hora de fazer não chorou”: a violência obstétrica e suas expressões. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, [s.l.] vol. 30, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/pYzdzkbVZN4Bth85wSkbgxC/#>. Acesso em: 09 de jun. 2024.

MELO, J. B.; Poty, N. A. R. de C.; Santana, M. S. de; Albuquerque, P. B. de; Ferreira, M. C.; Faray, C. S.; Sá, E. M. do N.; Pereira, M. A. F.; Costa, R. P. U. V. da; Lima, F. P. L. Gestação, parto e puerpério durante a pandemia da COVID-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 3, p. e11978, mar. 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11978>. Acesso em: 09 de jun. 2024.

MENDES, J.; SOUSA, S. A. P.; TAVARES, M. Percepções da violência obstétrica pelas parturientes e profissionais de saúde: uma revisão scoping. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, Coimbra, Portugal, v. 8, n.

2, p. 1–15, 2022. Disponível em: <https://revista.ismt.pt/index.php/ISMT/article/view/271>. Acesso em: 4 jun. 2024.

MOURA, R. C. de M.; PEREIRA, T. F.; REBOUÇAS, F. J.; MEDEIROS, C. C. de; LERNADES, A. M. G.; SILVA, L. K. A. da; ROCHA, K. D. M. M de. Cuidados De Enfermagem Na Prevenção Da Violência Obstétrica. **Enfermagem em foco**, [s./.] vol. 9, num. 4, 2018. Disponível em:<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1333>. Acesso em:09 de jun.2024.

NUNES, M. B. L.; OLIVEIRA, T. J. de; SILVA, J. J. A. da.; NASCIMENTO, E. G. C. do. Sentimentos da mulher frente a gestação de alto risco. **Enfermeria Actual de Costa Rica**, San José, n. 46, 58441, June 2024. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-45682024000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 de mai. 2024.

Organização Mundial de Saúde (OMS). **Assistência ao parto normal: um guia prático**. Genebra: OMS; 2002. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude/>. Acesso em: 12 de jun. 2024.

PINTO, M. T. M. A solidão na gravidez: determinantes da solidão e seu impacto na ligação materno-fetal. 2011. **Dissertação de Mestrado**. Universidade NOVA de Lisboa (Portugal). Disponível em:<https://www.proquest.com/openview/60a7001dd0061ed67626eab98de9c8ac/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 09 de jun.2024.

PONTES, V. V.; MATTOS, E. de; SOUSA, A. C. de B. **O NASCER À LUZ DA PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA**. Nascer não é igual para todas as pessoas, Salvador: Edufba, 2020. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kf9AEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA21&dq=related:Ln2jbkyZ_qgJ:scholar.google.com/&ots=-hAuvtosEt&sig=IPvGJPVADFUn8TXI-xsNntFyu0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 de jun.2024.

RIBEIRO, K. G.; RIBEIRO, T. C. D. S. M.; DIAS, R. D. S. F.; NETA, M. E.; LEITE, M. G.; SILVA, K. S.; Silva, R. F. J. Caracterização da violência obstétrica na produção científica: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s./.], v. 13, n. 4, p. e6604, 1 abr. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6604>. Acesso em:09 de jun.2024.

ROCHA, N. F. F. da; FERREIRA, J. A escolha da via de parto e a autonomia das mulheres no Brasil: uma revisão integrativa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro. v. 44, n. 125 , pp. 556-568, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104202012521>>. Acesso em: 07 Mai. 2024.

RODRIGUES, E. C. G.; FERREIRA, T. G. da C.; SILVA, I. L. da C. Cuidados de enfermagem na violência obstétrica: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, [s./.], v. 23, n. 1, p. e11582-e11582, 2023. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/11582>. Acesso em: 11 de jun.2024.

SAUAIA, A.S.S.; SERRA, M.C.M. Uma dor além do parto: Violência obstétrica em foco. **Rev. De Direitos Humanos e Efetividade**. Brasília, v.2, n.1, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistadhe/article/view/1076>. Acesso em: 09 de jun.2024.

SANTOS, A. F. Dos; JESUS, G. G. de; BATTISTI, I. K. Entrevista semiestruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com Abordagem qualitativa. **Salão do conhecimento**, Unijuí, v. 7, n. 7, 2021. Disponível em:<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/20805>. Acesso em: 09 de jun.2024.

SILVA, B. C.; PRIMO, C. C.; ALMEIDA, M. V. D. S.; CABRAL, I. E.; SANT'ANNA, H. C.; LIMA, E. D. F. A. Contribuição de gestantes na construção e avaliação de uma tecnologia educacional: o "Almanaque da Gestante". **Rev Bras Enferm**, [s.l.] 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/qYmChs83dHjtMzsGXnZhC5J/?lang=pt>. Acesso em: 09 de jun.2024.

SILVA, T. P. R.; DUMONT-PENA, É.; SOUSA, A. M. M.; AMORIM, T.; TAVARES, L. C.; NASCIMENTO, D. C. D. P da. **Enfermagem Obstétrica nas boas práticas da assistência ao parto e nascimento**. **Rev Bras Enferm**, [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/QBjS8dRvrktyL56GGhZyYc/?lang=pt#>. Acesso em:

SILVA, K. T. V. da.; GERVASIO, M. De G.; CUENCA, A. M. B. Lei do acompanhante na mídia: a pandemia e suas implicações nos direitos do parto. **Saúde Soc**. São Paulo, v.32, n.1, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/cWxCgBxSqqC7St98GH3CXtB/?lang=pt>. Acesso em: 09 de jun.2024.

SILVA, F. L. da.; SOUZA, A. L. S.; LEITE, C. D. B. REFLEXÕES SOBRE AS AGRESSÕES CAUSADAS AO PSICOLÓGICO MATERNO PELA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UM ESTUDO DE REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista Uningá**, [s.l.], v. 56, n. S1, p. 159–171, 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2060>. Acesso em: 9 jun. 2024.

SILVA, F. L., RUSSO, J ; NUCCI, M. Gravidez, parto e puerpério na pandemia: os múltiplos sentidos do risco. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 27, n. 59, p. 245–265, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/mthgtDG3P5JxbT9fGhnf4Rz/#>>. Acesso em: 05 Mai. 2024.

SOUTO, K.; MOREIRA, M. R. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: protagonismo do movimento de mulheres**. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 45, n. 130, p. 832–846, jul. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/4JncpcMDZ7TQ9Hd7dkMPMpt/?lang=pt>. Acesso em: 09 de un.2024.

SOUZA, J. P. de.; SILVA, K. S. da; DOS SANTOS, L. P. **Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva**. JICEX, [s.l.] v. 9, n. 9, 2017. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/2604>. Acesso em: 05 de jun.2024.

ZANATTA, E.; PEREIRA, C. R. R.; ALVES, A. P. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 12, n. 3, p. 1-16, dez., 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?sc_rpt=sci_arttext&pid=S180989082017000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 maio 2024.

ANEXO

ANEXO 1 – Roteiro de entrevista semiestruturado

I. Perfil sociodemográfico

Idade: _____

Escolaridade: _____

Raça/etnia declarada: _____

Ocupação/profissão: _____

Renda Familiar:

() menor que um salário mínimo; () um a dois salários mínimos () três a cinco salários mínimos () mais de cinco salários mínimos

Estado civil: () Solteira; () União Estável; () Casada; () Viúva; () Divorciada

Município de residência: _____

II) Vivências de violência e a maternagem

1. O que você entende por violência obstétrica?

2. Você já viveu quantas gestações? _____

3. Você já viveu quantos partos? _____

4. Quantos partos normais você teve? _____

5. Você já sofreu algum aborto? () Sim; () Não? Quantos: _____

6. Relate como foi viver a sua última gestação? Que sentimentos marcaram a sua última gravidez.
7. Como foi sua vivência a partir do momento em que percebeu os primeiros sinais de trabalho de parto?
8. Que tipo de sensações você sentiu antes de chegar à maternidade?
9. Qual/quais rede (s) de apoio você teve nesse processo?
10. Como você descreveria a assistência prestada durante o seu trabalho de parto?
Relate-me como foi o seu parto.

DESAFIOS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA QUE TRABALHAM E REALIZAM MIGRAÇÃO PENDULAR NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

ACADÊMICAS: Mikaela Patrícia Gomes Rocha e Rayany das Graças Silva Correia

ORIENTADORA: MSc. Pollyana Brandão Gomes

LINHA DE PESQUISA: Psicologia e Processos Clínicos e da Saúde

RESUMO

A migração pendular pode gerar desgaste físico e emocional nos estudantes, além disso, pode afetar de maneira significativa a qualidade de vida e o desempenho acadêmico dos discentes. O deslocamento frequente e a distância entre a cidade de residência e o local de trabalho implicam em um tempo considerável de deslocamento, que pode gerar fadiga, estresse e redução da disponibilidade de tempo livre para atividades de lazer e descanso. Como resultado, o desempenho acadêmico pode ser comprometido, assim como o bem-estar psicológico desses estudantes. A formação para psicólogas é uma área que exige um alto nível de dedicação e envolvimento por parte dos estudantes, o que demanda um tempo considerável, no entanto, muitos estudantes enfrentam a necessidade de trabalhar para financiar seus estudos e arcar com despesas diárias. Diante disso, o objetivo do presente trabalho foi investigar os principais desafios enfrentados por estudantes de psicologia que trabalham e realizam migração pendular. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com a realização de uma entrevista. A pesquisa foi realizada com seis alunas do 9º período do curso de Psicologia de um Centro Universitário localizado na Zona da Mata Mineira. Os resultados da pesquisa revelaram uma série de desafios enfrentados por estudantes de psicologia, que trabalham e realizam migração pendular. Uma estudante descreveu ser muito difícil, muita correria, trabalhava o dia todo e saía direto para a faculdade, mas com dedicação e força de vontade fui conciliando.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; migração pendular; trabalho; estudantes.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Rocha e Bortolo (2023), migração pendular é um movimento realizado por pessoas que buscam um determinado serviço, ou recurso, seja para estudar ou trabalhar, levando em consideração que o meio educacional é o serviço mais procurado. Entende-se que migração pendular são deslocamentos diários de um município para outro, as pessoas que precisam realizar a migração pendular dependem de transporte, geralmente particular para que seja realizado esse movimento de partida e regresso.

Dessarte, a migração pendular possibilita oportunidade àqueles que vivem em municípios de pequeno porte, à vista disso, alguns precisam trabalhar e estudar, uma vez que, muitos dependem do emprego para que seja possível manter os estudos e lidar com os gastos do movimento pendular (Silva; Lopes; Mendes, 2021).

Salienta-se que a migração pendular pode gerar desgaste físico e emocional nos estudantes, influenciar no desempenho acadêmico, além dos gastos econômicos, tempo das viagens, que podem durar horas, por conseguinte, esses fatores podem resultar na desistência dos estudos (Silva; Lopes; Mendes, 2021).

A pesquisa com estudantes de psicologia que trabalham e realizam migração pendular se justifica por apresentar desafios que merecem ser compreendidos. De forma especial, as pesquisadoras vivenciam diariamente essa migração, o que nos provocou para o estudo em questão. O processo de migração pendular é caracterizado pelo deslocamento diário de estudantes de psicologia entre sua cidade de residência e o local de trabalho, no interior de Minas Gerais, apresenta desafios particulares que merecem ser investigados com maior profundidade.

Contudo, tem-se a seguinte questão norteadora: "Quais são os principais desafios enfrentados pelas estudantes de psicologia que precisam conciliar trabalho e realizar migração pendular?".

O objetivo do presente trabalho foi investigar os principais desafios enfrentados por estudantes de psicologia que trabalham e realizam migração pendular.

Trabalhos como este são importantes para compreender o desafio das estudantes de psicologia em relação aos estudos, trabalho e migração pendular, além de entender como estas criam estratégias para conciliar as demandas que surgem durante a jornada acadêmica. Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para a compreensão dos desafios enfrentados por esses estudantes e, assim, subsidiar a criação de políticas e estratégias de apoio que visem minimizar essas dificuldades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No Brasil, o ensino noturno é marcado pela classe trabalhadora, essa condição influencia em seus projetos profissionais e de vida, ao mesmo tempo que,

compromete os estudos. Durante o dia, o estudante executa, efetua e realiza funções em seu trabalho. À noite, na universidade, precisa concentrar-se para pensar, refletir, calcular, planejar e executar atividades diferentes das exercidas em seu trabalho, que muitas vezes exigem uma disposição maior (Silva, 2018).

Trabalhar e estudar exigem um grande envolvimento pessoal com a graduação, a relação com o estudo é uma construção coletiva que demanda disciplina e empenho, sendo necessário, abdicar de momentos de lazer, descanso e sociabilidade com a família e amigos para se dedicar aos estudos. Dividir a jornada entre trabalho e a universidade requer da estudante uma organização maior do seu tempo para que possa conciliar sua vida acadêmica com a vida social (Pereira; Countrim, 2020).

Rebello (2020), afirma que em função do aumento de vagas ofertadas nas instituições superiores e da criação dos programas federais como Sistema de Seleção Unificada (SISU), Programa Universidade para Todos (Pro UNI) e Fundo de Financiamento estudantil (FIES), nas instituições privadas, a dinâmica educacional está crescendo cada vez mais.

Todavia, o ingresso no Ensino Superior é marcado por desafios relacionados à permanência universitária. A própria dinâmica universitária, a rotina exaustiva de trabalho e estudo, que ocasionam em falta de tempo para se dedicar aos estudos são os principais fatores de fragilização do percurso (Pereira, 2019).

Segundo Rebello (2020), migração não é um processo novo, uma vez que, desde a antiguidade o homem se deslocava em busca de uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, a migração é uma questão relevante na modernidade, pois motiva as pessoas a recomeçarem a vida em outro ambiente, por questões econômicas, sociais, guerras, desigualdades, entre outros. No entanto, a migração pendular caracteriza-se como um movimento diário de pessoas que precisam se deslocar para outra cidade, seja para trabalhar ou estudar. Logo, o espaço acadêmico se destaca no âmbito desse deslocamento, dado que, muitos precisam trabalhar e estudar, e esse movimento seria uma estratégia de conciliar o estudo e o trabalho. Por isso, de acordo com a autora:

São muitos os fatores que favorecem para a migração pendular de pessoas, principalmente a busca por instituições de ensino superior, responsável pelo fluxo considerável de jovens e adultos que se deslocam diariamente rumo à universidade, enfrentando desde simples empecilhos a grandes desafios,

que se associados a outros fatores da mobilidade diária podem causar grandes prejuízos a sua vida pessoal e educacional (Rebello, p.7, 2020).

Perante o exposto, conciliar trabalho e estudo pode ser um desafio para as estudantes, levando em consideração o pouco tempo que sobra para estudar e realizar as tarefas acadêmicas, além da exigência de um desempenho em ambas as partes. Insta salientar que pode ser desafiador conciliar a vida de estudante e trabalhado, podendo gerar conflitos significativos nessa jornada (Santos, 2023).

Ademais, o trabalho e o estudo são considerados fatores que exigem muito do universitário, haja vista que exercer mais de uma atividade exige maior esforço e acaba gerando cansaço físico e mental por causa dessa rotina, prejudicando o indivíduo no seu rendimento diário. Todavia, o trabalho, para muitos, é considerado como fundamental para a realização de um curso superior, assim como a migração pendular torna-se um mecanismo necessário, por causa das relações econômicas, sociais, ou falta de recursos (Langhanz; Gill, 2020).

Em 2015, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseou-se no Censo de 2010 para realizar uma mostra de dados em todo o Brasil, que teve como resultado 7,4 milhões de pessoas que se deslocam para cidades vizinhas diariamente para trabalhar ou estudar. Estes dados correspondem a 6,7% da população que estuda e/ou trabalha. Se comparado a regiões metropolitanas esse percentual sobe para 10,6% considerando que os fluxos associados à migração pendular concentram-se nas principais aglomerações urbanas do país (Brasil, 2015).

No entanto, os estudantes que realizam apenas a migração e permanecem no local durante o período de estudo, há a necessidade de se adaptarem a um novo meio social, além da universidade. Por esse motivo, são analisados os efeitos dessa mudança na saúde mental do indivíduo, levando em consideração a mudança do ambiente, a demanda de estudo, e até mesmo do trabalho (Sahão; Kienen, 2021). Deste modo, a migração pendular vai além de um movimento de idas e vindas das estudantes, é vivenciar o lugar, criando laços com outros indivíduos, partilhando seus sentimentos, dificuldades, conquistas e experiências. Assim, ir e vir todos os dias, realizar o mesmo trajeto diariamente, o trânsito com o barulho dos carros, os atrasos dos outros estudantes, geram lembranças e estabelecem conexões com o ambiente, fazendo parte da rotina dessas pessoas (Sahão; kienen, 2021).

Diante do exposto, o movimento pendular, além de promover distância dos familiares, amigos, cultura, entre outros aspectos, também produz certa pressão sobre a estudante, o que pode desencadear em fatores que afetam a saúde mental, como o medo, angústia, ansiedade, desistência etc. Por esse motivo, muitas alunas adoecem devido a esse contexto de cobrança em que o sujeito acredita que precisa produzir bom rendimento em todos os momentos (Silva; Ximenes, 2022).

Neste sentido, como ressaltado pela Organização Mundial da Saúde, a saúde é caracterizada como todo bem-estar físico, psíquico e social, sendo assim, é fundamental que o sujeito tenha uma boa qualidade de vida, mas manter a saúde em constante equilíbrio pode ser um desafio para as estudantes, principalmente por causa da rotina, pois, a saúde geralmente não é vista como prioridade para o acadêmico, uma vez que, este possui tarefas para cumprir, o que faz com que essa rotina pesada, acabe adoecendo algumas alunas por priorizarem os estudos e deixarem de lado seu bem-estar físico e mental, sendo que quando muitas param para voltam a atenção para o cuidado, já estão estressados e cansados dessa rotina (Silva, 2021).

À vista disso, salienta-se a importância de uma rede de apoio como uma possível forma de estratégia para o estudante lidar com as diversas situações que possam surgir no cotidiano. Outrossim, uma boa rede de apoio pode auxiliar na saúde física e mental, fortalecendo e motivando o indivíduo em sua trajetória (Silva; Ximenes, 2022).

3 METODOLOGIA

O presente artigo tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com realização de entrevista. Marconi (2022), afirma que estudos qualitativos objetivam uma compreensão particular do objeto que investigam, a fim de que se possa relatar o desenvolvimento interpretativo dos dados obtidos, e compreender como os fenômenos interpessoais afetam a situação que está sendo estudada.

Segundo Lakato (2021), a entrevista é um método eficaz utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para auxiliar no diagnóstico/tratamento de um problema social. É importante uma padronização e/ou estruturação da entrevista para obter dos entrevistados respostas às mesmas

perguntas e permitir “que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas”; as diferenças das respostas podem refletir diferenças dos respondentes e não diferenças nas perguntas. A entrevista utilizada foi adaptada e inspirada no estudo de Silva (2018).

A pesquisa foi realizada com seis alunas do 9º período do curso noturno de Psicologia de um Centro Universitário localizado na Zona da Mata Mineira. Sendo assim, como critérios de inclusão as participantes selecionadas deveriam trabalhar durante o dia e não residir na cidade local do Centro Universitário. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para análise dos dados, foi realizada análise de conteúdo. Cardoso *et al.* (2021), descreve que a análise de conteúdo, analisa com profundidade a subjetividade, reconhecendo a não neutralidade entre pesquisador, objeto de pesquisa e contexto. Seu campo de aplicação possui uma grande variedade de formas que permitem uma comunicação vasta de modo que ela se adapte a todo tipo de portador de mensagem. De certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados.

Os benefícios da pesquisa tanto para as participantes individualmente quanto para a comunidade acadêmica e profissional, visa enriquecer o conhecimento acadêmico sobre as dinâmicas da migração pendular, ampliando o campo de estudos e fomentando o debate acadêmico e científico sobre esse tema, contribui para o avanço do conhecimento, possibilita a identificação de padrões e tendências na migração pendular, apresentando estratégias entre as alunas que estudam, trabalham e realizam a migração pendular.

Todo o processo de elaboração do presente projeto, bem como a condução da abordagem aos sujeitos de pesquisa, o processo de consentimento, coleta e análise dos dados, foram desenvolvidos com base na Resolução 466/12 e na Resolução 510/16 (Brasil, 2012; Brasil, 2016).

Os resultados serão divulgados através de publicação em congressos da área de educação e ou fóruns acadêmicos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa aborda a realidade de estudantes que trabalham e realizam migração pendular, ou seja, aquelas que se deslocam diariamente de suas cidades de residência até o local de estudo e trabalho. Consta-se que essa prática se tornou bastante comum nos últimos anos, principalmente devido à necessidade de conciliar estudo e trabalho para arcar com despesas educacionais e pessoais.

A pesquisa contou com seis participantes do sexo feminino das quais foram identificadas com nomes fictícios e estão representadas na tabela abaixo:

Tabela 1 - Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Trabalho	Distância até a faculdade
Joana	23 anos	Atendente em laboratório de Análise Clínicas	45 km
Carla	22 anos	Vendedora	20 km
Laura	22 anos	Babá	46 km
Marta	23 anos	Agente de contratação em um setor de licitação	46 km
Jussara	23 anos	Auxiliar Administrativo	46 km
Maria	21 anos	Auxiliar Administrativo	46 km

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Segundo Santos (2023), conciliar a jornada de trabalho e estudos pode gerar alguns conflitos, como a falta de tempo, pressão para lidar com as demandas diárias e o fato de precisar executar diferentes papéis.

Iniciou-se a entrevista, perguntando às participantes como conseguem equilibrar as demandas do trabalho e estudo, além do deslocamento frequente:

Não consigo equilibrar, é difícil, passo aperto para conciliar o meu serviço com a faculdade, ainda mais agora neste período com o estágio (Jussara, 2024).

É difícil, muita correria, trabalhava o dia todo e saía direto para a faculdade, mas com dedicação e força de vontade fui conciliando (Carla, 2024).

A realidade é que não há um equilíbrio. O tempo é muito curto e infelizmente isso limita a dedicação aos estudos (Marta, 2024).

Sacrifico o tempo no fim de semana para estudar (Laura, 2024).

Bom, no meu serviço eu tento adiantar as coisas dele, tem dia que é mais apertado, outros com pouca demanda, ai tento adiantar tudo para conseguir estudar. Como saio dele as 16 horas consigo chegar em casa e estudar mais. Tem vez que aperta tanto no serviço quanto pra fazer as coisas da faculdade. Tem dia que estou mais cansada, outros não, tento dormir no deslocamento para chegar aqui menos cansada e conseguir assistir a aula (Joana, 2024).

Não equilibra, fica tudo bagunçado (Maria, 2024).

Conciliar o trabalho à faculdade e outras responsabilidades pode ser extremamente desafiador. A sobrecarga de tarefas e a falta de tempo livre podem ser recorrentes, mostrando que a dedicação e a força de vontade nem sempre são suficientes para superar esses desafios. A falta de equilíbrio e a sensação de que tudo fica bagunçado são sentimentos comuns entre as pessoas que vivenciam essa trajetória, por isso, é importante buscar estratégias eficazes para gerenciar melhor o tempo e as prioridades (Pereira; Coutrim, 2020).

Sendo assim, o curso de psicologia exige que os alunos tenham conhecimento de como é complexo estudar a mente humana, visto que a psicologia aborda uma série de tópicos sobre o estudo da mesma, e para compreender esses conceitos se faz necessário uma dedicação significativa. É uma área com diversas abordagens, e por isso é importante que o aluno se dedique também a leitura e escrita, e que frequentemente durante os estágios os alunos escrevem relatórios e artigos baseados na compreensão dos conceitos estudados (Costa; Marques; Ferreira, 2020).

Dessa forma, é importante que os estudantes de psicologia desenvolvam habilidades para gerenciamento de tempo e organização dos estudos, devido a carga horária complexa do curso. Todavia, também é importante que cada estudante cuide de saúde mental para conseguir lidar com os desafios que possam surgir durante a formação acadêmica (Costa; Marques; Ferreira, 2020).

Nesse sentido, ao serem questionadas quais eram os maiores obstáculos já enfrentado para conciliar trabalho, estudo e migração pendular, as estudantes relataram que vivenciam um cansaço extremo devido à migração pendular, enfrentam dificuldades devido ao fato de não ter tempo para “fazer as coisas”, a falta de tempo de conciliar a carga horária de trabalho com os estudos da faculdade. As

estudantes relataram ainda que passaram pela pandemia do COVID-19¹, tiveram em seus trajetos uma interrupção da rodovia em que circulam, devido às chuvas e depois, a construção de um desvio na estrada, enfatizando ter sido um período de muito desgaste. Relataram a dificuldade de manter a concentração estando cansadas, e a decisão de descansar ou estudar.

Os estudantes que precisam trabalhar e realizar a migração pendular, geralmente possuem uma maior necessidade de organizar seu tempo, uma vez que, em alguns casos podem acontecer de saírem do trabalho e irem direto para faculdade, devido ao curto prazo (Pereira; Coutrim, 2020). No contexto universitário, são diversos os desafios que os estudantes vivenciam. Essa sobrecarga pode acarretar em sentimentos de angústia e desgaste, visto que ao ingressar no ensino superior o estudante lida com situações novas e desafiadoras, além da dificuldade de conciliar trabalho, estudo e migração pendular (Sahão; Kienen, 2021).

Perguntadas sobre quais estratégias utilizam para administrar o tempo e garantir que consigam cumprir com as suas obrigações tanto no trabalho quanto nos estudos, e obteve-se as seguintes respostas:

Estudo no serviço, faço as atividades e trabalhos na madrugada (Jussara, 2024).

Uma boa organização na agenda para conseguir administrar tudo (Carla, 2024).

Muitas vezes deixo de estudar em casa, pelo fato de não ter tempo e uma estratégia que adotei foi comprar uma moto para ir para o trabalho, para reduzir o tempo do caminho e assim conseguir alguns minutos a mais para me organizar para vir para faculdade. Muitas vezes uso o horário de almoço do serviço para tomar banho e preparar os materiais para vir para faculdade, mas quando tem prova não dá tempo (Marta, 2024).

Não deixo acumular as tarefas nem da faculdade, nem no serviço, faço tudo na parte da tarde sempre que dá com antecedência para não acumular, trabalho meio horário (Laura, 2024)

Nos estudos sempre tento prestar atenção na aula, para aprender, sempre faço anotações, depois só reviso, ai fica mais fácil para conseguir estudar no trabalho, quando tem muito serviço, faço os mais urgentes e divido os outros no decorrer da semana para ter mais tempo para estudar e conseguir ficar mais tranquila (Joana, 2024).

¹ De acordo com o Ministério da Saúde, a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. No ano de 2020, foi decretado como situação de pandemia, no qual as aulas ficaram sendo remotas até meados de 2021.

Muitas vezes não consigo (Maria, 2024).

A organização e a busca por estratégias eficazes são fundamentais na tentativa de conciliar o trabalho e os estudos, assim como a importância de uma boa gestão da agenda e a prática de não deixar acumular tarefas, tanto no ambiente de trabalho quanto nos estudos, a fim de garantir que haja tempo suficiente para se dedicar a ambas atividades. Embora, não seja possível evitar contratempos ou imprevistos, a adoção de estratégias de organização e planejamento podem contribuir significativamente para facilitar a conciliação entre as diversas responsabilidades e compromissos (Costa; Marques; Ferreira, 2020).

Segundo, Pereira (2019) estudar e trabalhar requer motivos individuais com o curso, porém é importante destacar que a relação com o estudo é uma construção coletiva do estudante com seu meio familiar e social. Insta destacar que o percurso escolar demanda disciplina e empenho, tornando-se frequentes as situações em que é necessário abdicar de momentos de lazer, descanso e sociabilidade com a família e amigos.

Oliveira (2016), afirma que a organização do tempo disponível é um fator importante para o sucesso acadêmico. O autor ressalta que estabelecer objetivos e critérios é fundamental para conseguir alcançar o sucesso afim de avaliar e melhorar o seu desempenho. No entanto, planejar e cumprir atividades dentro do prazo é uma tarefa difícil, principalmente para o estudante trabalhador que precisa administrar o seu tempo com diversas tarefas exigidas no trabalho, estudo e demais contextos de sua vida. Neste sentido, é de extrema importância manter a motivação e a superação contínua, tendo em vista que para os estudantes trabalhadores, a adaptação ao ritmo e à rotina de estudo causa angústia e incertezas, como a sensação de que não conseguirão prosseguir com a graduação.

Quando indagadas sobre os motivos que lhes fazem persistir nesta jornada de conciliação, as participantes da pesquisa relataram que:

Sim, minha mãe também me incentiva a trabalhar e estudar (Jussara, 2024).

Não ficar focada só em uma coisa (Carla, 2024).

Não, só trabalho porque tenho que pagar a faculdade e não tenho ninguém para me sustentar, se não fosse pelo dinheiro eu não trabalharia durante os

cinco anos da faculdade, pois eu vejo que isso me prejudica nos estudos (Marta, 2024).

Sim, gosto da liberdade financeira, de não ter que pedir nada para ninguém, manter as minhas despesas além da faculdade (Laura, 2024).

É que eu gosto de trabalhar, quando trabalho fico mais disposta, com energia, me saio melhor, em casa sem trabalhar eu procrastino muito, também gosto de ter o meu dinheiro, ser independente (Joana, 2024).

Não, só o financeiro (Maria, 2024).

De acordo com Vargas (2013), o fator socioeconômico determina fortemente o desempenho escolar dos estudantes. A dependência do financeiro para custear os gastos não só da mensalidade, mas os demais que são necessários para se manterem na graduação e seus gastos pessoais que contribuem para a permanência na conciliação entre o trabalho e estudo. “Por vezes, o trabalho dificulta a escolarização, por vezes, a ausência de trabalho impede a escolarização” (Vargas; Paula, 2013, p. 465).

É importante frisar que há um dilema presente nos estudantes sobre suas capacidades de corresponder às exigências acadêmicas, profissionais e pessoais, ao mesmo tempo em que se esforçam para preservar a saúde mental. Estudar psicologia de acordo com Santos (2023), é uma responsabilidade complexa, a disciplina exige um intenso comprometimento, considerando que os conteúdos abordam a profundidade da subjetividade humana e os processos de adoecimento mental. Deste modo, as bases para a motivação e dedicação à sua vida acadêmica são um desafio constante para a permanência na universidade, levando em consideração a impossibilidade de abster-se do trabalho em prol dos estudos e a consequente dificuldade de conciliar vida acadêmica com o profissional.

As participantes foram indagadas sobre as principais razões que mantêm cada uma delas motivadas nesta dupla jornada, e responderam que:

Eu penso no futuro, que serei recompensada (Jussara, 2024)

Pensar no meu futuro e no meu ideal (Carla, 2024).

Se dependesse de mim eu largaria o trabalho, pois a única coisa que me motiva nele é o dinheiro que me faz pagar meus estudos. Um dos maiores fatores que me motiva é a formação no meu curso, mesmo a migração pendular sendo muito cansativa, sei que no final vai valer a pena (Marta, 2024).

Fé, e vontade de vencer na vida, de ser reconhecida profissionalmente. Saber que sou a primeira pessoa da família a ter um diploma na faculdade de ensino superior, minha motivação é a minha família (Laura, 2024).

Concluir o curso, por mais que seja difícil, é uma área que eu gosto, também por ser independente, trabalhar e conquistar minhas coisas (Joana, 2024).

O sonho de formar e ser psicóloga (Maria, 2024).

Segundo Pereira; Coutrim (2020) a família tem um papel importante seja direta ou indiretamente na conclusão do ensino superior com êxito. Além disso, a idealização de um sonho, de formarem no curso que tanto desejam com a expectativa de um futuro abrangente de oportunidades que a formação pode proporcionar, levam a persistência na graduação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa revelaram uma série de desafios enfrentados por estudantes de psicologia que trabalham e realizam migração pendular. O estudo permitiu identificar que a conciliação entre o trabalho e os estudos é uma das principais dificuldades encontradas por esses estudantes, uma vez que a demanda de tempo e energia para ambas as atividades pode ser exaustiva.

Além disso, a migração pendular, ou seja, o deslocamento diário entre a casa e o centro universitário ou local de trabalho, também foi apontada como um obstáculo significativo, devido aos longos trajetos e ao consequente desgaste físico e emocional. Esses resultados são importantes para compreender os desafios enfrentados por essa população e fornecer subsídios para a criação de políticas e estratégias de apoio que possam contribuir para uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento acadêmico e profissional desses estudantes.

Outrossim, fica evidente que os estudantes que dividem a jornada entre trabalho, estudo e realizam migração pendular, certamente possuem maior necessidade de organização do tempo e das tarefas diárias do que os estudantes que não trabalham. Para o estudante trabalhador, a falta de tempo para os estudos e o cansaço extremo é o principal fator de fragilização do percurso acadêmico. Analisar os resultados obtidos com essa pesquisa é relevante para compreender os desafios enfrentados pelos estudantes de psicologia, visto que a conciliação entre

trabalho, estudo e migração pendular são aspectos que podem influenciar nas áreas pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portal Brasil. Cidadania e Justiça**, 2015. Disponível em: [www.brasil.gov.br. Cidadania e Justiça](http://www.brasil.gov.br/Cidadania_e_Justica). Acesso em 07 de nov. de 2023.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUNCAMP**, [s.l.], v.20, n.43, p.98-111/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347/1443>. Acesso em 01 out. 2023.

COSTA, Silas Dias Mendes; MARQUES, Esther de Matos Ireno; FERREIRA, Ana Carolina Chaves. Entre sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes. **Revista Gestão Organizacional**. Chapecó, v. 13, n. 1, p. 64-85, 2020. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/4802>. Acesso em 09 de jun. de 2024.

FRANCELLINO, Sandra Maria Rebello de Lima. Migração pendular de estudantes universitários na região de Aquidauana-Mato Grosso do Sul-Brasil. **Trajetórias Humanas Trascontinentales**. Mato Grosso do Sul, n. 6, 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/trahs/index.php?id=2395&lang=pt>. Acesso em 12 out. de 2023.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026580/>. Acesso em 26 de set. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770670/>. Acesso em 26 set. 2023.

PEREIRA, Lucinéia de Souza. O estudante de camadas populares na universidade pública: permanência garantida. **Cadernos da Pedagogia**, Ouro Preto, v. 12, n. 24, p. 16-29, Jan./Jun., 2019. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1219/430>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

PEREIRA, Lucineia de Souza; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Estudantes trabalhadores de camadas populares em seu desafio cotidiano de conciliar trabalho e estudo. **Educativa**, Goiânia, v. 23, p. 1-16, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/14743>. Acesso em 12 out. 2023.

REBELLO de Lima FRANCELLINO, Sandra Maria. Migração pendular de estudantes

universitários na região de Aquidauana-Mato Grosso do Sul-Brasil. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**. Mato Grosso do Sul, n. 6, 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/trahs/index.php?id=2395&lang=pt>. Acesso em 12 de out. de 2023.

ROCHA, Vanessa Tamiris Rodrigues; BORTOLO, Carlos Alexandre de. O movimento pendular de estudantes universitários francisco-saenses com destino a Montes Claros (MG). **Cerrados**, Montes Claros, v. 21, n. 1, p. 75-105, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8909276>. Acesso em 25 de fev. de 2024.

SAHÃO, Fernanda Torres; KIENEN, Nádia. Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s. l.], v. 25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/tdnsrZFWkyb53nvNZG79p9n/?lang=pt>. Acesso em 22 de out. de 2023.

SANTOS, Caroline Ramos Sanches dos. **Experiência de trabalhar e estudar de universitária concludente do curso de psicologia: uma narrativa autobiográfica**. 2023. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) - Centro Universitário Christus, Foz de Iguaçu, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unichristus.edu.br/jspui/handle/123456789/1572>. Acesso em 12 de mar. de 2024.

SILVA Langhans, Milena; GILL, Lorena Almeida. Desafios dos estudantes trabalhadores da UFPE (2019-2020). **Dialogia**, [s. l.], n. 36, p. 581-594, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18188>. Acesso em 12 de out. de 2023.

SILVA, Alexsandra Maria Sousa; XIMENES, Verônica Moraes. Discussões sobre saúde mental e suporte social entre estudantes universitários. **Revista Ciências Humanas** - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil, v15, e31, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2022.v15.n1.a850>. Acesso em 22 de out. de 2023.

SILVA, Dayane Peixoto da; LOPES, Letícia Simone Silva; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira. Maria de Fatima da Silva Gomes e Maria Valrineide da Silva Lima: a educação em meio a migração pendular. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-12, ago., 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6381/5610>. Acesso em 25 de set. de 2023.

SILVA, Fabiano Padilha da. A dupla condição de trabalhador e estudante do ensino noturno nas escolas públicas da região central de Florianópolis: uma **tragédia anunciada?**. 2028. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205251>. Acesso em 12 out. de 2023.

SILVA, Maria Eduarda Alves; SANTOS, Rayza Rodrigues dos; MEDEIROS, Roberta Vanyhellen de Jesus; Souza, SandielyLorrainy de Carvalho; SOUZA, Dagmar Fonseca; Ferreira, Deuzileni Pereira Vieira. Saúde mental dos estudantes

universitários. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, [s. l.], v. 9, p. e6228-e6228, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/6228>. Acesso em 22 de out. de 2023.

SILVA, Milena Langhanz; Gill, Lorena Almeida. Desafios dos estudantes trabalhadores da UFPE (2019-2020). **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 581-594, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18188>. Acesso em 12 de out. de 2023.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. **A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado**. *Avaliação*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 459-485, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/VmmLwb3h8zbnsKVnJRJKqDz/#>. Acesso em 22 de mar. de 2024.

ANEXO

Anexo 1: Entrevista Adaptada (Silva, 2018).



**CENTRO UNIVERSITÁRIO VÉRTICE – UNIVÉRTIX SOCIEDADE EDUCACIONAL
GARDINGO LTDA. – SOEGAR**

Sexo:

Idade:

Trabalho Atual:

Curso/ Período:

Distância do Traslado de casa a Faculdade:

- 1- Como você consegue equilibrar as demandas do seu trabalho, estudo e o deslocamento frequente?
- 2- Quais foram os maiores obstáculos que você já enfrentou nesse processo de conciliação entre o estudo, trabalho e migração pendular?
- 3- Quais estratégias específicas você utiliza para administrar seu tempo e garantir que consiga cumprir com as suas obrigações, tanto no trabalho, quanto nos estudos?
- 4- Além da necessidade financeira existem outros motivos que o levam a conciliar o trabalho e os estudos?
- 5- Quais são as principais razões que o mantém motivado nessa jornada de conciliação?

A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SEUS IMPACTOS AFETIVOS E SOCIAIS: UM ESTUDO DE CASO.

ACADÊMICAS: Jade Carolina Lopes da Silva e Lídia Souza Mairink

ORIENTADORA: Fernanda Bicalho Pereira

LINHA DE PESQUISA: Linha 1: Psicologia Processos Clínicos e da Saúde

RESUMO

A adolescência é um tempo de enorme mudança física, emocional e social, e a gravidez precoce é um dos desafios mais difíceis que um adolescente pode enfrentar. Este estudo de caso explorou as implicações emocionais da gravidez na adolescência através das experiências de pelo menos uma mulher que teve uma ou mais gestações durante esse período. Um estudo de caso de projeto qualitativo exploratório foi empregado, enquanto os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas para obter informações sobre as experiências do participante. Os dados foram analisados usando uma abordagem fenomenológica. Os resultados mostram que a gravidez na adolescência resulta em muitas implicações emocionais, como tristeza, falta de excitação e frustração; também existem implicações psicológicas relacionadas à inexperiência e apoio social limitado. A participante relatou as seguintes consequências: a cessação da educação, um desequilíbrio na responsabilidade dos pais e eventos significativos relacionados à gravidez, como complicações durante o parto. Há uma necessidade urgente de prevenir, intervir e implementar estratégias de suporte apropriadas para adolescentes grávidas. As implicações psicológicas da gravidez em adolescentes são um componente importante no desenvolvimento de políticas públicas e programas educativos para evitar a gravidez precoce e apoiar as adolescentes grávidas para melhorar sua qualidade de vida e a de seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência; gravidez precoce; impactos emocionais

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição marcado por mudanças físicas, emocionais e sociais significativas. Durante essa fase, os jovens estão se desenvolvendo rapidamente, explorando sua identidade e enfrentando desafios que moldarão seu futuro. No entanto, um dos desafios mais complexos e impactantes que alguns adolescentes enfrentam é a gravidez precoce (Santos *et al.* 2020). A gravidez na adolescência é um fenômeno que ocorre em todo o mundo, afetando milhões de jovens a cada ano. Este fenômeno, embora presente em diferentes contextos culturais e sociais, representa um tema relevante e preocupante que merece uma análise aprofundada de seus impactos psicológicos.

A gravidez na adolescência é definida como a gestação que ocorre em jovens com idade entre 10 e 19 anos segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (Freire *et al.*, 2023), enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n.º 8069/90, denomina adolescente todo indivíduo com idade entre 12 e 18 anos (Brasil, 1990). A adolescência tem sido objeto de interesse em diversas áreas do conhecimento, como a psicologia, sociologia, medicina e educação, devido às suas implicações sociais, econômicas e, especialmente, psicológicas. É uma realidade que transcende fronteiras geográficas e culturais, afetando adolescentes em países desenvolvidos e em desenvolvimento, independentemente de seu contexto social ou econômico e que se caracteriza como um problema de saúde pública (Freitas; Santos, 2020).

Os impactos psicológicos da gravidez na adolescência são profundos e multifacetados. O período da adolescência já é caracterizado por intensas mudanças emocionais e pela busca de identidade, e a chegada de uma gravidez pode amplificar essas complexidades. A pressão social, o estigma, a ansiedade em relação ao futuro e as questões de autoestima são apenas algumas das preocupações enfrentadas por adolescentes grávidas. Além disso, a falta de apoio adequado, tanto de suas famílias quanto das instituições, pode tornar mais graves os desafios emocionais e psicológicos que essas jovens enfrentam (Ferreira, 2018).

A gravidez na adolescência é um fenômeno que requer uma análise profunda e empática. Compreender seus impactos psicológicos é essencial para desenvolver estratégias de prevenção, intervenção e apoio adequado a essas jovens. Além disso, a pesquisa nesse campo contribui para a formulação de políticas públicas mais eficazes e programas educacionais direcionados à prevenção da gravidez precoce e ao apoio às adolescentes que já estão nessa situação.

Diante dessas afirmações, questiona-se: Qual é o impacto afetivo e emocional da gravidez na adolescência para a mulher que a viveu? É muito importante compreender as dimensões psicológicas dessa questão, a fim de promover uma melhor qualidade de vida para as adolescentes grávidas e, conseqüentemente, para seus filhos.

Este estudo teve como objetivo analisar os impactos emocionais da gravidez na adolescência, buscando compreender as experiências de uma mulher que viveu pelo menos uma gestação durante a adolescência.

Este trabalho se justifica por se tratar de uma temática que envolve aspectos de vulnerabilidade em um momento já muito sensível do ciclo vital, fazendo-se necessária uma análise dos desafios emocionais enfrentados pelas adolescentes grávidas. A partir desse entendimento, poderemos desenvolver políticas e programas que ofereçam apoio adequado, educação sexual eficaz e medidas preventivas para reduzir a incidência de gravidez na adolescência. Além disso, compreender os impactos psicológicos desse fenômeno contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, que valoriza o bem-estar emocional de seus jovens e promove oportunidades igualitárias para todos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A gravidez na adolescência é caracterizada pelo estado de gestação em que uma mulher jovem, geralmente com idade compreendida entre 13 e 19 anos. Ela resulta da fertilização do óvulo por um espermatozoide, o que inicia o desenvolvimento de um embrião ou feto no útero da adolescente. A gravidez nessa faixa etária é considerada uma questão de saúde pública, uma vez que apresenta desafios únicos, tanto para as adolescentes grávidas quanto para a sociedade em geral. Além das implicações físicas, a gravidez na adolescência pode ter impactos profundos no bem-estar emocional, social e econômico da jovem mãe, além de desafios adicionais, como o acesso a cuidados pré-natais adequados e o enfrentamento das pressões sociais e familiares (Durães *et al.*, 2023).

A definição de gravidez na adolescência vai além de uma condição médica, englobando aspectos sociais, psicológicos e econômicos. Ela envolve não apenas a ocorrência da gestação em uma faixa etária considerada inadequada para a maternidade, mas também as complexidades que cercam a gravidez e o parto para uma adolescente. Além disso, essa realidade muitas vezes está associada a um aumento na probabilidade de complicações durante a gestação e parto, bem como a desafios educacionais e profissionais que podem impactar significativamente o futuro da jovem mãe (Almeida *et al.*, 2021).

Silva *et al.* (2018) afirmaram que entre os principais elementos que impactam a saúde dos adolescentes, destacam-se a dinâmica familiar, o nível de instrução e as vulnerabilidades associadas a essa fase do desenvolvimento, tais como o risco de contrair infecções sexualmente transmissíveis (IST), a ocorrência de uma

gravidez não planejada, o acesso a substâncias entorpecentes e a ocorrência de acidentes de trânsito. No entanto, a gravidez na adolescência se caracteriza, mais especificamente, pelo baixo status socioeconômico, a limitada formação educacional e os conflitos familiares. Dessa forma, essa problemática constitui um sério desafio para a saúde pública e um risco social, com estudos apontando que aproximadamente 16 milhões de adolescentes com idades entre 15 e 19 anos engravidam a cada ano (Picanço, 2023). Portanto, a compreensão completa da gravidez na adolescência deve abranger as dimensões médicas, sociais e emocionais que a tornam uma questão multidimensional que requer atenção e apoio abrangentes.

Com relação às consequências da gravidez na adolescência, estas são significativas e multifacetadas. No âmbito da saúde, as adolescentes grávidas enfrentam riscos agravados, incluindo complicações durante a gestação e o parto (Taborda *et al.*, 2014). Do ponto de vista educacional, a gravidez frequentemente culmina na interrupção dos estudos, o que limita as perspectivas acadêmicas e profissionais futuras. Adicionalmente, o impacto psicossocial se manifesta através do estigma social associado à gravidez na adolescência, bem como de elevados níveis de depressão e ansiedade entre as mães jovens. Os desafios na maternagem nesta fase incluem a inexperiência materna, necessidade de equilibrar responsabilidades parentais com a adolescência e a falta de apoio adequado (Monteiro; Pereira, 2018).

Nessa perspectiva, o apoio social e familiar desempenha um papel crucial na experiência das mães adolescentes. Visto que a gravidez na adolescência não necessariamente resulta em situações problemáticas quando está associada ao apoio familiar e social, observância das orientações fornecidas no pré-natal, presença do parceiro, responsabilidade e cuidado com o bebê. Dada a natureza do período, que envolve instabilidade emocional, o suporte da família, amigos e parceiro é crucial, podendo contribuir para a mitigação de um episódio bastante comum, que é a depressão (Lima *et al.*, 2016; Matos *et al.*, 2022). Portanto, o respaldo familiar configura-se como um elemento protetor para os adolescentes, visto que simplifica a adaptação ao novo papel de mãe e pai, a obtenção de conhecimentos sobre os cuidados necessários com o bebê, além de proporcionar suporte emocional à mãe adolescente. A implementação dessa nova estrutura pode implicar em um ônus financeiro para os avós, conflitos entre pais e filhos

relacionados à criação da criança, além de modificar a dinâmica da vida social e familiar, entre outros desdobramentos (Fonseca; Marcon, 2012; Mainetti; Wanderbroocke, 2013).

A prevenção da gravidez na adolescência inclui a adoção de abordagens abrangentes que englobem educação sexual, acesso a serviços de saúde reprodutiva, suporte familiar e comunitário, além da promoção de oportunidades educacionais. Programas de educação sexual abrangentes nas escolas e comunidades desempenham um papel central na informação dos adolescentes sobre contraceptivos e métodos de prevenção. O acesso a contraceptivos deve ser facilitado e políticas de saúde sexual e reprodutiva devem garantir que os serviços de saúde estejam disponíveis e acessíveis às adolescentes. Um esforço coletivo é necessário para lidar com a problemática da gravidez na adolescência. A colaboração entre escolas, profissionais de saúde, famílias, comunidades e formuladores de políticas é essencial para criar um ambiente propício e solidário para os adolescentes, assegurando-lhes acesso aos recursos e aos suportes necessários para uma gravidez saudável e um futuro promissor (Cunha *et al.*, 2020).

A saúde mental das mães adolescentes é uma consideração crítica no contexto da gravidez na adolescência. Visto que esta configura um fator de risco para o surgimento de doenças psiquiátricas, como ansiedade e depressão. As implicações na saúde mental decorrentes da gravidez durante a adolescência abrangem uma gama diversificada, incluindo sofrimento psicológico, abandono escolar, adoção de comportamentos relacionados ao consumo de álcool, ideação suicida e tentativa de suicídio (Carvalho, 2021). O apoio psicológico é essencial para auxiliar as mães adolescentes a enfrentarem os desafios emocionais inerentes a essa fase. Reduzir o estigma em torno da gravidez na adolescência é fundamental para promover a saúde mental das mães adolescentes e para garantir que possam se desenvolver e criar seus filhos de forma saudável e resiliente (Steen, 2019).

3 METODOLOGIA

O estudo é uma pesquisa exploratória, qualitativa, por meio de um estudo de caso. A pesquisa qualitativa busca entender fenômenos humanos, buscando deles obter uma visão detalhada e complexa através de uma análise científica do pesquisador. Este tipo de pesquisa se preocupa com o significado dos fenômenos e

processos sociais, ou seja, leva em consideração as motivações, crenças, valores e representações encontradas nas relações sociais (Silva, 2016). A pesquisa do tipo exploratória tem como propósito ampliar o conhecimento do pesquisador acerca de uma problemática específica, é uma modalidade de pesquisa de suma importância no estágio inicial de investigações. Isso ocorre porque, ao aprofundar a compreensão da problemática a ser estudada, torna-se viável aprimorar de maneira mais precisa a formulação da pergunta de pesquisa, fazer uma seleção mais criteriosa dos instrumentos de coleta de dados e gerenciar eficientemente o emprego do tempo e dos recursos disponíveis (Sampaio, 2022).

A técnica estudo de caso é uma modalidade de investigação cuja preocupação fundamental reside na contínua revisão de seus pressupostos, uma vez que o conhecimento nunca é estático, permanecendo em constante evolução. Sob esse contexto, os estudos de caso desempenham um papel significativo como geradores de hipóteses mais amplas, expandindo as possibilidades de novas descobertas ou aprofundamento do conhecimento em um determinado campo (Sampaio, 2022; Oliveira, 2008).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada. De acordo com Moreira (2002), a entrevista pode ser definida como uma comunicação entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente (Sampaio, 2022). A aplicação das entrevistas tem o objetivo de permitir ao pesquisador adquirir informações que, provavelmente, estão em posse dos entrevistados (Guanzi, 2021).

Os critérios de inclusão da participante da pesquisa foram: ter acima de 18 anos de idade, ter vivido pelo menos um ciclo gravídico-puerperal antes dos 18 anos de idade e ser residente de algum dos municípios da Zona da Mata Mineira. Os critérios de exclusão foram: ser menor de 18 anos de idade, não ter vivido uma gestação no período da adolescência e residir fora da Zona da Mata Mineira.

A participante foi selecionada de forma intencional, compondo uma amostra de conveniência, a partir de indicações de pessoas pertencentes ao círculo de convivência das pesquisadoras. A partir dessas indicações, foi realizado contato com a voluntária, formalizando o convite para a participação na pesquisa. A participante foi orientada quanto aos objetivos, riscos e benefícios da investigação, por meio da leitura e discussão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como

concordasse com o teor, foi solicitado que assinasse o documento anteriormente citado.

A entrevista foi agendada com a participante para momento e local escolhidos por ela, foi gravada e, posteriormente, transcrita para análise. A análise dos dados foi realizada por meio do método fenomenológico, a partir da leitura geral do material formado pela transcrição das entrevistas, a definição de unidades de significado, a expressão das unidades de significado e a formulação de uma síntese dessas unidades. A partir das unidades de significado buscou-se a elucidação da estrutura do fenômeno estudado, a partir da essência da experiência de maternidade vivida, e do entrelaçamento das vivências que serão relatadas pela participante.

A entrevista foi dividida em duas etapas: a primeira consistiu em um breve levantamento dos dados sociodemográficos; a segunda parte foi conduzida a partir de um roteiro semiestruturado, adaptado da dissertação de mestrado de Feltran (2018).

A entrevista foi gravada e, em seguida, transcrita na íntegra. Foi mantida nas falas a linguagem utilizada pela participante, a fim de ser fiel às expressões da pesquisada. Elas foram organizadas em categorias de análise, seguindo os passos propostos pelo referencial adotado (Schütz, 2012).

Este estudo seguiu todas as especificações da Lei 466/2012 (Brasil, 2012), que trata de pesquisa envolvendo seres humanos, tendo sido submetido ao Comitê de Ética em pesquisa, sob o CAAE 79850524.5.0000.9407.

4. CATEGORIAS DE ANÁLISE DE DADOS

A entrevista foi com uma mulher solteira, de 32 anos, com ensino médio incompleto. Ela se identifica como negra, vivenciou duas gestações, uma das quais na adolescência. Ambas as crianças nasceram de parto normal. A participante vive com uma renda familiar inferior a um salário-mínimo. Atualmente, trabalha como empregada doméstica e manicure.

A análise dos dados revelou quatro categorias, que serão apresentadas e examinadas a seguir.

4.1 Experiências nas Gestações

Como já é sabido, a gravidez é um período envolto em diversas mudanças, sejam elas mudanças físicas ou emocionais (Felix, 2020). Para uma mulher adulta e madura, é uma etapa considerada difícil visto as transformações que a gestação proporciona. Vejamos pelo viés de uma mulher que, enquanto adulta, atravessou esse processo na adolescência.

Partindo do ponto das experiências de uma mãe que vivenciou a gestação durante a adolescência direcionamos a atenção para as descobertas feitas. Ao questionar a entrevistada sobre a experiência da gestação na adolescência, a mesma respondeu:

[...] por eu ser muito nova, foi uma coisa muito triste, não era aquilo que eu queria para a minha vida.”

[...] a primeira foi muito triste, meus pais não queriam isso para mim e nem eu mesma queria. Mas enfim, aconteceu, a gente está aí para isso mesmo.

Nessa perspectiva, pode-se observar que a gravidez na adolescência é o prenúncio de sentimentos complexos: por exemplo, choque e espanto. Muitas vezes, isso é seguido por medos profundos sobre o futuro. Medo de condenação e reações negativas da família, amigos, ansiedade sobre mudanças físicas e emocionais que o futuro pode trazer. Figueiredo, (2016), afirmou que a descoberta da gravidez é marcada por surpresa e uma certa apreensão em relação a contar aos familiares. Ademais, para alguns deles, as notícias também podem trazer sentimento de culpa ou vergonha, especialmente em ambientes sociais onde a gravidez precoce é estigmatizada.

Confrontada sobre as expectativas da gestação na adolescência, a voluntária respondeu que não tinha expectativas com a gestação. Frente às expectativas em relação à gravidez, a adolescente, muitas vezes, se vê frequentemente dividida entre sonhos e incertezas. Por um lado, as expectativas sobre o novo papel da maternidade são mantidas vivas com as expectativas de felicidade que isso pode trazer. Por outro lado, ela está realmente preocupada em equilibrar a gravidez com seus estudos, relacionamentos e planos futuros. Essa dualidade de sentimentos mostra a complexidade de suas expectativas, que estão envolvidas tanto com a antecipação dos problemas quanto na esperança de um futuro melhor para si e para o bebê (Silva; Abrão, 2020).

A partir dessa devolutiva seguiu-se com o questionamento frente aos motivos de não ter expectativas sobre a gestação. A entrevistada retornou a pergunta com a seguinte resposta:

Por não ter experiência mesmo, porque até então eu não tinha nenhum mesmo. Mesmo tendo o apoio dos meus pais, dos meus irmãos, mas não era o que eu queria.

A ausência de expectativas claras sobre a gestação na adolescência pode acarretar diversas consequências. Sem uma visão definida do que esperar, a adolescente pode sentir-se perdida e despreparada para enfrentar os desafios que a maternidade traz. Isso pode gerar uma sensação de alienação, mesmo que ela conte com o apoio de pais e irmãos. A falta de preparo emocional e mental pode dificultar a aceitação da nova realidade, intensificando sentimentos de frustração e desamparo. Além disso, a ausência de expectativas pode impactar negativamente no planejamento e na tomada de decisões importantes para o bem-estar dela e do bebê, dificultando a adaptação e o enfrentamento das responsabilidades maternas.

Ainda discorrendo sobre o processo da gestação na adolescência a participante demonstrou o desejo de ter prosseguido com os estudos e o com o trabalho:

Queria ter trabalhado, estudado. Acabou que eu cortei meus estudos, não por causa de não ter ninguém para poder ficar com os meus filhos. Mas, devido ao desânimo, ao cansaço.

Frente a essas perspectivas, algumas pesquisas apontam que as consequências psicossociais decorrentes da gravidez na adolescência abarcam o abandono escolar (Pires *et al.*, 2015). Em conformidade, Cunha *et al.* (2020) citaram que é importante ressaltar as várias repercussões na rotina da jovem que está esperando um bebê, como a dificuldade de arranjar trabalho, o afastamento da escola, a chance de não permanecer mais com o parceiro nos primeiros meses após o nascimento do filho. Além disso, é possível mencionar os efeitos psicossociais, como o rechaço por parte da família, sensação de insegurança, medo e constrangimento, assim como perda de independência e maior probabilidade de desenvolver depressão e pensamentos suicidas.

4.2 Acontecimentos Marcantes nas Gestações

Durante a gestação vários grandes eventos podem ser vividos como marcantes ou mais significativos. Dentre esses eventos estão a confirmação da

gravidez, a primeira movimentação do bebê, os exames pré-natais e o conhecimento do sexo do bebê. Além de envolver também a preparação para o parto do bebê, incluindo a compra de enxoval e da escolha nome do bebê (Frota *et al.*, 2020). O terceiro trimestre traz emoção e expectativa porque o parto está chegando. O clímax é o próprio nascimento e, finalmente, o início de um novo horizonte de desafios e felicidade para a família.

Diante dessa perspectiva, a entrevistada apresentou alguns acontecimentos que marcaram a gestação, como o fato de passado por acontecimentos considerados por ela como momentos traumatizantes. Dessa forma, a entrevistada apresenta a seguinte resposta frente ao questionamento dos momentos marcantes da sua gestação:

Tive o José (nome fictício) muito nova, com 15 anos. Ele passou da hora de nascer, portanto hoje ele tem uma deficiência, por fato da minha gravidez, de ter atrasado a hora do parto. Hoje ele é uma criança que tem paralisia cerebral, ele é epilético, tem uma mini paralisia, um cisto policefálico do lado direito do cérebro. Então foram muitas turbulências que eu venho enfrentando até hoje. Muitos médicos, muitos remédios. E assim, eu não estava preparada pra isso, pra isso tudo. Tão nova e com a criança, com essa deficiência, com a paralisia cerebral. Mas hoje eu consigo lidar com tudo.

No decorrer do relato apresentado pela participante, ela ainda apresentou outro fator: a ausência do pai biológico do seu filho. Diante desse fato, questionou-se a participante sobre como foi educar seus filhos sem o apoio paternal. Ela relatou:

[...] pra mim foi tranquilo, né? Tenho meu pai, tenho minha mãe, eles no caso, que eu considero como se fossem os pais dos meus filhos. Porque tem os pais, mas não são tão presentes.

Diniz *et al.* (2021), citaram que a ausência do pai biológico no decorrer da gestação pode acarretar sentimentos de angústia, ciúme e ansiedade. Conseqüentemente, as demandas e necessidades da mulher não serão atendidas. Com relação a educação dos filhos, a ausência do pai biológico pode trazer diversas conseqüências para seus filhos, tais como: dificuldade na manutenção dos vínculos, atitudes desrespeitosas, problemas de autoconfiança, resultando em transtornos psicológicos, desamparo e sensação de inadequação (Soares, 2021).

Por meio desses relatos é possível observar o quão resiliente a entrevistada foi em lidar com os desafios provocados pela maternidade solteira e como o apoio familiar desempenhou um papel significativo na criação de filhos. Sua experiência simboliza como se pode se sentir durante e após a gravidez; o que, de fato, levanta

a necessidade de apoio para mães em situações semelhantes. Além do apoio da família e dos amigos, é muito importante que a mãe receba apoio psicológico para ajudá-la a reconhecer sua posição e realizar a maternidade de maneira mais tranquila, saudável e com prazer, ajudando a construir uma sociedade com mais igualdade e empatia (Nascimento, 2016).

4.3 Impactos da Primeira Gestação na Adolescência

A primeira gravidez na adolescência pode ter implicações profundas e multifacetadas na vida de uma adolescente. Além de todas as mudanças físicas e emocionais decorrentes da gravidez, é mais provável que ela enfrente desafios adicionais, como interrupções na educação, pressão social e emocional e limitação do desenvolvimento pessoal e profissional. Como apresentado pela entrevistada:

[...] a vida da gente, o mundo da gente para, né? Que é uma criança apenas com 14 anos, engravidar, uma criança cuidando de outra criança. Sim, não foi fácil não, sabe? Foi um momento muito difícil para mim. E às vezes eu me pego pensando assim, oh meu Deus, será que isso é para mim mesmo? Mas a gente não tem como, como se diz, não tem como voltar atrás do que já foi feito, né?

A gravidez na adolescência traz mudanças significativas, tanto físicas quanto emocionais. O corpo da jovem passa por transformações aceleradas, como aumento de peso e alterações hormonais, que podem afetar o humor e o bem-estar. Emocionalmente, a adolescente pode enfrentar ansiedade e medo, além de desafios sociais e educacionais, como a interrupção dos estudos e dificuldades financeiras (Dias; Texeira, 2010). Um suporte adequado, com orientação médica e apoio psicológico, é essencial para ajudar a jovem mãe a lidar com essas mudanças de forma saudável (Casellato *et al.*, 2015).

Portanto, a gravidez na adolescência tem implicações multifacetadas e profundas que afetam significativamente a vida da jovem em aspectos físicos, emocionais, sociais e educacionais. O relato da entrevistada descreve surpreendentemente a realidade de muitas adolescentes nessa situação e enfatiza a necessidade aguda de apoio adequado. São necessários aconselhamento médico e apoio psicológico para ajudar a jovem mãe a enfrentar essas mudanças e desafios de maneira saudável e, assim, criar um futuro mais estável e equilibrado.

4.4 Rede de Apoio Recebido

A rede de apoio durante a gravidez inclui parentes, amigos, parceiros, profissionais de saúde e grupos de apoio. Dar apoio emocional à mulher grávida por ansiedade e estresse e apoio prático em suas tarefas diárias (Felix, 2020). Os prestadores de cuidados de saúde fornecem orientação e informações importantes sobre gravidez. Na área de problemas financeiros, a rede também pode oferecer apoio econômico (Martins, 2020). Após o parto, ainda é vital para a recuperação da mãe, pois ajuda com o bebê e, o mais importante, oferece apoio emocional. Em conclusão, a rede de suporte garante uma experiência mais saudável e confortável durante a gravidez e o parto (Amorim, 2021).

O apoio na gravidez durante a adolescência desempenha, portanto, um papel crítico no bem-estar da jovem mãe e do seu bebê. A voluntária nos revelou no seguinte trecho:

[...] minha família, meu pai, meus irmãos, me deram todo o apoio do mundo [...].

[...] Sempre a vida toda me ajudou, quanto na primeira, quanto na segunda. Se não fossem eles, quem seria? Ai, de mim, o que seria? Mas fui sempre, fui batalhadora, sempre consegui criar os meus dois filhos hoje. Como eu continuo cuidando do trabalho pra isso, pra poder fazer tudo o que precisar fazer por eles[...].

A presença dos pais da adolescente pode ser crucial para suprir a ausência do pai biológico durante a gravidez na adolescência. Eles podem fornecer suporte emocional, ajudando a adolescente a lidar com o estresse e a ansiedade que surgem durante essa fase. Além disso, os pais podem oferecer orientação prática e financeira, auxiliando na preparação para o nascimento e na criação do bebê (Oliveira, 2005).

Os pais também desempenham um papel importante ao ajudar a adolescente a continuar sua educação, oferecendo cuidados ao bebê enquanto ela estuda ou trabalha. A presença de uma rede de apoio familiar sólida pode reforçar a autoestima da jovem mãe, proporcionando um ambiente estável e amoroso para ela e seu filho. Esse apoio é fundamental para o desenvolvimento saudável do bebê e para o bem-estar da adolescente (Barreto; Rabelo, 2015).

Em resumo, o apoio da rede é essencial durante a gravidez na adolescência para o bem-estar da mãe e da criança. A garantia e o apoio são alcançados através da contribuição e da presença de familiares, amigos e profissionais de saúde. Dá à menina a chance de continuar seus estudos e então realizar seus objetivos na vida.

Este apoio é principalmente importante não só para a sua saúde imediata, mas também para o seu desenvolvimento durante um longo período. Em suma, uma rede de apoio e ajuda garante que a experiência da criança durante a gravidez possa ser revertida de forma a tornar o seu futuro um pouco mais promissor através da resiliência e do desenvolvimento pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, foram desvendados os profundos impactos emocionais e psicológicos da gravidez precoce em adolescentes, apontando para o quão complexa e desafiadora é a gravidez jovem. A falta de escolaridade, experiência e apoio social, aliada às complicações causadas pela gestação, realmente exige um tratamento multidimensional e complexo para essas jovens.

As conclusões sublinham a necessidade de políticas e programas educativos eficazes dirigidos à prevenção da gravidez na adolescência e à garantia de apoio adequado às adolescentes grávidas. Intervenções específicas podem ajudar a aliviar estes impactos negativos, criando um ambiente mais propício ao desenvolvimento saudável e ao bem-estar das jovens mães e dos seus filhos.

Isto reitera a necessidade de estratégias de prevenção e apoio, preconizando o direcionamento específico das peculiaridades emocionais e sociais da gravidez na adolescência, a fim de melhor qualidade de vida e oportunidades futuras para essas adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.T. de. **Retrato de uma forma contemporânea de angústia**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23591>. Acesso em: 06 de jun.2024.

AMORIM, M. P. **Percepções de mulheres da região Sul de Santa Catarina sobre o papel da doula**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Psicólogo no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Santa Catarina, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/7934>. Acesso em:06 de jun.2024.

BARRETO, M.J.; RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 34-42, dez. 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 jun. 2024.

BRASIL. **Lei Federal nº. 8.069, de 13 de julho de 1990.** ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 06 de jun.2024.

CARVALHO, C. A.; CARVALHO, T. A. **Repercussões na saúde mental da gravidez na adolescência.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama- DF, 2021. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/1399>. Acesso em: 28 de mar.2024.

CASELLATO, G.; TINOCO, V.; PRADE, C. F.; REIS, D.; DE OLIVEIRA, D.; FRANCO, M. H. P.; FIGUEIREDO, A. C. C. **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido.** Summus Editorial, São Paulo, 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=4SqCCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=+Um+suporte+adequado,+com+orienta%C3%A7%C3%A3o+m%C3%A9dica+e+apoio+psicol%C3%B3gico,+%C3%A9+essencial+para+ajudar+a+jovem+m%C3%A3e+a+lidar+com+essas+mudan%C3%A7as+de+forma+saud%C3%A1vel+&ots=v-Z3QiplGa&sig=kEzZbVz3ghAFPUAnhZEp7trXF00&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 07 de jun.2024.

CUNHA, A. C. dos S.; BORGES, J. L. F.; RIBEIRO, M. E. S.; SAVINO, B. A. C.; DOMINGUES, G. de P.; BREGA, C. B.; OLIVEIRA, C. H. N. de; BRITO, D. M. da S. Efeitos psicossociais da gravidez na adolescência: um estudo transversal / Psychosocial effects of pregnancy in adolescence: a cross-section study. **Brazilian Journal of Development.** [s.l.], v. 6, n. 7, p. 47412–47424, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13283>. Acesso em: 19 maio 2024.

DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia,** Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 123–131, jan. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100015>. Acesso em: 07 de jun.2024.

DINIZ, L. P. M.; LIMA, E. V. M.; SILVA, A. A. M. da; NOGUEIRA, H. I.; SANTOS, W. L. D. e. A presença paterna na consulta pré-natal: um estímulo para a promoção da saúde da gestante. **Enfermagem Brasil,** [s.l.]v. 20, n. 3, p. 353-369, 2021. Disponível em: <https://www.convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/4554/7240>. Acesso em: 11 de jun.2024.

DOS SANTOS, A. C. C. Efeitos psicossociais da gravidez na adolescência: um estudo transversal. **Brazilian Journal of Development,** [s.l.], v. 6, n. 7, p. 47412-47424, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13283>. Acesso em: 28 mar. 2024.

DURÃES, J. A.; GALVÃO, C. P. F.; PEREIRA, V. G.; OLIVEIRA, J. N. A. de; LEITE, I. C.; SOARES, H. T. B.; PRADO, T. D. Qualidade de vida, consequências e desafios da gravidez na adolescência. **Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza**, [s.l.], v. 17, 2023. Disponível em: <https://www.periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/1529>. Acesso em: 7 jun. 2024.

FELIX, A. **Mulheres, mães e mandalas: guia para criação de grupo de apoio compartilhado entre gestantes**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31841>. Acesso em: 06 de jun.2024.

FELTRAN, É. C. **A percepção de mães adolescentes acerca das expectativas da maternidade entre adolescentes**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1096477>. Acesso em: 06 de jun.2024.

FERREIRA, J. S. A. **Condições de vulnerabilidade sociodemográfica e estresse psicossocial materno como marcadores de risco para morbidade e estado nutricional em lactantes**. São Paulo, 2018. Dissertação (Mestrado de Pediatria) - Universidade de São Paulo. 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5141/tde-23102018-121112/en.php> Acesso em: 28 de mar.2024.

FIGUEREDO, T. B. **Gravidez na adolescência: uma revisão da produção de conhecimento na área do Serviço Social no período 2011/2015**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) —Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/17335>. Acesso em: 07 de jun.2024.

FONSECA, K. R. T.; MARCON, S. S. A família e o apoio social recebido pelas mães adolescentes e seus filhos. **Ciência, Cuidado e Saúde**, [s.l.], 2012. Disponível em: https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+fam%C3%ADlia+e+o+apoio+social+recebido+pelas+m%C3%A3es+adolescentes+e+seus+filhos&btnG=. Acesso em: 28 de mar.2024.

FREIRE O. D. de S.; MENDONÇA L. F. de; OLIVEIRA R. D. de; CALDANA N. Análise da via de parto em gestantes adolescentes, na última década (2010-2020), em Ribeirão Preto-SP. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, Ribeirão Preto-SP, v. 4, n. 3, p. 249-253, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v4n3a2023.57> Acesso em: 28 de mar. 2024.

FREITAS, M. V. P. de.; DOS SANTOS, F. R. Gravidez na adolescência: um problema de saúde pública no Brasil. **Revista da Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa-Congrega Urcamp**, [s.l.], v. 16, p. 227-232, 2020. Disponível em: <http://revista.urcamp.tche.br/index.php/rcjgpp/article/view/3934/2692>. Acesso: 28 de mar. 2024.

FROTA, C. A.; BATISTA, C. A. DE.; PEREIRA, R. I. DO N.; CARVALHO, A. P. C.; CAVALCANTE, G. L. F.; LIMA, S. V., DE A.; SANTOS, F. A. da S.A transição

emocional materna no período puerperal associada aos transtornos psicológicos como a depressão pós-parto. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s.l.] n. 48, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15309/15psd160210>. Acesso em: 06 de jun.2024.

GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação**, Pesquisa e Inclusão, [s.l.], v. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/rep/article/view/e202114>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LIMA, J. C. de.; MORAIS, D. C.; DE SOUSA, V. da R. B. Atuação do psicólogo na gravidez de adolescentes na faixa etária de 12 a 16 anos: Uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n. 12, p. e106111234142-e106111234142, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34142>. Acesso em: 28 mar. 2024.

LIMA, T. N. F. A.; COVIELLO, D. M.; LIMA, M. N. F. D. A.; ALVES, E. S. R. C.; DAVIM, R. M. B.; BOUSQUAT, A. E. M. Redes de apoio social às mães adolescentes. **Rev. enferm. UFPE on line**, Recife, p. 4741-4750, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-30031> Acesso em: 28 de mar.2024.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOKE, A. C. N. S. Avós que assumem a criação de netos. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 87-98, jul. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100009&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 mar. 2024.

MONTEIRO, A. K. de D.; PEREIRA, B. G. Causas e consequências da gravidez na adolescência. **Revista de Saúde Dom Alberto**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, 30 maio 2018. Disponível em: <https://revista.domalberto.edu.br/revistadesaudedomalberto/article/view/159> Acesso em: 29 de mar. 2024.

MARTINS, H. J. de M. **Inovação Tecnológica em Saúde: contributo das tecnologias móveis para a melhoria dos cuidados de saúde**. 2020. Dissertação de Mestrado em Gestão dos Serviços de Saúde. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10348/9870>. Acesso em: 06 de jun.2024.

MATOS, G. C.; SOARES, M. C.; LIMA, A. P. de E.; QUADRO, P. P.; RODRIGUES, J. B. Rede de apoio familiar à gravidez e ao parto na adolescência: uma abordagem moscoviciana. **Journal of Nursing and Health**, [s.l.], v. 9, n. 1, 8 de jan. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/12754> Acesso em: 29 de mar. 2024.

MATOS, T. B.; MATOS, C. C. Impactos da gravidez na adolescência no Brasil. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n. 5, p. e39111528381-e39111528381, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28381>. Acesso em: 28 mar. 2024.

NASCIMENTO, R. J. **Solteiras sim, mães também: os desafios diários das mulheres**. 2019. 51f. Monografia (Graduação em Educação do Campo) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/2227>. Acesso em: 06 de jun.2024.

OLIVEIRA, C. L. . Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, [s.l.], v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <https://1library.org/document/q2n1v302-conceitual-qualitativa-t%C3%A9cnicas-caracter%C3%ADsticas-theoretical-conceptual-qualitative-techniques.html>. Acesso em: 29 de mar.2024.

PICANÇO, D. F. **O trabalho do (a) assistentes social na atenção básica à saúde em UBS's: a gravidez na adolescência em Parintins-AM**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação - Ciências Sociais Aplicadas. [s.l.], 2023. Disponível em: <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/6871>. Acesso em: 07 de jun.2024.

PIRES, R.; PEREIRA, J.; PEDROSA, A. A.; VILAR, D.; VICENTE, L.; CANAVARRO, M. C. (2015). Contributo de fatores individuais, sociais e ambientais para decisão de prosseguir uma gravidez não planeada na adolescência: estudo caracterizador da realidade portuguesa. **Análise Psicológica**, [s.l.] v.33, n.1, 19-38. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.827> Acesso em: 19 de mai.2024.

SAMPAIO, T. B. **Metodologia da pesquisa**. Santa Maria, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/26138> Acesso em: 29 de mar.2024.

SILVA, G. V. da; ABRAO, J. L. F. Experiências emocionais da gravidez na adolescência: entre expectativas e conflitos. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 40, n. 98, p. 63-72, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100007. Acessos em: 07 jun. 2024.

SILVA, E. D. da.; PAMPLONA, T. Q.; RODRIGUES, A. L. A gravidez na adolescência e suas consequências biopsicossociais. **DêCiência em FOCO**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 45-52, 2018. Disponível em: <https://revistas.uninorteac.edu.br/index.php/DeCienciaemFoco0/article/view/29>. Acesso em: 28 mar. 2024.

STEEN, M.; FRANCISCO, A. A. Bem-estar e saúde mental materna. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s.l.], v. 32, n. 4, p. III–IVI, jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/vXhdpMXHcDxW6J8CdCwkRHy/#> Acesso em: 29 de mar.2024.

SOARES, N. C. **O impacto psicológico do abandono paterno na infância**. 2021. 20 p. Tese (Graduação em psicologia) – Centro Universitário UNIFAAT, São Paulo, Atibaia, 2021. Disponível em: <http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/336>. Acesso em: 06 de jun.2024.

TABORDA, J. A.; SILVA, F. C. D.; ULBRICHT, L.; NEVES, E. B. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças

socioeconômicas entre elas. **Cadernos Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 22, p. 16-24, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/drQRqXtKxwbYyV8gzFTwcQH/?lang=pt#> Acesso em: 29 de mar.2024.

TROMBETTA, J.; BAMPI, G. B.; WEIHERMANN, A. M. C. Gravidez na adolescência: a experiência de jovens mães. **Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar**, [s.l.], v. 9, p. 311-321, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/2715>. Acesso em: 29 mar. 2024.

ANEXO

ANEXO 1- Instrumento da Coleta de Dados

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Identificação: _____ Escolaridade: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

Tipo de parto: _____ Presença do parceiro ou outro significativo:

_____ Renda familiar: () < que 1 salário
mínimo () 1 à 2 salários () 3 a 4 salários () outro

Ocupação: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO

1. Poderia compartilhar conosco como foi a sua gestação?
2. Você poderia compartilhar um pouco sobre como foi a descoberta da gravidez?
3. Você sentiu que recebeu apoio durante a gestação?
4. Como a maternidade precoce impactou sua vida, especialmente em relação aos seus objetivos educacionais e profissionais?
5. Você enfrentou algum desafio significativo durante esse período? Se sim, qual foi?
6. Como você percebe suas expectativas em relação à maternidade?
7. Quais foram os aspectos mais surpreendentes ou inesperados dessa experiência para você?

IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM FEMININA

Acadêmicas: Amanda Costa Rodrigues e Vitória Mendes Machado.

Orientadora: MSc. Alcione Januária Teixeira da Silveira.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Educacionais.

RESUMO

A população tem utilizado cada vez mais as mídias para exibir detalhes de seu dia a dia, como suas conquistas, momentos de lazer e até mesmo momentos de fragilidade emocional, expondo cada vez mais sua intimidade. Desse modo, o objetivo do trabalho foi analisar o impacto das mídias sociais na construção da autoimagem feminina. Nossa pesquisa foi de cunho qualitativo e usado para coleta de dados um questionário, com a técnica bola de neve, na plataforma *Google Forms*. Os resultados mostraram que 66,7% das mulheres referiram a baixa autoestima e a ansiedade como impactos na construção da autoimagem. A exposição às redes sociais é capaz de desencadear nas usuárias comparações sociais negativas, ou seja, elas passam a acreditar que os outros são mais felizes e têm uma vida melhor. Esse fenômeno pode promover sintomas de ansiedade e causar interferência significativa no cotidiano desses indivíduos, podendo gerar uma dependência e uma busca constante por validação e aceitação virtual, ocasionar em uma distorção da própria imagem e gerar sentimentos de baixa autoestima.

PALAVRAS-CHAVE: mídias sociais; autoimagem; construção feminina.

1 INTRODUÇÃO

A internet é uma vasta união de redes de computadores conectados globalmente, em que a conexão ocorre de maneira integrada possibilitando a conectividade independentemente do tipo de dispositivo que seja utilizado, e para manter essa multi-compatibilidade faz-se uso de um conjunto de protocolos e serviços em comum, o que facilita aos usuários conectados desfrutar de serviços de informação de abrangência global. Logo, a interação entre indivíduos, corporações, estabelecimentos de ensino também são favorecidos pela rede, devido à desimpedida comunicação que não encontra barreiras (Eduvirges; Santos, 2012).

A internet possui diversos serviços e aplicações, proporcionando assim, uma série de benefícios como a democratização do acesso à informação, a possibilidade de conexão em tempo real com pessoas ao redor do mundo e o acesso a serviços bancários e governamentais online (Almeida, 2015).

Diante disso, é possível destacar as mídias sociais que são muito abrangentes e intitulam plataformas digitais on-line onde pessoas podem interagir

umas com as outras, compartilhar informações, vídeos, fotos e comércio. Essas plataformas surgiram em meados dos anos 1990, com sites com função de *Bulletin boards*, salas de bate-papo, fóruns, originando-se plataformas mais direcionadas à interação social e o desenvolvimento de perfis pessoais como *Six Degrees*, *Friendster*, *MySpace* e Facebook (Ferreira, 2011).

Nesse viés, houve um crescimento das tecnologias, resultando no uso diário de plataformas como Twitter, Instagram, WhatsApp e TikTok. Portanto, estranha-se a mulher que ainda não possui alguma conta em uma das redes sociais, desde idosas até crianças e bebês (perfis normalmente administrados por ambos ou um dos pais), desse modo, há uma presença relevante destas plataformas na vida das mulheres (Ferreira, 2011). Logo, a exposição da vida no ambiente virtual pode ter impactos na autoestima feminina, visto que, tal exposição pode levar as mulheres a uma constante comparação de suas vidas com as vidas idealizadas e exibidas nas redes sociais, o que pode gerar um sentimento de insatisfação e inadequação, corroborando assim à baixa autoestima e até mesmo à adoção de padrões de beleza inalcançáveis (Esteves *et al.*, 2022).

Baseando no fato de que as pessoas são afetadas todos os dias pela tecnologia, questiona-se: como as mídias sociais têm impactado na construção da autoimagem feminina? Assim sendo, esse estudo teve como objetivo analisar o impacto das mídias sociais na construção da autoimagem feminina.

Trabalhos como esses são relevantes para elucidar a crescente força das mídias sociais na vida das pessoas, assim como repensarem o modo de uso e consumo, de forma que não seja um meio capaz de direcionar nossas vidas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Lima Júnior *et al.* (2020), as mídias sociais podem ser definidas como plataformas virtuais que possibilitam a interação, criação e o compartilhamento de informações e conteúdos por parte das usuárias. A constante evolução tecnológica beneficiou o surgimento de ferramentas que aperfeiçoam as atividades das empresas através de instrumentos de comunicação de fácil acesso, de troca e interações de opiniões no qual plataformas de redes sociais estão transformando a sociedade e a economia (Teófilo, 2007).

Ademais, as mídias sociais são consideradas um lugar favorável e eficiente para divulgação de notícias, pois, permitem que as usuárias troquem informações de

forma rápida, e tem a possibilidade de coletar e fornecer feedback por meio de posts e diálogo em tempo real (Lodhia; Stone, 2017). Desse modo, a população tem utilizado cada vez mais as mídias para exibir detalhes de seu dia a dia, como suas conquistas, momentos de lazer e até mesmo momentos de fragilidade emocional, expondo cada vez mais sua intimidade. Portanto, os meios de comunicação na mídia social apresentam ao público os diferentes caminhos e estilos de vida de influenciadoras, artistas e modelos, que em parte do seu tempo exibem e fortalecem um padrão de corpo, como único modelo de corpo bonito e saudável (Rocha, 2014).

Dessa maneira, as mídias trazem de forma incessante a apresentação do corpo ideal, especialmente através das redes sociais, levando ao surgimento de dietas, atividades físicas, cosméticos, procedimentos estéticos, entre tantos outros dispositivos para que seja possível atingir o tão almejado padrão de beleza corporal. Contribuindo assim, para o aumento de doenças psicossomáticas, pois esta busca constante se relaciona com a autoestima, levando as mulheres a terem atitudes que sobrepõem à saúde (Silva *et al.*, 2018).

Temos que considerar que a autoestima é um fator importante para a saúde mental, e observa-se que há uma relação entre as mídias sociais e os transtornos de imagem das mulheres. Esses transtornos atingem várias idades dentro do público feminino, sendo que até mesmo nos desenhos animados e brinquedos (como por exemplo, a boneca Barbie), são expostas silhuetas “quase perfeitas”, nesse caso, o público mais atingido são as mulheres adultas (Lima, 2019).

Nesse viés, surgem as influenciadoras digitais, consideradas uma nova profissão. A atividade principal torna-se a criação de conteúdos que gera engajamento entre seguidoras. As influenciadoras digitais possuem um número significativo de seguidores em suas redes sociais e detêm influência sobre as decisões e comportamentos das mulheres. O estilo de vida das influenciadoras pode ser visto por muitos como algo a ser seguido, mas muitas vezes é apenas uma imagem construída e não reflete a realidade, fato que pode causar frustração em quem tenta seguir esse padrão de vida (Silva e Tessarolo, 2016).

Portanto, as mídias sociais têm um papel importante na construção do feminino, pois têm sido utilizadas como ferramenta de marketing para influenciar e direcionar as escolhas de consumo das mulheres (Teixeira, 2018). No entanto, o nível de comparação com outras usuárias é inversamente proporcional ao tempo de exposição nas redes sociais e quanto maior for o nível de comparação, menor

poderá ser o nível de autoestima. Isso ocorre porque ao participar de redes sociais on-line a mulher não apenas expõe a sua vida a terceiros, como também se expõe ao que as outras divulgam facilitando e tornando viável que a sua auto avaliação seja baseada no que ele vê virtualmente (Fagundes *et al.*, 2020).

3 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que segundo Bruchez (2016), tem o objetivo de descrever a complexidade de um determinado ambiente, analisando e interagindo com certas variáveis, buscando compreender e classificar processos dinâmicos vivenciados por grupos sociais. As técnicas qualitativas focam nas experiências das pessoas e seu respectivo significado em relação a eventos, processos e estruturas inseridos em cenários sociais.

Para coleta de dados, foi utilizado um questionário adaptado de Souza e Vanderlei (2022). O questionário é uma técnica amplamente utilizada em pesquisas em diversas áreas, permitindo a obtenção de informações de uma grande quantidade de participantes de forma padronizada (Bastos *et al.*, (2023). Trabalhamos com a técnica bola de neve virtual, que segundo Costa (2018), consiste no envio de convite pelo link de acesso ao questionário eletrônico, via e-mail ou de alguma rede social virtual, esse método de distribuição além de apresentar a pesquisa na mensagem, solicita-se que ela seja compartilhada com a rede de contatos de quem a recebeu ou visualizou.

Utilizamos como semente inicial a rede social do Instagram do Centro Universitário no qual estudam as pesquisadoras. Na época da consulta, possuía um total de 27 mil seguidores. Assim, foi definido os critérios para acesso as mulheres, sendo: mulheres com perfil aberto, mulheres que identificam na biografia o curso técnico e ou superior em formação e ou descrição do curso. Foram excluídas mulheres com perfil privado, menores de 18 anos e ou sem publicações.

A pesquisa foi realizada pela plataforma *Google Forms*, que conforme afirmado por Mota (2019), proporciona facilidade de acesso aos participantes e mantém o anonimato das respostas. Ao receber o link de acesso ao questionário online, a mulher convidada se deparou inicialmente, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após o aceite, foi encaminhada ao ícone que deu acesso ao questionário, confirmando seu interesse na participação. A pesquisa foi realizada durante os meses de fevereiro e março de 2024.

Para análise dos dados, foi realizada análise de conteúdo que, segundo Bardin (2000), é uma técnica que visa compreender e interpretar o sentido dos dados coletados em sua manifestação simbólica, busca identificar as características e os elementos presentes em um determinado conteúdo, além de categorizá-los e organizá-los de forma sistemática.

Espera-se, com esta pesquisa, subsidiar debates acerca da persuasão mediática das redes sociais, especificamente sobre a autoestima das mulheres. Todo o processo de elaboração, bem como a condução da abordagem aos sujeitos de pesquisa, os processos de consentimento, coleta e análise dos dados foram desenvolvidos com base na resolução 510/2016 (Brasil, 2016) e ofício circular 2/2021. A pesquisa foi submetida ao CEP e aprovada sob número do Parecer: 6.585.324.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto atual, as redes sociais têm se estabelecido como pilares centrais da comunicação global, exercendo influência significativa sobre as interações sociais e o compartilhamento de informações. Mais da metade da população mundial se engaja ativamente nessas plataformas, esse crescimento veloz do número de usuários reflete não apenas a expansão da conectividade digital, mas também sinaliza uma mudança na forma como as pessoas se relacionam e consomem conteúdo (Lungui, 2023). O questionário foi respondido por 81 mulheres. A Tabela 1 mostra o perfil (idade e escolaridade) das mulheres.

Tabela 1: Perfil das Mulheres Participantes da Pesquisa

Variável	N	%
Faixa etária		
18-24	34	42
25-34	16	20
35-44	12	15
45-54	13	16
55-64	6	7
Escolaridade		
Superior em curso	36	45
Ensino técnico em curso	1	1
Superior completo	40	49
Outros	4	5

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como pode ser observado, a maioria das entrevistadas, estão na faixa etária entre 18 e 24 anos, representando 42%. Na sequência, 20% das mulheres estão na faixa etária entre 25-34 anos. Essa estatística concorda com outras pesquisas que destacam o público jovem no uso das redes sociais. Vejamos que Lira *et al.*, (2017), descreve que a influência dessas redes representa um fenômeno contemporâneo, predominantemente envolvendo um público jovem que pertence à geração digital. Conseqüentemente, surge a busca por respostas para questões cotidianas e insatisfações por meio dessas plataformas digitais.

Para compreensão do uso das redes sociais, questionou-se as mulheres, questões pontuais como contas nas diversas plataformas, número de seguidores e apresentamos os resultados na Tabela 2.

Tabela 2: Engajamento nas Redes Sociais

Variável	N	%
Em quantos sites de redes sociais você tem uma conta?		
1	8	9,8
2	18	22,2
3	24	29,6
4	15	18,5
5 ou mais	16	19,9
Qual rede social você mais utiliza?		
Facebook	17	8,1
Instagram	75	35,7
WhatsApp	74	35,2
YouTube	15	7,1
Twitter	5	2,4
Snapchat	-	-
TikTok	23	10,9
Outros	1	0,6
Em média, quanto tempo por dia, você utiliza as redes sociais?		
1 hora	8	9,8
2 - 4 horas	45	55,8
5 - 7 horas	18	22,6
8 - 10 horas	8	9,8
11 - 13 horas	1	1
14 horas ou mais	1	1

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Com base nos dados obtidos, 9,8% das mulheres pesquisadas, possui conta em apenas uma rede social, do restante, possuem conta em duas (22,2%) três (29,6%), quatro (18,5%) e cinco ou mais (19,9%) contas de redes sociais. Destacamos como mais utilizados, o WhatsApp com 35,2% e o Instagram com 35,7%.

A Internet emergiu como uma ferramenta de vital importância na contemporaneidade. Junto aos benefícios da internet, também surgiram os impactos adversos e motivo de preocupação como um desafio global de saúde mental (Acácio, 2021). O Instagram é uma rede social que surgiu em 2010, é uma das ferramentas que mais promove interações entre suas usuárias, se tornou fonte de subsistência, onde as usuárias têm seus perfis popularizados e atingem muitas seguidoras e tornam-se assim, influenciadoras de opiniões digitais, que estão em grande número, e a todo momento, expondo suas rotinas, seus hábitos, e seus comportamentos diante de suas inúmeras seguidoras (Campos *et al.*, 2019).

No que se refere ao tempo de permanência diária nas redes sociais, a maioria das mulheres, 55,8% relataram passar de duas a quatro horas por dia nas redes sociais. Lopes *et al.* (2021), chamou atenção pelo tempo excessivo de exposição nas redes sociais, que pode gerar uma dependência e uma busca constante por validação e aceitação virtual, podendo ocasionar em uma distorção da própria imagem e gerar baixa autoestima. O uso excessivo pode ser conceituado como patológico quando há uma notável deterioração na qualidade de vida das jovens. O que inicialmente se apresenta como uma atividade de lazer, se transforma rapidamente em habilidade e controle aprimorados, resultando em uso prolongado, e probabilidade de desenvolver comportamentos repetitivos e compulsivos, trazendo serias consequências para a saúde física e mental (Fidalgo, 2018).

Para entendimento do uso nas redes sociais, a Tabela 3 apresenta os padrões de comportamento e interesses das mulheres nas redes sociais.

Tabela 3: Perfil de uso nas Redes Sociais

Variável	N	%
Você costuma seguir nas redes que tipos de pessoas?		
Amigos	96	36,5
Parentes	70	26,6
Influencers	37	14
Famosos	32	12,1

Blogueiros	21	7,9
Outros	7	2,9
Qual tipo de conteúdo você gosta de ver em sites das redes sociais?		
Moda e vestuário	60	17,9
Notícias	56	16,1
Motivacionais	53	15,3
Conteúdo de estilo de vida	52	15
Saúde fitness	50	14,4
Industria de entretenimento	34	9,8
Lançamentos de novos produtos	18	5,2
Esportes	13	3,7
Outros	8	2,6
Em que você está interessado ao usar sites de redes sociais?		
Conversas com pessoas	63	17,9
Estilo de vida	55	15,6
Vídeos	52	14,8
Trabalho	45	12,8
Produtos	34	9,6
Serviço	20	5,9
Relacionamento	16	4,7
Grupo de apoio	6	1,6
Outros	60	17,1

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observa-se que, sobre o questionamento dos tipos de pessoas que costuma seguir nas redes sociais, a maior porcentagem está concentrada em seguir amigos, com 36,5% e parentes com 26,6%.

No que se refere ao tipo de conteúdo que gostam de ver nas redes sociais, o resultado aparece bem diverso com porcentagens semelhantes em moda e vestuário com 17,9%, notícias com 16,1%, conteúdo motivacional com 15,3%, conteúdo sobre o estilo de vida 15% e conteúdo sobre saúde fitness (14,4%).

O resultado se assemelha no interesse ao usar as redes sociais, aparecendo em segundo lugar, o estilo de vida com 15,6%. Aparece em primeiro lugar, com 17,9% o interesse em conversar com pessoas e na sequência, interesse por vídeos com 14,8% e trabalho com 12,8%.

As plataformas de mídia social possuem o potencial de projetar uma narrativa de que a vida de todos é excepcional, fazendo você questionar sua vida, o que pode

gerar ansiedade nas usuárias, gerar comparação com o que os outros percebem como conquistas e pode desencadear sentimentos negativos (Acácio, 2021). É notório os efeitos das redes sociais nas diferentes populações, especialmente no público feminino, Lira *et al.* (2017) fala de um fenômeno que parece reforçar questões relacionadas aos padrões de beleza atuais, levando a impactos, como, ansiedade, transtornos de autoimagem, contudo trazendo impacto a saúde mental como um todo.

Quando se trata da relação entre consumo e moda feminina, os blogs de moda apresentam uma ligação direta com o assunto, eles se dedicam a discutir temas como beleza, tendências, maquiagem e moda. Têm crescido e adquirido espaço além da Internet, dessa forma, evidencia-se a influência das mídias sociais, sobretudo entre as mulheres, no processo de compra de artigos de moda. A divulgação de anúncios, publicações prévias sobre a nova coleção e imagens das peças e acessórios pode despertar o desejo e atrair potenciais compradoras (Medeiros *et al.* 2014).

Nesse contexto, o Instagram, é usado para compartilhar imagens de conteúdo fitness, especialmente fotos de corpos magros e esbeltos, os praticantes de atividades físicas também postam regularmente fotos de suas refeições e dietas, o que pode influenciar as escolhas das usuárias. Essa influência se refere ao impacto que as pessoas têm sobre o comportamento de outras, podendo ser realizado direta ou indiretamente (Silva *et al.*, 2018).

Além do que foi apresentado nas tabelas, as mulheres foram abordadas sobre como se sentem com seu corpo. 60% responderam que se sentem satisfeitas e 40% responderam insatisfeitas, relacionando a insatisfação com o sobrepeso do corpo. Esse resultado aparece em evidência, uma vez que as maiorias das mulheres se apresentam satisfeitas, contudo, no decorrer da pesquisa, foi observado que apesar da satisfação, o sobrepeso foi apontado como um fator de incômodo entre elas, uma das participantes relatou:

Porque eu tenho vergonha devido a não ter um corpo perto do padrão, sou gordinha, tenho algumas particularidades que não gosto e qualquer coisa que você usa de roupa se marcar muito as pessoas reparam e falam mal (Mulher 1, 2024).

De acordo com Parisotto (2011), a avaliação subjetiva e negativa da própria imagem ou partes corporais resulta na insatisfação com o corpo. Desse modo, a

busca pelo corpo idealizado pela sociedade pode gerar a não aceitação da autoimagem, levando à necessidade e vontade de modificação. A insatisfação manifesta-se quando a percepção do corpo não coincide com a imagem idealizada, o que pode resultar em stress, aflição, influenciar o estado de humor, nos comportamentos associados à saúde (como dieta e atividade física), e impactar adversamente a saúde mental e a qualidade de vida (Albuquerque *et al.*, 2021).

Além disso, quando questionadas se as mulheres recebem comentários de familiares e/ou amigos sobre seus corpos, 65% afirmaram receber ocasionalmente, 18% frequentemente, 15% nunca, e apenas (1%) diariamente. Quando indagadas sobre quem autorizam a opinar sobre sua imagem corporal, (47%) responderam que ninguém, 43% familiares, 29% amigos e 8% todas as categorias mencionadas.

Camargo *et al.*, (2010) apresentaram a importância da opinião sobre a aparência autorizada quando a outra pessoa é mais próxima e, conseqüentemente, quando há maior envolvimento afetivo, sugerindo que o julgamento e a validação dos outros sobre a aparência dos sujeitos têm impactos significativos na autoimagem e na autoestima dos indivíduos.

Ademais, quando abordadas sobre os impactos na construção da autoimagem corporal que a rede social provoca, 43,4% das mulheres mencionaram que são estimuladas pelos conteúdos que veem nas redes sociais e 26,3% disseram sentir bem-estar, já 31,3% das participantes mencionaram que sentem ansiedade e 35,4% destacam a baixa autoestima.

É importante destacar que 66,7% das mulheres referiram a baixa autoestima e a ansiedade como impactos na construção da autoimagem. Este resultado vai de encontro ao que Cruz (2020), destaca sobre a exposição às redes sociais ser capaz de desencadear nos usuários comparações sociais negativas, ou seja, eles passam a acreditar que os outros são mais felizes e têm uma vida melhor. Esse fenômeno pode promover sintomas de ansiedade e causar interferência significativa no cotidiano desses indivíduos, podendo gerar uma dependência e uma busca constante por validação e aceitação virtual, ocasionar em uma distorção da própria imagem e gerar sentimentos baixa autoestima (Lopes *et al.*, 2021).

Silva (2020) também pontua a utilização das redes sociais, como oportunidades de realizar a comparação de seus corpos com modelos corporais considerados ideais, que são amplamente divulgados, e, por conseqüência, desenvolver e/ou aumentar os níveis de descontentamento com o próprio corpo,

uma vez que esses padrões são exclusivos, irreais e não abrangem a vasta diversidade de formas físicas encontradas na população.

Quando questionadas sobre a influência das mídias sociais sobre seus corpos, apenas cinco mulheres disseram não para essa questão e no espaço para descrição, uma das participantes disse:

Porque é um lugar onde vejo muitas fotos de mulheres com corpos perfeitos, o que acaba me deixando insatisfeita com o meu próprio corpo, me deixando triste (Mulher 2, 2024).

Silva (2020) destacou a conexão entre mídia social e descontentamento corporal que parece ser intermediada pela comparação social, especificamente pela comparação de aparência, onde, as pessoas em geral, principalmente as mulheres, tendem a avaliar frequentemente sua aparência comparando-se com outros indivíduos. Existindo assim uma tendência de que quanto maior a comparação física, maior será a insatisfação com o corpo. Ao serem perguntadas sobre sentir dificuldade de lidar com a autoimagem, uma mulher destacou:

Tenho e muita, pois gostaria de me vestir de forma mais social, com roupas que me deixem confiante, mas não consigo porque marcam muito e não gosto que fique à vista. Então, acabo me escondendo em roupas antigas que nem gosto mais, mas que me servem. Com isso, desisto do cuidado com meu cabelo, pele e unhas para não ficarem à vista (Mulher 3, 2024).

A mídia veicula a mensagem de que apenas mulheres magras e consideradas belas podem alcançar seus objetivos, enquanto aquelas que não se encaixam nesse padrão são rotuladas como fracassadas e incapazes. Isso gera sentimentos negativos em relação à própria imagem para muitas mulheres, elas podem evitar sair de casa, se vestir bem ou desfrutar da vida devido ao medo do julgamento alheio, pois acreditam que a aparência é crucial até para os momentos mais simples e prazerosos. Como resultado, essas mulheres se sentem feias, inferiores e desvalorizadas (Duarte *et al.*, 2023).

Quando abordadas sobre se gostariam de ter um corpo/padrão de beleza como o das redes sociais uma das participantes, destacou:

Apesar de saber que aquilo não é totalmente real, às vezes me pego fazendo comparações e desejando chegar pelo menos em alguma semelhança (Mulher 4, 2024).

Meurer; Costa (2022), destacaram que as redes sociais ocuparam um grande espaço na interação social e fornecem uma plataforma conveniente e fácil para a

comparação social. Isso ocorre porque muitos usuários dessas redes as utilizam de maneira passiva, navegando por perfis ou sendo expostos a fotos e postagens de outros usuários, sem necessariamente contribuir com conteúdo próprio ou ter algum tipo de relação ou interação direta com esses indivíduos. Desse modo, indivíduos inclinados à comparação social geralmente exibem níveis reduzidos de felicidade, autoestima, autoconfiança e podem enfrentar sintomas de depressão, entre outros desafios.

Uma questão que deve ser levantada ainda é o uso cada vez mais frequente de filtros nas fotos compartilhadas, que pode contribuir para essa distorção, já que as pessoas se acostumam a ver sua imagem alterada e passam a ter dificuldade em aceitar sua aparência real (Lopes *et al.*, 2021).

Quando questionadas sobre o padrão estético divulgado pela sociedade e o que pensam sobre isso, 71% das mulheres afirmaram que há um padrão divulgado pela sociedade e que ele é um padrão inalcançável, contribuindo para o sentimento de frustração, baixa autoestima, insegurança, entre outros. Sobre serem influenciadas de alguma forma, pelas redes sociais na construção de sua imagem, 51,8% das mulheres disseram se sentirem influenciadas. As pesquisadas relataram:

A sociedade criou certo “padrão” de imagem, onde a maioria das blogueiras e pessoas famosas seguem e mostram isso ao público, fazendo com que todos queiram ter o mesmo corpo, influenciando em massa a sociedade. Quem não consegue seguir fica extremamente frustrado com sua autoimagem. Penso que isso já está tão inserido na sociedade que às vezes nem percebemos certas atitudes nossas que são justamente para buscar o “padrão”. Dessa forma, é um ponto na sociedade que deveria ser mudado e é de extrema importância a conscientização, principalmente por parte dos influenciadores (Mulher 5, 2024).

A constante exposição aos corpos padronizados e normativos me leva a constantemente questionar a minha beleza, criando uma relação de autoimagem (Mulher 6, 2024).

Silva (2018), argumenta que a representação do corpo perfeito ou ideal nas mídias sociais muitas vezes não reflete a realidade vivida por muitas mulheres. As associações que algumas fazem com publicações sobre alimentos saudáveis, porém caros, exercícios com *personal trainer* ou academias de alto custo, e cosméticos inacessíveis, criam uma discrepância financeira em relação à realidade de outras mulheres que buscam alcançar esses padrões de beleza desejáveis. Isso pode impactar significativamente a autoestima, muitas vezes priorizando a estética em

detrimento da saúde, o que pode contribuir para o aumento de doenças psicossomáticas.

Bastos *et al.*, (2022) ressaltaram a relevância de compreender as influências midiáticas e seu impacto na formação de psicopatologias. A incessante busca pelo ideal de beleza promovido pela mídia pode acarretar consequências adversas tanto a curto quanto, a longo prazo, destacando assim a importância de análises críticas e medidas preventivas. A compreensão dos efeitos das redes sociais na percepção da imagem corporal feminina e seus impactos na saúde mental requer uma abordagem multidisciplinar, além da busca por estratégias que promovam o bem-estar e a autoaceitação. A sociedade contemporânea demanda uma postura atenta e comprometida para enfrentar tanto os desafios quanto às oportunidades que as mídias sociais oferecem (Paula *et al.*, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações da feminilidade nas redes sociais são permeadas por estereótipos e padrões de beleza, o que pode levar muitas mulheres a se sentirem pressionadas a se adequarem a esses padrões e ou pressionadas por não alcançar o padrão. Fato é que as mulheres enfrentam dificuldades devido à pressão pela busca da beleza e de corpos considerados perfeitos. A incessante busca por adaptação a esses padrões inatingíveis está cada vez mais resultando em danos à saúde física, mental e emocional das mulheres.

Há de considerar ainda, as diferentes gerações que têm formas diferentes de se relacionar com as mídias sociais, o que influencia a maneira como constroem suas identidades femininas. Contudo, o conteúdo das mídias sociais pode exercer influência significativa de forma positiva ou negativa, a depender de como consumimos esses conteúdos.

REFERÊNCIAS

ACÁCIO, M. L. F. Relação entre o uso problemático da internet, sintomas psicopatológicos e autoestima em jovens adultos. **Universidade de Évora -Escola de Ciências Sociais**, Espírito Santo, 2021. Disponível em: <https://www.rdpc.uevora.pt/handle/10174/29293>. Acesso em: 03 mai 2024.

ALBUQUERQUE, L. S.; GRIEP, R. H.; AQUINO, E. M. L.; CARDOSO, L. O.; CHOR, D.; FONSECA, M. J. M. Fatores associados à insatisfação com a Imagem Corporal

em adultos: análise seccional do ELSA-Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.26, n.5, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tZJKPZxvzWPMsWSDBTJqJ3h/>. Acesso em: 06 mai 2024.

ALMEIDA, S. E. C. Lei de acesso à informação e transparência: proposta de inclusão de informações no portal transparência UFPB. **Repositório Institucional da UFPB**, João Pessoa, 2015. Disponível: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8020>. Acesso em: 12 mar 2024.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. **Edições 70**, Lisboa, 2000. Acesso em: 23 set 2023.

BASTOS, A. P. S. O.; BENEVIDES, A. L. A.; SILVA, M. F.; RIBEIRO; L. U. A influência das mídias sociais no Transtorno Dismórfico Corporal: Uma doença da era digital? **Revista Científica do Tocantins**, Porto Nacional v. 2 n. 2, 2022. Disponível em: <https://itpacporto.emnuvens.com.br/revista/article/view/48> .Acesso em: 26 abr 2024.

BASTOS, J. E. S.; SOUZA, J. M. J.; SILVA, P. M. N.; AQUINO, R. L. O uso do questionário como ferramenta metodológica: potencialidades e desafios. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [s.l.], v 5, n. 3, 2023. Disponível em: <https://bjjhs.emnuvens.com.br/bjjhs/article/view/304> .Acesso em: 06 mar 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resolucao_n_510_-_2016_-_Cincias_Humanas_e_Sociais.pdf . Acesso em: 13 mar 2024.

BRUCHEZ, A.; CICONET, B; POSSAMAI, L.; REMUSSI, R.; TONDOLO, V. A. G. Análise da Utilização do Estudo de Caso Qualitativo e Triangulação. **Revista Espacios**, [s.l.], v. 37 n. 5, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n05/16370524.html> .Acesso em: 23 set 2023.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.; JODELET, D. Normas, Representações Sociais e Práticas Corporais. **Revista Interamericana de Psicologia**, [s. l.], v. 44, n.3, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/284/28420658006.pdf> .Acesso em: 03 mai 2024.

CAMPOS, G. R.; FARIA, H. M. C.; SARTORI, I. D. Cultura da Estética: O Impacto do Instagram na Subjetividade Feminina. **Caderno de Psicologia**, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/viewFile/2495/1628> .Acesso 12 out 2023.

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista interdisciplinar de gestão social**, {s.l.}, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Barbara-Regina-Costa/publication/330543597_Bola_de_Neve_Virtual_O_Uso_das_Redes_Sociais_Virtuais_no_Processo_de_Coleta_de_Dados_de_uma_Pesquisa_Cientifica/links/5c4756f6a6fdccd6b5c049b0/Bola-de-Neve-Virtual-O-Uso-das-Redes-Sociais-Virtuais-no-Processo-de-Coleta-de-Dados-de-uma-Pesquisa-Cientifica.pdf. Acesso em: 28 jun 2024.

CRUZ, S. C. A. M. Os efeitos do uso compulsivo e da ansiedade no envolvimento nas redes sociais. **ESTGOH**, Coimbra, 2020. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31611https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31611/1/Dissertação MGN_definitiva_Sandra Cruz - janeiro_2020.pdf](https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31611https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31611/1/Dissertação_MGN_definitiva_Sandra_Cruz_-_janeiro_2020.pdf) .Acesso em: 03 mai 2024.

DUARTE, A. L.; PIRES, I. K. A.; DE ALMEIDA, M. T. S.; GALVÃO, L. G. A. Impactos da pressão estética por meio das redes sociais sobre a saúde mental feminina. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**. Itapeva, 2023. Disponível em: https://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/vsXPwrlUcHLVaay_2023-7-10-21-54-8.pdf . Acesso em: 03 mai 2024.

EDUVIRGES, J. R.; SANTOS, M. N. A contextualização da internet na sociedade da informação. Encontro Regional dos estudantes da biblioteconomia, documentação. **Ciência e Gestão da Informação- EREBD N/NE**, Cariri, 2012. Disponível em: [adminlti,+2201-7146-1-SM+\(1\)\(4\).pdf](adminlti,+2201-7146-1-SM+(1)(4).pdf) .Acesso em: 12 mar 2024.

ESTEVES, N. O; VERAS, R. S; SANTOS, A. C. C. P. Redes Sociais: O impacto de influenciadores brasileiros no comportamento alimentar de mulheres. **Research, Society and Development**, Brasília, v. 11, n. 8, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.31313> . Acesso em: 12 out 2023.

FAGUNDES, L. S. MAROT, T. A; NATIVIDADE, J. C. Uso do Instagram, Comparação Social e Personalidade como preditores da Autoestima. **Psico-USF[online]**. [s.l.], v. 25, n. 4. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250410> .Acesso em: 12 out 2023.

FERREIRA, G. C. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, São Paulo, v.16, n.3, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/hX6dWhCGmVCqGCC6ZnhgSMw/?format=pdf&lang=pt> .Acesso em: 27 ago 2023.

FIDALGO, J. M. P. O Impacto das Redes Sociais na Saúde Mental dos Jovens. **Faculdade de Medicina Lisboa**, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/42224/1/JessicaPFidalgo.pdf> . Acesso em: 03 mai 2024.

LIMA JÚNIOR, E. G. S.; SOUZA, G. N.; JACOB JUNIOR, A. F. L.; LOBATO, F. M. F. Ferramentas para análise de Mídias Sociais: um levantamento sistemático. **XI Computer on the Beach**, Balneário Camboriú, v.11, n.1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/cotb.v11n1.p389-396> .Acesso em: 12 mar 2024.

LIMA, R. A. R. Relação entre Mídias Sociais e Transtornos de Autoimagem em Mulheres. **Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**, Brasília DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13488>. Acesso em: 12 out 2023.

LIRA, A. G.; GANEN, A. P.; LODI, A. S.; ALVARENGA, M.S. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 66, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NrPypcRchnc35RH9GLSYwK/> .Acesso em: 25 abr 2024.

LODHIA, S.; STONE, G. Relatórios integrados em um ambiente de comunicação na Internet e em mídias sociais: percepções conceituais. **Australian Accounting Review**. Austrália, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/auar.12143> .Acesso em: 12 out 2023.

LOPES, A. P.; LARANJEIRAS, A. L. C.; NEVES, R. W. S.; ALENCAR, V. V. O uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano. **Caderno de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde – UNIT**, Alagoas, v. 6 n.3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/8964> .Acesso em: 12 mar 2024.

LUNGUI, S. Mais da metade da população mundial é usuária de redes sociais. **Giz Brasil**, 2023. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/mais-da-metade-da-populacao-mundial-e-usuaria-de-redes-sociais/>. Acesso em: 02 mai 2024.

MEDEIROS, B.; LADEIRA, R.; LEMOS, M.; BRASILEIRO, F. A influência das mídias sociais e blogs no consumo da moda feminina. **XIV Simpósio de Excelência em Gesto e Tecnologia**, [s.l.], 2014. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/44020524.pdf>. Acesso em: 03 mai 2023.

MEURER, A. M.; COSTA, F. Orientação para a Comparação Social e Uso de Redes Sociais por Estudantes Brasileiros de Ciências Contábeis. **USP International Conference in Accounting**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://congressosp.fipecafi.org/anais/22uspinternational/ArtigosDownload/3754.pdf> .Acesso em: 03 mai 2023.

MOTA, J. S. Utilização do Google forma na pesquisa acadêmica. **Humanidades e Inovação**. Tocantins, v. 6, n.12, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/about> .Acesso em: 10 set 2023.

PARISOTTO, C. D. Relação entre índice de massa corporal e a insatisfação com a autoimagem em mulheres praticantes de musculação. **Lume Repositório Digital UFRGS**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/39167>. Acesso em: 06 mai 2024.

PAULA, A. V.; LOPES, V. A. S.; ROCHA, W. S. A influência das redes sociais na

autoimagem feminina: desvendando padrões de beleza e seu papel no desenvolvimento do transtorno dismórfico corporal. **Contemporary Journal**, Manaus, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1945/1504>. Acesso em: 03 mai 2024.

ROCHA, A. C. Social TV – Um Novo Paradigma para o Consumo de Mídia Televisiva no Brasil?. **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, opinião e mídia**. São Paulo, v. 15, 2014. Disponível em: https://revistapmkt.com.br/wp-content/uploads/2022/01/2_Social-TV-Um-Novo-Paradigma-para-o-Consumo-de-Midia-Televisiva-no-Brasil-1.pdf .Acesso em: 23 set 2023.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. [s. l.], n. 115, 2002. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/10810> . Acesso em: 10 set 2023.

SILVA, A. F. S.; JAPUR, C. C.; PENAFORTE, F. R. O. Repercussões das redes sociais na imagem corporal de seus usuários: revisão integrativa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 36, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jptp/a/YhYLPmGdBKmTdsZhk5kbYVJ/?lang=en#> .Acesso em: 19 nov 2023.

SILVA, A. F. S; NEVES, L. S; JAPURI, C. C.; PENAFORTE, T. R.; PENAFORTE, F. R. O. Construção imagético-discursiva da beleza corporal em mídias sociais: repercussões na percepção sobre o corpo e o comer dos seguidores. **Free themed articles**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/demetra/article/view/33305/25611> . Acesso em: 03 mai 2024.

SILVA, C. R. M.; TESSAROLO F. M. Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia. **INTERCOM**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf> .Acesso em: 29 out 2023.

TEIXEIRA, V. C. Influenciadores digitais: como estratégia de marketing. **Repositório universitário da Ânima (RUMA)**. Palhoça, 2018. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstreams/2ece9efd-1338-44f5-af3f-64f8c7ee5a87/download> . Acesso em: 21 out 2023.

TEÓFILO, R. B.; DE FREITAS, L. S.; O uso de tecnologia de informação como ferramenta de gestão. **IV Simpósio de Excelência em gestão e Tecnologia (SEGET)**. Resende - RJ, 2007. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos07/652_SEGET%20roro.pdf. Acesso em: 27 mai 2024.

ANEXO

Anexo 1: Questionário Adaptado de (Souza e Vanderlei, 2022).

A análise de dados foi realizada com base em três categorias, a saber: 1) padrão estético e autoimagem; 2) padrões estéticos e mídias sociais; 3) papel das mídias sociais para a construção da autoimagem corporal em mulheres.

Questionário foi realizado através da Plataforma Google Forms. Link para acesso: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfldXMDxumsMMPKwWC8Tnbgy8LZDYmE_txUE3NPXnLrr5KAYw/closedform

- Qual é a sua idade?
- 18 – 24
- 25 – 34
- 35 – 44
- 45 – 54
- 55 – 64
- Qual o seu grau de escolaridade?
- Ensino médio completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutorado
- Qual rede social você mais utiliza?
- Facebook
- Instagram
- Youtube
- Twitter
- WhatsApp
- Snapchat
- Em média, quanto tempo por dia, você utiliza as redes sociais?
- 0 – 4 horas
- 5 – 9 horas
- 10 – 14 horas
- 15 – 19 horas
- 20 – 24 horas
- Você costuma seguir nas redes sociais que tipos de pessoas?
- Amigos
- Parentes
- Influencers
- Famosos
- Blogueiras
- Qual tipo de conteúdo você gosta de ver em sites de redes sociais?
- Saúde fitness
- Moda e vestuário
- Esportes e noticiais
- Indústria de entretenimento
- Conteúdo de estilo de vida
- Lançamento de novos produtos e inovação
- Você acredita que o que você vê nas redes sociais te afeta de alguma forma?
- Sim
- Não
- Como você se sente com seu corpo?
- Satisfeita
- Insatisfeita
- Se insatisfeita por quê? Você considera que as mídias sociais têm alguma influência sobre isso?
-
- Recebe comentários da família e ou amigo sobre seu corpo?

Nunca

Às vezes

Com frequência

Diariamente

A quem você autoriza opinar sobre sua imagem?

Amigos

Familiares

Desconhecidos

Todos

Tem dificuldade de lidar com sua autoimagem?

Tem objetivo de buscar um padrão de beleza como nas redes sociais?

Você faz uso de alguma receita para o "corpo" que aprendeu nas redes sociais?

Sim

Não

Acredita que há existência de um padrão estético difundido pela sociedade? O que pensa sobre isso?

Quais os impactos na construção da autoimagem corporal, as redes sociais provocam?

Estimula

Bem-estar

Ansiedade

Baixo autoestima

Em quais dispositivos você visualiza sites de redes sociais?

Laptops/ desktops

Tablets

Celulares

Em quantos sites de redes sociais você tem uma conta?

1

2

3

4

5 ou mais

Em que você está interessado ao usar sites de redes sociais?

Relacionamento

Produtos

Estilo de vida

Serviço

Conversas com pessoas

Grupo de apoio

Vídeos

Quantas conexões/ seguidores/ amigos/ assinantes você possui em todos os sites de rede sociais?

0-50

51-100

101-500

1001-2000

2001-3000

3001-5000

5001 ou mais

LIBERDADE E APRISIONAMENTO: LIDANDO COM A DESCOBERTA DE UM DIAGNÓSTICO TARDIO DE TDAH

ACADÊMICAS: Júnia Aparecida Portes e Kellen Nara Souza Sampaio

ORIENTADORA: Esp. Magalí de Paula Silva Santana

LINHA DE PESQUISA: Psicologia e Processos Clínicos e da Saúde

RESUMO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada pela presença combinada de sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. O objetivo da presente pesquisa foi analisar as implicações decorrentes do diagnóstico tardio do TDAH, explorando a experiência pós-identificação e identificando estratégias para enfrentar esse desafio. A metodologia adotada consiste em uma abordagem qualitativa classificada como estudo de caso. Para a coleta de dados, foi empregada uma entrevista semiestruturada. No estudo de caso, por meio da entrevista obteve-se as informações, registrando os relatos do participante. Os resultados foram analisados à luz da análise de conteúdo e dividido em quatro categorias: “O diagnóstico e suas implicações”, “Narrativas de vivências ao longo da vida”, “Liberdade e possibilidades”, “Estigmas e desafios”, estas que confirmaram que as narrativas apresentadas refletem a realidade daqueles que recebem um diagnóstico tardio de TDAH. Como ressaltado pelo participante, o diagnóstico tardio de TDAH pode representar um momento libertador, proporcionando uma nova compreensão de suas experiências e abrindo possibilidades para tratamentos eficazes, aliviando significativamente o sofrimento emocional e comportamental. Além disso, é fundamental ter um entendimento profundo das complexidades envolvidas na vida do adulto que enfrenta a revelação tardia de seu diagnóstico, pois isso pode impactar não apenas a sua jornada de tratamento, mas também as suas relações interpessoais e o seu bem-estar emocional.

PALAVRAS-CHAVES: TDAH; diagnóstico tardio; vivências; impactos; liberdade.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada pela combinação de sintomas de desatenção, hiperatividade e/ou impulsividade. Tais sintomas são apresentados de forma frequente e desproporcional em relação aos sujeitos com a mesma idade, causando sofrimento ao indivíduo (Castro; Lima, 2018).

O TDAH surgiu na literatura médica na segunda metade do século XIX, e foi conhecido por diferentes nomes ao longo dos anos, entre eles Encefalite Letárgica e Dano Cerebral Mínimo, até por fim ser nomeado TDAH (Silva *et al.*, 2020). No início, o tema era desprezado e os sintomas de indivíduos com TDAH, eram associados a

fatores culturais e a traços de personalidade comuns na infância e na adolescência. Atualmente, devido ao maior interesse de médicos e pesquisadores, sabe-se que essa condição é consequência de ações multifatoriais associadas a fatores ambientais e genéticos (Martinhago, 2018).

Estima-se que a prevalência mundial é cerca de 5,3%. Ele geralmente se manifesta na infância e pode persistir na idade adulta, causando prejuízos nas áreas social, acadêmica e profissional. Cerca de 60% das crianças com TDAH continuam apresentando sintomas significativos na vida adulta. O TDAH é mais comum em meninos, com uma proporção de 2:1 na infância e 1,6:1 em adultos (Castro; Lima, 2018).

Sendo assim, o diagnóstico do TDAH é estabelecido clinicamente, seguindo critérios estabelecidos por sistemas de classificação, como a Classificação de Transtornos Mentais – DSM-5 (ABDA, 2017). Segundo Barkley (2020), o adulto diagnosticado com TDAH enfrenta desafios significativos, incluindo problemas marcantes de desatenção, dificuldade em controlar impulsos, resistência a distrações, controle emocional limitado e frequentemente uma falta de autorregulação ou autodisciplina.

Os adultos com TDAH enfrentam desafios significativos na administração das tarefas diárias, enfrentando repercussões graves em várias áreas da vida devido ao aumento das responsabilidades na idade adulta. Isso afeta a vida familiar, o desempenho no trabalho, as interações sociais, o engajamento em atividades educacionais, os relacionamentos amorosos e conjugais, a gestão financeira, entre outros aspectos (Barkley, 2020).

Por entender que a descoberta de um transtorno mental acarreta um desconforto, as questões que nortearam essa pesquisa foram: Como é a vivência de um indivíduo adulto que recebeu o diagnóstico tardio de TDAH? O diagnóstico tardio afeta a percepção de liberdade e aprisionamento na vida de um indivíduo?

Partindo destas constatações, o objetivo geral deste trabalho foi analisar as consequências do diagnóstico tardio de TDAH, buscando explorar como é a vivência após a sua identificação e quais estratégias podem ser adotadas para lidar com esse desafio.

Esse estudo justifica-se pela necessidade de alcançar uma percepção dos obstáculos enfrentados após receber um diagnóstico tardio e examinar as

estratégias de adaptação na vida cotidiana. Nesse viés, o estudo tem o potencial de informar o desenvolvimento de intervenções e abordagens apropriadas para apoiar este adulto, visando a promoção de sua liberdade e bem-estar. Trabalhos como estes são de grande notoriedade para a compreensão profunda das complexidades que envolvem a vida do adulto que enfrenta a revelação tardia de seu diagnóstico de TDAH.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE

O TDAH é um transtorno neurológico do desenvolvimento que surge geralmente na infância entre 4 e 6 anos e, na maioria dos casos, permanece até a idade adulta. A origem, segundo o DSM-5, pode ser genética, ambiental ou multifatorial (Gonçalves; Paloma, 2022). Apenas 12,2% dos adultos com TDAH são diagnosticados durante a infância, enquanto os sintomas se mantêm em cerca de 60% na idade adulta (Francisco *et al.*, 2021).

Segundo o DSM-5, a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), o TDAH é classificado em leve, moderado e grave, exigindo pelo menos cinco dos 18 sintomas principais por seis meses antes dos 12 anos, com impacto negativo em dois ambientes. Causa lesões cerebrais no córtex pré-frontal, requerendo observação comportamental, exames físicos e avaliação do histórico acadêmico e emocional para diagnóstico. No entanto, Barkley (2011) alerta para outros transtornos mentais em adultos, complicando diagnósticos precisos.

2.2 O APRISIONAMENTO, A LIBERDADE E OS IMPACTOS

No que tange ao aprisionamento do diagnóstico, as características envolvem prejuízos que impactam a rotina diária, comprometendo sua conduta, desenvolvimento social, afetivo e familiar. Conseqüentemente, a autoestima da criança e/ou adulto, muitas vezes rotulada/o como desordeira/o, desorganizada/o e propensa/o a criar problemas, é prejudicada. As crianças são taxadas como desobedientes e difíceis de lidar. Na fase adulta, a situação não difere muito, uma vez que o adulto é percebido como alguém pouco comprometido com suas responsabilidades. Frequentemente, são rotulados como irresponsáveis e inconseqüentes (Donizetti, 2022).

Em relação a liberdade, Hallerod *et al.*, (2015) ressalta que a descoberta do diagnóstico tardio pode trazer mais alívio em comparação com aqueles que passaram parte da vida com problemas "inexplicáveis". Os pacientes entendem o diagnóstico como uma oportunidade para o autoconhecimento, experimentando um intervalo ao descobrir que as questões relacionadas à produtividade, atenção, memória, organização e relacionamentos, têm uma origem que vai além do seu controle. Em síntese, a categorização das respostas ao diagnóstico do TDAH em adultos, traz o respaldo de que os sentimentos que surgiram a partir da ideia de que um diagnóstico precoce poderia ter evitado o sofrimento e proporcionado uma vida melhor.

Dessa forma, um diagnóstico tardio de TDAH impacta negativamente o desenvolvimento social, emocional e familiar e corrói a autoestima, perpetuando rótulos na vida adulta. Pode, no entanto, ser uma oportunidade de autodescoberta, explicando dificuldades enfrentadas anteriormente. O diagnóstico precoce evitaria, portanto, o sofrimento e melhoraria a qualidade de vida. Os sintomas do TDAH têm um grande efeito na vida de um adulto (Castro; Lima, 2018).

Segundo as premissas de Oliveira (2022):

“O TDAH na vida adulta causa impactos negativos sérios em relações interpessoais, trabalho e família. Sintomas como desatenção e impulsividade dificultam amizades, levam a situações embaraçosas no trabalho e geram conflitos familiares. Isso pode resultar em problemas pessoais, desemprego e dificuldades conjugais (Oliveira, 2022, p. 41-42).

Complementando essa perspectiva, Chaves *et al.*, (2023) discorrem que os impactos na fase madura podem incluir:

“O diagnóstico de TDAH em adultos é um desafio com ansiedade, fala impulsiva, esquecimento, desorganização, instabilidade emocional. Os sintomas continuam trazendo altos níveis de angústia e dificuldade de bom desempenho nas áreas da vida” (Chaves *et al.*, 2023, p.17).

Contudo os diversos efeitos podem ser influenciados por deficiências nas funções executivas, pois esses representam habilidades associadas à autonomia e autorregulação (Diniz, 2022).

2.3 ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÕES PSICOTERAPÊUTICAS

Há várias estratégias de tratamento baseadas em evidências disponíveis para mitigar os sintomas do TDAH. É crucial desenvolver um plano personalizado considerando a idade do paciente, comorbidades, gravidade dos sintomas, contexto

familiar e social, e outras particularidades individuais, visando atender às necessidades específicas de cada paciente e família (Sousa *et al.*, 2020).

Nessa perspectiva, o método cognitivo comportamental (TCC) é uma das formas eficazes de reduzir as respostas impulsivas em pacientes com TDAH por meio da reestruturação cognitiva para remodelar a percepção das consequências dos impulsos. Embora as psicoterapias de orientação psicodinâmica não abordem diretamente os sintomas do TDAH, elas ajudam no manejo de psicopatologias comórbidas e de questões relacionadas ao sofrimento dos pacientes (Diniz, 2022).

Dessa forma, a investigação dos efeitos dos sintomas do TDAH na fase adulta possui relevância significativa no âmbito da psicologia, uma vez que pode contribuir para o fortalecimento de políticas públicas, enriquecer debates nas áreas correlatas e fornecer um conhecimento mais aprofundado para diagnósticos e tratamentos adequados (Oliveira, 2022).

3 METODOLOGIA

Para aprofundar a compreensão da temática de pesquisa, foi adotada uma abordagem qualitativa classificada como estudo de caso. A análise qualitativa dos dados coletados permitiu acessar informações subjetivas da experiência do participante. Os dados foram obtidos através de uma entrevista semiestruturada e analisados usando a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). O questionário utilizado, originalmente em português de Portugal, sobre TDAH (Lima, 2021), foi traduzido para o português do Brasil. A entrevista foi organizada em quatro momentos: perspectivas em torno do TDAH, antes do diagnóstico, durante o diagnóstico, e convivência e reflexões sobre o diagnóstico (Anexo 1).

O entrevistado concordou em participar do estudo de forma voluntária e fez o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como preceito primordial do estudo. No TCLE, ele foi informado sobre a gravação de sua voz e todos os passos e procedimentos do estudo de forma clara.

A entrevista foi realizada em um Centro Universitário na Zona da Mata Mineira, em um dia, local e horário convenientes para ambos. Utilizou-se um roteiro prévio de perguntas para conduzi-la. Com autorização do participante, a entrevista foi gravada em um celular para registrar todas as falas. A duração foi de uma hora, e o participante foi informado sobre todos os passos e procedimentos antes do início.

As informações obtidas dessa pesquisa foram somente para fins acadêmicos e científicos. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética de Seres Humanos do Centro Universitário Vértice – Univértix (CEP – UNIVÉRTIX) e recebeu aprovação sob o número CAAE 78257024.0.0000.9407.

4 ESTUDO DO CASO

O participante da pesquisa foi um homem de 25 anos, aqui denominado Pedro (nome fictício). A análise da entrevista realizada foi organizada nas seguintes categorias: “O diagnóstico e suas implicações”, “Narrativas de vivências ao longo da vida”, “Liberdade e possibilidades”, “Estigmas e desafios”.

4.1 O diagnóstico e suas implicações

Compreender o diagnóstico traz consigo um certo conforto, pois isso implica a crença de que, apesar de não entender completamente muitas das situações difíceis enfrentadas, conseguiu chegar onde está hoje (Silva *et al.*, 2023). Conforme evidenciado, Pedro experimentou esse sentimento:

[...] eu não fui diagnosticado antes. Porque foi tratado questões de ansiedade e depressão, pois tive na adolescência. E esse era o meu diagnóstico. Mas não foi nada pesquisado em relação ao TDAH. Meu diagnóstico veio no meio de 2022, e foi na circunstância das aulas de uma professora, quando ela começou a trabalhar sobre o TDAH [...].

[...] quando ela falou do TDAH, assim, eu gabaritava tudo, que aí teve uma vez que falei com ela, eu acho que eu tenho, não é possível. Mas ela disse, toda matéria que eu dou aqui você acha que tem, isso é normal. Mas eu disse, não, isso aqui sobre o TDAH eu acho não estou isento não, eu realmente tenho. E aí, eu fui e procurei uma neuropsicológica, e relatei sobre, e fizemos os testes, fez uma série de avaliações, e a psicoterapia, e com o passar do tempo, o diagnóstico veio.

A avaliação diagnóstica deve incluir uma anamnese detalhada e o uso de instrumentos de classificação padronizados. As informações podem ser coletadas tanto do próprio paciente quanto de um outro significativo, como um parceiro, pai ou irmão (Thorell *et al.*, 2019). Pedro relatou uma busca solitária por explicações e caminhos que, aos poucos, começam a fazer sentido para ele. Encontrar nas aulas, onde buscava uma formação profissional, respostas para dilemas de uma vida inteira, foi capaz de explicar algumas situações difíceis pelas quais passou. O diagnóstico foi através de uma indicação médica, para uma avaliação com a neuropsicóloga.

A utilização de uma triagem eficaz é de grande importância, uma vez que permite que os profissionais da saúde identifiquem precocemente os sinais e sintomas por meio de critérios diagnósticos eficazes, especialmente na população adulta, que recentemente se tornou foco para pesquisas (Bakare; Jordanova, 2020).

4.2 Narrativas de vivências ao longo da vida

O escritor Oliveira (2022), relata que o TDAH é frequente em crianças, e geralmente é identificado durante a idade escolar, quando as demandas por atenção e controle dos comportamentos aumentam. Como descrito por Pedro:

A minha infância, ela foi muito difícil para mim, também nesse quesito, porque eu cresci uma criança muito sozinha, na escola eu não tinha coleguinhas, porque eu lembro que sempre que tinha alguma coisa, alguma brincadeira, eu não conseguia seguir as regras direitinho, e aí eu viajava quando a gente estava fazendo alguma atividade, do nada eu parava de fazer a atividade e começava a desenhar na folha. Assim, minha mente ia longe, eu não conseguia seguir as regras. E então ninguém queria ser meu amigo. Então, assim, teve uma determinada época que eu comecei a sofrer muito na escola, por ser assim, por não ter coleguinha, ter amigos [...].

[...] em meus cadernos tinham bilhetinhos de reclamações. Outro dia minha mãe estava me mostrando um caderninho que ela tinha achado e que tinha alguns bilhetinhos assim, em relação a matemática: seu filho não está fazendo as tarefas corretamente [...].

As falas de Pedro são marcadas por solidão, exclusão, dificuldade de pertencimento, sentimento de inadequação. Parecia em busca de algo no grupo, mas não conseguia se encaixar. Como mencionado por Barbarini (2020), o sujeito com TDAH muitas vezes enfrenta estigmatização não apenas devido às interações externas com outras pessoas, mas também por internalizar uma imagem negativa de si mesmo. Isso pode levar a sentimentos de inferioridade, humilhação, vergonha, além do desejo de se conformar com o “padrão típico da normalidade”.

Durante a adolescência, conforme no DSM-5 (APA, 2014), o transtorno tende a se estabilizar nos primeiros anos, embora alguns adolescentes possam apresentar uma piora devido ao aumento das exigências comportamentais. De acordo com as informações fornecidas pelo participante da pesquisa:

[...] eu cheguei em uma fase, na minha adolescência que eu fiquei muito mais... porque na infância eu não era nada impulsivo, mas já na adolescência comecei a demonstrar mais impulsivo, hiperativo [...].

[...] meus comportamentos eram inadequados, e eu não conseguia entender o porquê eu era assim, e me culpava muito por ser inadequado, costumava ser muito explosivo, alguns ataques de ira, de não consegui segurar minha ira, assim, nossa, era algo que tinha muita dificuldade. E aí, eu passava muito por isso, essas situações de ser muito explosivo, estourado. E eu

nunca consegui entender o porquê que eu era assim, achava que era só minha personalidade mesmo, mas era algo que me acompanhava e que causava sofrimento muito grande, porque assim, era até dentro de casa.

[...] eu não me sentia confortável, adequado socialmente assim, tanto que, teve um tempo que eu fui fazer terapia e eu comecei a ter pavor de encontrar com pessoas, eu comecei a ter uma ansiedade social. E eu fui diagnosticado com ansiedade social, durante a terapia. Mas eu comecei a ter ansiedade social, que foi uma comorbidade que veio do TDAH.

Diante destas condições apresentadas, Pedro coloca de forma muito clara e acessível, que os sintomas do TDAH têm impacto tanto nas esferas sociais quanto escolares, resultando em possíveis queda na autoestima, desafios nos relacionamentos interpessoais e gerando considerável sofrimento para aqueles com esse diagnóstico. Como mencionado pelos autores Silva *et al.*, (2023, p. 8) “os sintomas do TDAH podem ocasionar consequências significativas em diferentes áreas da vida, como educação, trabalho, relacionamentos interpessoais e saúde mental”. Assim, o tempo de psicoterapia parece ter sido determinante para que ele pudesse aprender a expressar seus sentimentos com mais clareza e entender as complexidades a que esteve exposto antes do diagnóstico.

É interessante como Pedro coloca a questão da comorbidade. Nesse viés, Castro; Lima (2018), apontam que é comum a coexistência de comorbidades entre o TDAH e sintomas depressivos ou ansiosos, podendo representar uma causa subjacente para casos não tratados de depressão e ansiedade.

Logo, Figueiró (2023) reforçou que os indivíduos com TDAH, muitas vezes, lutam com sentimentos de isolamento e incompreensão. Apresentam dificuldades em se comunicar de maneira clara e organizada. Desta maneira, o sujeito com o transtorno enfrenta obstáculos significativos em sua vida social e emocional, necessitando de apoio. Isso é reforçado por Pedro em suas colocações.

4.3 Liberdade e possibilidades

O diagnóstico é crucial, pois permite o reconhecimento de uma condição ou patologia, no caso, o TDAH. O conhecimento é a chave para a busca de qualidade de vida, compreensão de si mesmo e de suas escolhas e atitudes. Saber o que o sujeito tem como diagnóstico pode proporcionar um alívio essencial para que ele se aceite e acredite em sua capacidade (ABDA, 2017). Nessa perspectiva, pode-se notar no discurso do entrevistado:

[...] parece que tirou um peso de mim. É o que a professora sempre falava, que o diagnóstico ele é libertador, e de fato, para mim sempre foi. Para mim, passou a ser libertador porque eu entendi cada comportamento que eu tinha, eu comecei a entender que eu não era inadequado, ao mesmo tempo que eu comecei a entender que eu conseguia ter controle sobre algumas coisas, se eu fizesse psicoterapia direitinho, me organizando de uma forma correta, então a minha reação foi uma das melhores. Acredito que por estar no curso de psicologia, isso ajudou muito, porque já entendia, já sabia o que era o TDAH, e eu não tive preconceito em relação a isso.

De acordo com Caliman; Rodrigues (2014), para muitos, o diagnóstico oferece a possibilidade de tratamento em uma situação geradora de sofrimento e mal-estar, eventual resposta ou explicação para um comportamento que, por se desviar da norma, é tido como diferente ou indesejado. Inclusive, acena para a desculpabilização daqueles que eram vistos e julgados como únicos responsáveis por sua conduta. Na fala de Pedro, isso fica evidente quando ele não mais se percebe como inadequado, mas se reconhece em um quadro de TDAH, do qual ele já tinha alguns conhecimentos por cursar Psicologia, e reconhece que isso favoreceu sua própria aceitação.

Ao aceitar o diagnóstico sem estigma, Pedro compreende suas características únicas e busca um apoio necessário para gerenciar o transtorno de maneira eficaz. Abraçando o diagnóstico, possibilita uma autoaceitação, afastando-se de sentimento de culpa, cobrança. Sendo possível viver normalmente com o transtorno, e isso envolve reconhecer e adaptar-se às suas particularidades. Dessa forma, complementa os autores Silva *et al.*, (2023), que quando um déficit é identificado na idade adulta, pode auxiliar o indivíduo a compreender a si mesmo e as diversas situações constrangedoras que enfrentou ao longo da vida sem entender completamente. Essa descoberta possibilita buscar alternativas com um profissional para modificar hábitos prejudiciais que impactam no cotidiano. Descrito pelo entrevistado:

Sim, sim. E eu assim, eu vivo normalmente, quando eu tenho meus momentos assim, que eu não tô muito legal, e que eu realmente sei que é alguma coisa do TDAH, eu não me cobro como eu me cobrava antes do diagnóstico, não me culpo, eu me abraço, me aceito, me valorizo. Que era uma coisa que não fazia antes.

A terapia oferece um suporte essencial para o desenvolvimento dessas e de outras habilidades. Desse modo, o tratamento inclui recomendações ao paciente para ajudá-lo a encontrar equilíbrio e liberdade. Pode-se estabelecer uma estrutura

com um conjunto de controles externos para reduzir os prejuízos (Russi; Santos, 2023). Em concordância a isso, o participante afirmou:

[...] tem muita coisa que ela me ensinou que eu ainda pratico, algumas técnicas. Coisas que ela falava em relação a sempre ter um caderno para anotações. Então o tratamento foi muito eficaz, muito eficiente para mim.

[...] mas assim, eu quero voltar uma prática que ela me passou, que é a questão de controle de respiração, para ansiedade quando ataca, questão da visualização, técnica da visualização, audição. Você visualiza 5 coisas que estão em seu ambiente, você tenta ouvir 5 sons em seu ambiente, tenta tocar em 5 coisas que estão em seu ambiente. São tudo técnica que ela me passou, e que me ajudam bastante. Assim, pra amenizar.

Nessa mesma linha, a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA, 2017), sugere que o tratamento do TDAH requer uma abordagem multidisciplinar que englobe diversas áreas, que vão realizar um trabalho eficiente para melhor atender indivíduos acometidos, e, juntamente com a implementação de técnicas específicas. A ABDA também afirma a importância da psicoterapia durante todo esse processo.

Os autores Russi; Santos (2023), igualmente reiteraram a importância do processo terapêutico, responsável por auxiliar na definição de metas e objetivos, capazes de gerar mudanças na vida do sujeito, facilitar as interações sociais, relacionamentos interpessoais, vida conjugal saudável, entre outras situações cotidianas.

4.4 Estigmas e desafios

Segundo as premissas de Silva *et al.*, (2023), atualmente observa-se um aumento na discussão desse tema e na conscientização das pessoas sobre os diversos transtornos e deficiências, visando reduzir o preconceito e estimular o interesse daqueles que precisam buscar apoio profissional. Assim, com as falas do entrevistado, foi perceptível uma concordância de que ser diagnosticado ainda é visto como um tabu pela sociedade, em pleno século XXI. É algo complexo, um processo em construção, que deve desenvolver mais alternativas para compreensão do transtorno, que é considerado como uma “doença” pelas pessoas. Dessa maneira, é de suma importância a implementação de novos recursos para intervir sobre o assunto.

Em relação ao estigma existente sobre o TDAH, o entrevistado destacou:

[...] eu fui taxado durante a minha vida. E sempre ouvi muito que eu era inadequado.

[...] a conscientização ela é necessária. Ninguém entende, muita gente não entende o TDAH, acha que é, sei lá, frescura, acha que é drama, todas essas coisas assim que a gente é taxado. E assim, quando a pessoa vê o TDAH na prática, vivendo normalmente com todo mundo, às vezes assim, é possível [...].

[...] em conversas no meu serviço, o pessoal falaram de TDAH, eu virei e falei assim: ah, eu sou diagnosticado, só joguei por alto assim, e as pessoas falaram: sério que você é diagnosticado? Você convive com a gente normalmente. E tipo, eu tive que dá uma aula, tipo aula de explicação, explicar o que era o TDAH. [...] elas tinham uma visão muito errada, toda distorcida.

[...] mas muita gente morre sem saber o que é o TDAH, ou até sabe o que é assim, entre aspas, e com essa visão distorcida [...].

Muitas vezes, indivíduos com TDAH enfrentam preconceitos, além de lidar com expectativas irreais sobre seu desempenho e comportamento. Além disso, a intolerância pode se manifestar na forma de descrença na legitimidade da condição, resultando em uma percepção equivocada de que o TDAH é apenas uma desculpa para comportamentos inadequados. Conforme enunciado pelos autores Silva *et al.*, (2023), o sujeito com TDAH pode enfrentar desafios como desempenho acadêmico abaixo da média, nível educacional abaixo do esperado, ter maior probabilidade de desemprego, dificuldades profissionais e problemas nos relacionamentos interpessoais no ambiente de trabalho. Pedro demonstra isso em suas falas na escolarização, no serviço e na faculdade.

A vida dos sujeitos após o diagnóstico não é algo fácil, podendo trazer liberdade e/ou aprisionamento com a sua descoberta. Assim, a falta de apoio e compreensão da sociedade em geral também ajuda a manter esses estigmas, o que torna mais difícil tanto aceitar quanto procurar ajuda (Diniz, 2022).

É importante salientar que na vida adulta, indivíduos com diagnóstico tardio de TDAH podem enfrentar dificuldades em manter uma rotina consistente e em se integrar à estrutura social. Além disso, de acordo com Montello (2021), os impactos decorrentes do TDAH incluem a incapacidade de estabelecer uma rotina, cumprir compromissos e até mesmo o declínio no desempenho acadêmico. Esses desafios têm repercussões significativas na vida diária dos indivíduos, à medida que são expostos a um novo contexto repleto de obstáculos.

No que se refere aos desafios cometidos pelo TDAH, o participante em seu diálogo ressaltou:

[...] eu era muito desatento, não conseguia focar no que as pessoas falavam comigo.

[...] então eu sempre me cobrava muito na faculdade e isso me causava muito sofrimento.

[...] eu mesmo dizia que tinha algo/alguma coisa comigo a minha vida inteira. Falava, certo eu não sou não, alguma coisa eu tenho.

[...] sempre ouvi muito que não conseguia realizar as coisas.

[...] era taxado e confuso.

[...] me sinto que eu fui muito calado por outras pessoas.

No que concerne a desatenção, é tido como “incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento” (APA, 2014, p. 32).

Entende-se que os obstáculos enfrentados por indivíduos com TDAH abrangem uma série de áreas, e que, esses desafios impactam significativamente a vida do sujeito. É fundamental considerar que o TDAH se manifesta de forma única em cada pessoa, resultando em dificuldades diversas e individualizadas. Os autores Castro; Lima (2018), citam que os desafios do TDAH variam conforme as exigências de cada estágio da vida, podendo se tornar mais proeminentes na idade adulta. No caso de Pedro, percebe-se que há um sofrimento. Por muitas vezes ele se sentiu julgado e criticado, procurando caber nos espaços, mas sempre marcado por um sentimento de inadequação. Os estigmas só passaram a ter um peso menor quando ele consegue se cuidar e desenvolver estratégias de enfrentamento e possibilidades de seguir em frente. Ele entende sua condição e fala sobre ela com mais leveza no momento atual.

Dessa forma, fazer com que o sujeito compreenda e questione suas crenças, a fim de adquirir uma visão alternativa sobre si, é um fator crucial. As intervenções ambientais referem-se à reestruturação do ambiente para minimizar os danos. Isso envolve a criação de lembretes, cronogramas e um esforço para abordar de forma assertiva os desafios relacionados ao transtorno (Papalia, 2017). Além disso, Pedro demonstra a importância do cuidado psicoterapêutico, do autoconhecimento e da aceitação de si mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que ainda existem diversas limitações no que diz respeito ao diagnóstico, aos estigmas e a percepção do transtorno em adultos.

Obter um diagnóstico tardio de TDAH pode ser libertador para muitos adultos. Muitos enfrentam desafios sem entender a raiz de suas dificuldades, o que resulta em frustração e inadequação. A confirmação do diagnóstico oferece um novo entendimento, permitindo enxergar as lutas sob outra perspectiva. Isso abre portas para tratamentos e estratégias eficazes, oferecendo alívio emocional e comportamental significativo. O diagnóstico tardio é visto como uma solução para desafios passados, permitindo uma vida mais satisfatória ao aprender a lidar com o TDAH. No entanto, é importante lembrar que o transtorno não define completamente a pessoa, sendo apenas uma parte de sua personalidade.

Analisando reflexivamente as respostas dadas pelo entrevistado e comparando-as com a literatura pesquisada verificou-se a necessidade de existirem mais recursos voltados para a sensibilização acerca da temática, assim como provocar uma curiosidade mais intensa sobre o tema e procurar adentrar em outras pesquisas para maior discernimento.

Portanto, urge a necessidade de ressaltar sobre a importância do diagnóstico e da divulgação responsável do tema com base em evidências científicas, por meio de estudos, pesquisas, discussões e materiais informativos. Por fim, a sociedade como um todo deve buscar compreender o assunto de forma consciente, evitando a propagação de informações falsas e buscando explicações embasadas.

REFERÊNCIAS

ABDA – **Associação Brasileira do Déficit de Atenção**. Diagnóstico-adultos, 2017. Disponível em: <https://tdah.org.br/diagnostico-adultos/>. Acesso em: 23 Set. 2023.

ABDA – **Associação Brasileira do Déficit de Atenção**. Tratamento, 2017. Disponível em: <https://tdah.org.br/tratamento/>. Acesso em: 22 Maio 2024.

APA – Associação Psiquiátrica Americana. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5 ed. 2014. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

APA – Associação Psiquiátrica Americana. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5 ed. p. 32. 2014. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

BARBARINI, T. A. **Corpos, “Mentes”, Emoções: Uma análise Sobre TDAH e socialização infantil.** [s.l.], 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32173058>. Acesso em: 04 Jun. 2024.

BAKARE, B.; JORDANOVA, V. **Propriedades psicométricas de uma medida breve de triagem para TDAH em adultos.** [s.l.], v.13, n.2, p. 78-88, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-20842020000200078&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 18 Mai. 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BARKLEY, R. A. TDAH: transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. **Revista Autêntica**, Belo Horizonte, 2020.

_____, R. A. Vencendo o TDAH adulto. Porto Alegre: **Artmed**, 2011.

CASTRO, C. X. L.; LIMA, R. F. Consequências do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) na idade adulta. **Rev. psicopedagogia.** São Paulo, v.35, n.106, p.61-72, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2023.

CALIMAN, L.; RODRIGUES, P. H. A experiência do uso do metilfenidato em adultos diagnosticados com TDAH. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v. 19, n. 1, p. 125-134, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/FWcrLLxCsy6c9Tz7YmXd9Pq/?format=pdf>. Acesso em: 03 maio. 2024.

CHAVES, I. F.; SENA, T. C. S; CHOCAIR, H. A.; ANGELIS, D. F. **Anais do I Simpósio Brasileiro de Saúde Mental na Medicina**, UniBH – Belo Horizonte [recurso eletrônico]. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: As consequências do diagnóstico tardio e o impacto na vida adulta. São Luís: Editora Pascal, p. 17, 2023. Disponível em: <https://editorapascal.com.br/wp-content/uploads/2023/09/SIMPOSIO-DE-SAUDE-MENTAL-1.pdf#page=17>. Acesso em: 19 Nov. 2023.

DINIZ, M. F. C.; **TDAH: A visão da TCC na vida adulta.** Brasília, 2022. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/50956/1/Mayara_Diniz.pdf. Acesso em: 28 nov. 2023.

DONIZETTI, I. S. TDAH e a importância de um diagnóstico correto. **Caderno Intersaberes**, v.11, n.32, p.18-31, [s.l.] 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/22211>. Acesso em: 28 nov. 2023.

FIGUEIRÓ, S. G. **TDAH e você:** Como esse transtorno impacta a sua vida. Literare Books, 2023.

FRANCISCO. M. A.; RODRIGUES, M. E. C.; MOREIRA, A. B. S.; LAGE, B. A.;

BRAGA, L. C. D.; REIS, C. S.; JUNIOR, D. G. D.; GUZELLA, M. V. V. M. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) no adulto: prevalência e impactos**, v. 4, n. 6, p. 24035–24044, 2021. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BJRH-0_0a5efc6c52dcfef8356403182b7aaeed. Acesso em: 19 Nov. 2023.

GONÇALVES, D. P.; PALOMA, M. I. R. A aprendizagem do adulto com TDAH: como lidar com o diagnóstico. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Psicopedagogia) - Centro Universitário Internacional. Curitiba, Brasil/Paraná. 2022. Disponível em: https://repositorio.uninter.com/handle/1/1017?gad_source=1&gclid=EAlaIqobChMIzI6t2PCXhAMVew6tBh2ccwmOEAAAYASAAEgIF8_D_BwE. Acesso em: 28 nov. 2023.

HALLEROD, S. L. H., Anckarsäter, H., Råstam, M., Scherman, M. H. Consequências vivenciadas ao ser diagnosticado com TDAH quando adulto – um estudo qualitativo. **Psiquiatria BMC**. [s.l.] 2015. Disponível em: <https://bmcp psychiatry.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12888-015-0410-4#citeas>. Acesso em: 28 nov. 2023.

LIMA, L. G. M. O mundo não foi feito pra mim. Eu funciono diferente. Construção de diagnóstico de PHDA e a escola. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, p. 92-104, 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/135933/2/491980.pdf>. Acesso em: 06 Nov. 2023. Tradução da Língua Portuguesa (Portugal) para a Língua Portuguesa (Brasil). Adaptado para este estudo.

MARTINHAGO, F. TDAH e Ritalina: neuronarrativas em uma comunidade virtual da Rede Social Facebook. *Ciência e Saúde Coletiva*. Dificuldades e consequências do diagnóstico tardio de TDAH: revisão integrativa. **Revista Contemporânea**, v. 23, p. 3327-3336, 2018. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/955>. Acesso em: 23 Set. 2023.

MONTELLO, L. F. G. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e suas implicações na vida adulta. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Curso de Medicina) - Universidade Federal Fluminense, Niterói – Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/25342/TCC%20Luiz%20Felipe%20Guimar%C3%A3es%20Montello.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 Maio 2024.

OLIVEIRA, M. L. T. **Os impactos dos sintomas do TDAH no adulto**. Alagoas: Rebena, p.41–42, 2022. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/41/37>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

RUSSI, E. K.; SANTOS, V. C. P. B. O diagnóstico de TDAH na vida adulta. **Repositório Universitário da Ânima**. RUNA, 2023. Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/0a658818-dc8a-48c6-947e-34bbffe28139/content>. Acesso em: 22 mai. 2024.

SILVA, A. S.; FIDELIS, R. C. P.; TOMAZ R. R. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e as funções executivas na infância. **Anais do V Seminário de Produção Científica do Curso de Psicologia da Unievangélica**, Goiás, 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/17354/1/TDAH%20E%20AS%20FUNCOES%20EXECUTIVAS.%20Amanda%20e%20Renata.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2024.

SILVA, M. J. S.; PEREIRA, V. S.; SILVA, S. R. Os desafios do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) da infância à vida adulta. **Revista FT**. p. 8. (2023) DOI: 10.5281/zenodo.8422854. Disponível em: <https://revistaft.com.br/os-desafios-do-transtorno-de-deficit-de-atencao-e-hiperatividade-tdah-da-infancia-a-vida-adulta/>. Acesso em: 04 Jun. de 2024.

SILVA, N. M. O.; SOARES, J. N.; SILVA, A. L. O autodiagnóstico da dislexia na pessoa adulta: um estudo de caso. **Diversitas Journal**. Santana do Ipanema/AL, v. 8, n. 1, 2023. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2456/1962. Acesso em: 22 mai. 2024.

SOUSA, A. F.; COIMBRA, I. M.; CASTANHO, J. M.; Polanczyk, G. V.; ROHDE, L. A. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**, [s.l.], 2020. Disponível em: https://iacapap.org/_Resources/Persistent/69b849d851e040c48cc0036bf888874a4716afa3/D.1-ADHD-Portuguese-2020.pdf. Acesso em: 29 nov. 2023.

THORELL, L. B.; HOLST, Y.; SJOWAL, D. Qualidade de vida em idosos com TDAH: ligações com níveis de sintomas de TDAH e déficits de funcionamento executivo. **Revista Nórdica de Psiquiatria**. Suécia, v.73, n.7, p. 409-416, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epub/10.1080/08039488.2019.1646804?needAccess=true>. Acesso em 18 Mai. 2024.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA¹

Gostaria de lhe pedir que me contasse a história da sua vida, ou seja, que partilhasse, nesta entrevista, a sua perspectiva e as suas experiências pessoais no que toca ao diagnóstico de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade). É importante, para este estudo, compreender como experienciou este processo, desde infância até os dias de hoje. Os tópicos que apresentamos no quadro seguinte são meramente orientadores, porém acrescente o que considerar importante para si a respeito da vivência com TDAH.

Sobre si	Questões para entrevista oral/ Orientações para a escrita
Perspectivas em torno do TDAH	<ul style="list-style-type: none">- Refira 3 palavras a que associa quando ouve falar em TDAH.- Partilhe uma experiência que considere significativa a respeito do TDAH.
Antes de ser diagnosticada ...	<ul style="list-style-type: none">- Conte-nos como era antes do diagnóstico.- Fale-nos um pouco sobre sua infância.- Como era a interação com a família, com professores e colegas na escola.
Quando fui diagnosticada	<ul style="list-style-type: none">- Conte-nos quando e em que circunstâncias o diagnóstico foi realizado.- Qual foi a sua reação e de seus familiares ao saberem sobre o diagnóstico?- A partir do diagnóstico, o que mudou? Houve orientação médica ou de outros profissionais que o acompanharam (medicação, terapia, etc.).- Conte-nos como sentiu ou sente-se com o tratamento realizado?
Como convivo e o que penso sobre o diagnóstico.	<ul style="list-style-type: none">- Até que ponto considera importante abordar este tema com outras pessoas?- Você sente que o diagnóstico foi libertador ou percebe como uma limitação em sua vida?- O que falta fazer ou o que mudaria a respeito do TDAH?- Qual(is) foi(foram) os principais desafios encontrados?

¹ Referência: LIMA, L. G. M. O mundo não foi feito pra mim. Eu funciono diferente. Construção de diagnóstico de PDAH (Perturbação de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e a escola. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, p. 92-104, 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/135933/2/491980.pdf>. Acesso em: 06 Nov. 2023. (Tradução da Língua Portuguesa (Portugal) para a Língua Portuguesa (Brasil). Adaptado para este estudo).

O ENSINO SUPERIOR E AS EMOÇÕES: INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ACADÊMICOS DE CURSOS DE SAÚDE DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DA ZONA DA MATA MINEIRA

ACADÊMICAS: Cynthia Fialho Campos e Jéssica Fernanda Aparecida Bernardes

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Esp. Sirlon Martins da Silva

LINHA DE PESQUISA: Psicologia e Processos Clínicos e da Saúde

RESUMO

A emoção manifesta-se como um processo de nível orgânico e mental que atravessa as formas de pensamento, sentimento e ação do ser humano. No que refere a aprendizagem, está ligada ao processo produtivo do sistema nervoso e, nesse caso, a emoção atua diretamente como um guia da cognição. Assim, a correlação entre as emoções e a cognição gera influências diretas no processo de aprendizagem. Nesse contexto, baseando no fato de que as emoções e a aprendizagem estão interligadas, questiona-se: como as emoções têm impacto no processo de aprendizagem dos acadêmicos? Logo, o presente trabalho teve como objetivo compreender se o estado emocional pode influenciar no desenvolvimento da aprendizagem de acadêmicos de cursos superiores da área da saúde do período noturno. Para atingir o objetivo foi realizada a aplicação de um questionário em acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior da Zona da Mata Mineira. A metodologia adotada foi uma abordagem qualitativa e a análise de conteúdo. Dentro dela, a análise de enunciação como método para interpretar e analisar os dados coletados. Os resultados apontaram que os acadêmicos reconhecem a influência que as emoções têm sobre seu processo de aprendizagem e denotam a importância que o professor possui enquanto mediador segundo a temática abordada. Trabalhos como este são importantes para que se dê visibilidade a questões internas dos estudantes, assim como, para disseminar conhecimentos sobre as emoções.

PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem; emoções; universitários, psicologia.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Bauman (2007, p. 75), saúde “refere-se a uma condição corporal e psíquica que permite a satisfação das demandas do papel socialmente designado e atribuído — e essas demandas tendem a ser constantes e firmes”. Desse modo, ser saudável envolve um aglomerado de fatores situacionais, muitas vezes, impostos socialmente, os quais geram impactos (Martins; Santos, 2020).

Quando se pensa no contexto acadêmico, a qualidade da aprendizagem e do sucesso disciplinar dos estudantes vão além do seu desempenho cognitivo, sendo necessário rever padrões de ensino e encaminhá-los para que consigam olhar para dentro e ter atenção ao que diz respeito a sua afetividade (Martins; Santos, 2020).

Assim, tomando por base a essência das emoções, os estímulos devem ser considerados como o ponto de partida para a sua evocação. Eles podem ser externos ou mesmo, derivados de conteúdos mentais como, por exemplo, recordações ou ainda, ideias que são capazes de gerar uma reação emocional no corpo. Nesse linear, há uma variedade de emoções e algumas delas são denominadas emoções universais como a raiva, o medo, a tristeza, a alegria, o nojo e a surpresa (Damásio, 2011).

Segundo Silva; Silva (2021), as emoções e a aprendizagem estão intimamente interligadas. De acordo com esses autores, as emoções dentro do processo de ensino e aprendizagem podem ser consideradas como um elemento essencial, como uma rede motivacional que acompanha o sujeito em toda a sua trajetória. Dentro dessa ótica, a eficácia da aprendizagem só ocorre quando o ambiente é propício para tal, ou seja, quando o espaço é integrado por metodologias estimuladoras que incitam o interesse e a curiosidade pelo aprendizado. Para que tal processo flua de maneira qualificada, denota-se a importância do acolhimento das emoções, visto que, quando são bem recebidas e estimuladas de forma positiva dentro do ambiente de ensino, contribuem para o sucesso da aprendizagem e da respectiva entrega à assimilação do conhecimento.

Nesse contexto, baseando-se no fato de que as emoções e a aprendizagem estão interligadas, questiona-se: como as emoções têm impacto no processo de aprendizagem dos acadêmicos?

Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi compreender se o estado emocional pode influenciar no desenvolvimento da aprendizagem de acadêmicos de cursos superiores da área da saúde.

Trabalhos como este são importantes para que se dê visibilidade a questões internas dos estudantes. Questões estas que muitas vezes se encontram imersas em um vasto campo de emoções que passam despercebidas ou, até mesmo, são identificadas, mas sem recursos psíquicos para melhor geri-las. Assim, a produção de estudos nesta área visa sobretudo disseminar conhecimentos sobre as emoções.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Rocha *et al.* (2021, p.16) em uma dimensão biológica:

as emoções são um conjunto de respostas cognitivas, fisiológicas e comportamentais que ocorrem de maneira automática e inconsciente. Elas

surgem a partir de um estímulo com alta significação, podendo esse estímulo ser positivo ou negativo.

Presente desde os anos iniciais na vida do sujeito, as emoções se manifestam e afetam a existência humana, sendo necessário que haja um aglomerado de agentes externos que afetem o indivíduo por meio da consciência, ocasionando em reflexos que surgem e geram emoções por meio das respectivas variáveis que fazem com que se formem e se apresentem de alguma forma no sujeito (Dallagnol, 2018).

No que refere a aprendizagem, ela está ligada ao processo produtivo do sistema nervoso e, nesse caso, a emoção atua diretamente como um guia da cognição. Assim, a correlação entre as emoções e a cognição gera influências diretas no processo de aprendizagem (Campos Junior; Carvalho; Souza, 2019). Logo, existem três componentes que interagem sistematicamente e se relacionam ao sucesso no processo de aprender, sendo estes, o equilíbrio emocional, o conhecimento consciente e as táticas cognitivas, nesse contexto, o ato de conhecer/aprender está interligado às várias áreas que ligam cognição às emoções.

Considera-se, dentro dessa perspectiva, que, muitas vezes, durante o processo educacional, os estudantes vivenciam aspectos emocionais que trazem impactos sobre o seu percurso de aprendizagem, gerando um respectivo insucesso que pode influenciar em um desejo de desistência dos estudos (Grossi; Lyra, 2023). Nesse viés, “evidências da neurociência indicam que o estresse e as emoções negativas (ansiedade, apatia, medo, frustração) podem impactar a capacidade de prestar atenção e de processar informações” (Amaral; Guerra, 2020, p.130).

Dessa maneira, são diversos os motivos que acabam fortalecendo esse desequilíbrio no processo acadêmico como a ansiedade, instabilidade no gerenciamento de emoções, desmotivação e dificuldade em aprender (Ferreira *et al.*, 2021).

Por conseguinte, o processo de ensino e aprendizagem respectivamente com a relação entre quem ensina e quem aprende ocorre de forma intrínseca. Tal processo engloba uma rede de transferências de percepções entre esses dois papéis, onde cada um terá uma forma singular de receber e compreender o que vem do outro (Silva; Silva, 2021).

Durante a ocorrência dessa dinâmica, as emoções se delineiam como fator influente, sendo importante considerar todas as emoções em seus diferentes

aspectos, tanto em sua relevância quanto também em questões como preparo e gerenciamento das emoções, uma vez que influenciam no êxito das ações executadas pelo sujeito (Silva; Silva, 2021).

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever a realidade específica a ser estudada. Nesse sentido, de acordo com a questão da pesquisa, podem ser descritas características sociodemográficas, epidemiológicas, problemas, assim como as relações e variáveis entre esses fatores (Sampaio, 2022).

De acordo com Moura (2021), por sua vez a pesquisa qualitativa é enviesada pelo desejo de compreender e explicar o significado de um determinado grupo social. É apoiada por uma "perspectiva, em que se acredita que as realidades são múltiplas e socialmente construídas, gerando significados distintos para os diferentes indivíduos" (Moura, 2021, p. 15).

O local de realização da pesquisa foi uma Instituição de Ensino Superior, localizada na Zona da Mata Mineira. Trata-se de um Centro Universitário que atende mais de 3.000 alunos de 227 municípios, ofertando mais de 16 cursos de graduação presencial, especializações e cursos técnicos, todos autorizados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). A referida Instituição possui 9 cursos da área de saúde, sendo estes, Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia e Psicologia, sendo 3 diurnos e 6 noturnos.

Os participantes da pesquisa foram estudantes universitários regularmente matriculados dos cursos noturnos da área de saúde da referida Instituição, sendo estes: Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Nutrição e Psicologia. Os respectivos coordenadores dos cursos indicaram um acadêmico de seu curso para participar da pesquisa. Mediante aceitação ao coordenador em participar da pesquisa, as participantes receberam o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) impresso em duas vias, uma para a participante e outra para as pesquisadoras.

Neste linear, a metodologia utilizada para a escolha dos participantes foi a Amostragem de Critério, na qual o critério é que cada coordenador dos respectivos cursos noturnos da área de saúde indiquem um acadêmico do seu curso. Posto isto,

a amostragem por critério atende a parâmetros que são pré-determinados para realização de uma pesquisa, estabelecendo regras transparentes de inclusão/exclusão que abordam os pormenores de rigor metodológico (Suri, 2011).

Para esta pesquisa, foi utilizado um questionário adaptado de Lavor e Martins (2020) que se refere ao estudo "Análise das emoções na vida acadêmica: Conhecendo e compreendendo", conforme o Anexo 1. Este instrumento aborda questões voltadas à compreensão e quantificação da percepção de acadêmicos em relação às emoções, assim como, verificação de uma possível influência do ambiente emocional no rendimento acadêmico e da necessidade de intervenções dos líderes da Instituição.

Foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo para a respectiva compreensão sobre as informações coletadas. A Análise de Conteúdo é uma boa ferramenta pois, como afirmam Cardoso; Ghelli; Oliveira (2021, p.99), possibilita "analisar os dados provenientes das comunicações, buscando compreender os significados e os sentidos das mensagens que vão além de uma leitura comum".

O método de revisão das respostas por meio da análise de conteúdo foi baseado em procedimentos sistemáticos, com o intuito de gerar conclusões válidas sobre conteúdos visuais, escritos ou verbais, objetivando interpretar, quantificar e descrever um determinado fenômeno no que diz respeito ao contexto, consequências, intenções ou significados (Lycarião; Sampaio, 2021). Nesse sentido, possui como início a mensagem falada ou escrita, assim como, "gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada", a qual expressa um significado e um sentido (Cardoso; Ghelli; Oliveira, 2021).

A técnica utilizada dentro da análise de conteúdo foi a análise da enunciação, considerando todo o conteúdo do questionário respondido por cada participante, sendo estudado em sua totalidade e singularidade própria (Bardin, 1997). Nesse caso, como forma de instrumentalização da análise, foi utilizado o conteúdo manifesto como sustentação, sendo este responsável por extinguir preconceitos do pesquisador que possam vir a surgir, abordando apenas o conteúdo que foi expresso no momento e não aquele que se presume. Assim, a mensagem deve ser aprofundada em si mesma e, ao mesmo tempo, buscando evitar extrapolações que venham a se desvincular do conteúdo observado (Oliveira, 2008).

Para mais vale ressaltar que as informações obtidas dessa pesquisa foram somente para fins acadêmicos e científicos. Além disso, este estudo foi submetido

ao Comitê de Ética de Seres Humanos do Centro Universitário Vértice – Univértix (CEP – UNIVÉRTIX) e recebeu aprovação sob o número CAAE 79026724.1.0000.9407.

4 CATEGORIAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

A partir da técnica de análise de conteúdo, tendo o conteúdo do questionário como referência, apresentam-se as seguintes categorias de análise.

4.1 Características dos participantes

Como forma de preservar o sigilo quanto à identidade das participantes, adotou-se a codificação Participante 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Todas as participantes são do sexo feminino, com idades entre 19 e 42 anos.

4.2 Emoções e Fatores Desencadeantes

Inicialmente as participantes foram questionadas sobre o surgimento de emoções e quais os fatores que desencadeiam uma determinada emoção. As respostas foram favoráveis em relação à identificação da emoção, ao passo que, as participantes destacaram emoções como alegria e tristeza.

Em relação ao estímulo desencadeante das emoções, uma das participantes mencionou:

“Bem, acho que há muitos fatores que podem influenciar quando uma emoção surge em mim. Por exemplo, minhas experiências passadas desempenham um grande papel nisso. Se algo me lembra de um momento feliz ou triste, isso pode desencadear uma emoção correspondente. Além disso, a situação em que estou e as pessoas com quem estou também podem afetar minhas emoções. Por exemplo, se estou em um ambiente descontraído com amigos, é mais provável que eu me sinta alegre, enquanto situações estressantes podem fazer com que eu sinta ansioso ou preocupado. É claro, nossos pensamentos e interpretações das coisas ao nosso redor também têm um grande impacto. Às vezes, uma pequena mudança de perspectiva pode fazer toda a diferença na maneira como experimentamos uma situação emocionalmente. Então, é meio que uma combinação de todos esses elementos que trabalham juntos para criar essa experiência emocional única em mim” (Participante 6).

Para Carmo (2021), a emoção manifesta-se como um processo de nível orgânico e mental que atravessa as formas de pensamento, sentimento e ação do ser humano. É por meio dela, que o indivíduo consegue se expressar, comunicar e interagir com os seus pares e com o meio em que se insere. Apesar destes aspectos positivos, as emoções nem sempre são agradáveis e apresentam condições negativas. Isto porque, normalmente, quando o sujeito se encontra vivenciando uma

situação conflituosa e de estresse, ele é atravessado por uma sobrecarga emocional justamente pelo fato de não ter desenvolvido de forma plena as suas emoções (Carmo, 2021).

Nesse sentido, algumas vivências possuem grande peso na vida do sujeito, promovendo, assim, ações comportamentais disfuncionais, trazendo modificações nas diversas esferas da vida, gerando um desgaste emocional (Lima; Santos; Silva, 2021).

4.3 Gerenciamento das Emoções

Considerando o contexto educacional, é fundamental que durante a graduação o indivíduo saiba gerir suas próprias emoções, visto que esse período é cheio de desafios e empecilhos que podem interferir no rendimento do aprendiz. Assim como gerar um baixo desenvolvimento e até mesmo implicar em uma possível desistência dos estudos (Lima; Santos; Silva, 2021).

Quando questionadas sobre os benefícios de se gerir as emoções para que estas possam ser expressas “adequadamente”, as participantes da pesquisa, mencionaram que a falta de controle das emoções desencadeia algum tipo de problema que costuma envolver, tanto os relacionamentos interpessoais, quanto as suas ações mediante alguma situação inesperada. Diante disso, ressaltaram a importância do gerenciamento das emoções:

"O equilíbrio emocional é muito importante. Ter controle de nossas emoções é a peça chave em nossos desafios cotidianos. Esse controle, facilita nossas tomadas de decisões, nos proporciona maior segurança em nossas atitudes, uma mente mais tranquila e, por fim, uma melhor qualidade de vida" (Participante 3).

Dentro dessa perspectiva, quando o sujeito é emocionalmente inteligente, ele tende a agir, reagir ou dar significados às situações de uma forma mais consciente e assertiva. Nesse viés, as circunstâncias que antes poderiam ser analisadas de forma aversiva, passam a ser ressignificadas e, a partir disso, tem-se novas formas para lidar com os conflitos situacionais (Lima; Santos; Silva, 2021).

Ainda dentro dessa temática, quando questionadas se consideram importante que os professores saibam gerir suas emoções em suas atividades acadêmicas, todas as participantes afirmaram que sim. Uma das participantes afirmou:

"Com certeza, é muito importante o professor saber gerir suas emoções em sala de aula. Por exemplo, se um docente está passando por determinado problema seja familiar, seja em outro trabalho, ou seja consigo mesmo, uma

má gestão de suas emoções podem afetar o seu lecionar, o seu convívio com os demais discentes e profissionais do meio, o que implica no aprendizado de muito de seus alunos, gerando frustração dos mesmos” (Participante 3).

Nesse sentido, considerando o contexto acadêmico, os autores Lima; Santos; Silva (2021, p.37965) vão pontuar que sujeitos possuidores das habilidades de inteligência emocional, sejam eles professores ou estudantes:

detém maior domínio das emoções e atitudes frente às pressões a qual o ensino superior os impõe, tendo assim maior resistência a frustração, conduzindo de forma mais assertiva o seu processo de formação acadêmica, assim como, promove uma postura mais estratégica diante dos desafios e na resolução dos problemas.

Logo, desenvolver uma inteligência emocional, ou seja, saber lidar e gerir melhor as emoções, está diretamente ligado a gerar melhorias de bem-estar, rendimento e desenvolvimento de autonomia dos acadêmicos (Lima; Santos; Silva, 2021).

4.4 Expressão e Comunicação das Emoções

Quando se pensa nas atuações que o sistema nervoso autônomo possui sobre o corpo humano e o controle que executa em funções como, respiração, tamanho das pupilas, suor, fluxo sanguíneo, dentre outros, associa-se o fato de que, corpo e mente estão interligados, tanto no que diz respeito aos aspectos biológicos quanto aos aspectos psíquicos do ser. Assim, é possível que se compreenda o funcionamento das emoções em sua ordem involuntária. Ou seja, as emoções não acontecem apenas no cérebro, nem apenas nos pensamentos, elas se estendem também ao corpo (Fexeus, 2013).

A partir disso, entendendo que raramente os indivíduos expressam suas emoções por meio de palavras, sendo posto com maior frequência por meio de outras formas (Goleman, 2011), as participantes da pesquisa foram questionadas sobre a capacidade de identificar as emoções nos outros. Assim descreveram que as emoções se manifestam tanto nas expressões faciais, quanto nos comportamentos dos indivíduos. As participantes 2 e 4 relataram:

“Podemos identificar as emoções de uma pessoa por meio de suas expressões faciais, linguagem corporal, tom de voz e até mesmo pelas palavras que escolhem usar. Por exemplo, alguém que está feliz pode sorrir, falar de forma animada e ter uma postura relaxada, enquanto uma pessoa triste pode ter os ombros caídos, evitar o contato visual e falar de forma mais monótona, uma pessoa ansiosa pode manifestar inquietação, enquanto alguém com raiva pode ter um comportamento mais agressivo” (Participante 2).

“Sim, através de ações e da expressão facial” (Participante 4).

As participantes ainda ressaltaram em suas respostas, que não reconhecem muitas pessoas no âmbito acadêmico que conseguem lidar com suas emoções, mas que existem algumas que demonstram ter controle emocional. As participantes 1 e 3 alegaram:

“Muitas não, mas tenho exemplo de pessoas que conseguem se controlar e serem educadas em situações de conflitos ou momentos de estresse com outras pessoas, ou pessoas que não deixam se abalar por notas de provas” (Participante 1).

“Sim conheço ótimos professores e demais funcionários que possuem equilíbrio emocional” (Participante 3).

Nesse sentido, considera-se que o controle emocional é essencial para que ocorra um bom gerenciamento das relações interpessoais, visto que relacionamentos saudáveis e conexões sólidas envolvem também lidar com as emoções dos outros. Nesse caso, o controle emocional poderá impactar, tanto no estado emocional do indivíduo, quanto nas suas relações, sendo perceptível que o desenvolvimento da inteligência emocional permitirá que haja controle dos impulsos pessoais, um bom empenho, autocontrole, de modo que o sujeito se encontrará disposto e cooperativo em suas relações (Nunes; Xavier, 2023).

4.5 Influência das Emoções no Rendimento Acadêmico

Considerando a temática da influência das emoções na aprendizagem, de acordo com Amaral; Guerra (2020), as emoções estão intimamente conectadas na construção de memórias, pensamentos, tomadas de decisão e no gerenciamento de interações para o aprendizado. Nesse sentido, Goleman (2011), afirma que a influência pode ser positiva ou negativa a partir do instante em que as emoções começam a aumentar a capacidade de pensar e fazer planos, ou ainda, atrapalhar a vida do acadêmico, dificultando a realização das atividades diárias, provas ou trabalhos.

Nesse caso, a maneira como as emoções interferem no equilíbrio psíquico dos indivíduos, pode proporcionar ou favorecer mal-humor, estados deprimidos ou ansiosos, dentre outros. E, conseqüentemente, quem encontra-se em algum desses estados não é capaz de absorver de modo eficiente a informação estudada, nem mesmo de elaborar de forma adequada para que se gere aprendizado ou mesmo, para que o aprendizado venha a consciência e torne-se concreto no momento de uma avaliação (Goleman, 2011).

Diante disso, quando questionadas se as emoções influenciam no rendimento acadêmico, todas as participantes afirmaram que sim. Evidenciando as participantes 2 e 3, relataram que:

“Sim, as emoções exercem uma influência significativa no rendimento acadêmico dos alunos. As emoções podem impactar o desempenho escolar, foco e concentração, memória e aprendizado e comportamento em sala de aula” (Participante 2).

“Sim, as emoções influenciam fortemente no rendimento acadêmico. Por exemplo, um aluno que passa por determinado conflito mental, muitas das vezes não consegue ter ânimo para assistir às aulas, tem difícil compreensão das matérias, atinge sua relação com os demais colegas, diminuindo, como consequência, suas notas e rendimento escolar” (Participante 3).

4.6 Educação Emocional e o Papel do Professor

Segundo Carmo (2021), o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, ele atua também como mediador da aprendizagem e como uma referência para o aprendiz. Assim sendo, quando o professor procura conhecer a história de vida de cada aluno, trabalha no fortalecimento de vínculos e oferece maior atenção a singularidade que cada aluno apresenta. Isso, facilita a possível identificação de mudanças emocionais que podem estar ocorrendo, assim como o impacto que elas podem ter no desempenho e nas relações interpessoais do aprendiz.

Quando indagadas sobre o fato de considerarem importante que os professores saibam identificar emoções, todas as participantes concordaram com essa importância. Duas delas afirmaram:

“Sim, quando os professores conseguem reconhecer e validar as emoções dos estudantes, isso contribui para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo, onde os alunos se sentem compreendidos e valorizados como indivíduos” (Participante 2).

“Sim, pois muitas das vezes a pessoa não procura um apoio, e o professor identificando a situação, poderá ajudar” (Participante 4).

Diante disso, Leite (2012, p.365) diz que “a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos”. Neste viés, toda dimensão que envolve planejamento e tomada de decisão dos professores promove diversos impactos afetivos sobre os estudantes.

Em relação a frequência que os professores falam sobre as emoções e se elas consideram isso importante, as participantes alegaram que:

“Sim, é importante que eles falem para auxiliar aos alunos que na maioria das vezes não conseguem controlar suas emoções, agindo de forma impulsiva” (Participante 1).

“Não. É importante porque promove o bem-estar dos alunos” (Participante 5).

Andrada; Petroni; Souza (2013) corroboram com esta afirmativa, denotando a importância de se desenvolver espaços onde se possa discutir sobre as questões afetivas, de forma a facilitar que tanto os acadêmicos, como também os professores, possam expressar aquilo que sentem de forma a gerar ressignificações e sentidos para suas experiências.

4.6 Intervenção e Apoio Emocional na Educação

Questionadas sobre a atuação do professor em relação às emoções, e se a intervenção adequada em relação às emoções promoveria uma melhora no controle emocional pelos acadêmicos e, conseqüentemente, no seu rendimento acadêmico, todas as participantes reconheceram algum ponto positivo dessa intervenção. De acordo com uma das participantes:

“Sim. Quando os alunos se sentem apoiados emocionalmente pelo professor, estão mais propensos a se sentir seguros para expressar suas emoções, o que pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade e promover um melhor desempenho acadêmico” (Participante 5).

Dentro desta ótica, segundo Giongo (2022), é importante que os educadores adotem uma postura mais compreensiva e atenciosa para com os alunos, reconhecendo a afetividade como fator primordial para o desempenho educacional. Para que assim, possam estabelecer estratégias mais eficazes no gerenciamento do processo de aprendizagem dos estudantes e promover uma maior significação para essa trajetória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se que o processo de graduação e suas diversas nuances podem desencadear fatores que afetam a vida do acadêmico e que por conseguinte, podem gerar desequilíbrios emocionais e assim influenciar a sua aprendizagem.

Logo, de acordo com os dados coletados nesta pesquisa, foi identificada a necessidade de existir formas de regulação emocional, visto que, as emoções

podem afetar diretamente na capacidade dos acadêmicos de absorver novos conteúdos e ter um bom desempenho nas disciplinas. Nesse caso, destaca-se a importância do desenvolvimento da inteligência emocional e a descoberta de meios para regulação das emoções no contexto universitário.

Assim sendo, é importante que as instituições de ensino superior, adotem estratégias que estejam voltadas a um aprimoramento de seus serviços no que se refere a atenção com os acadêmicos, reconhecendo a importância do acolhimento e de um olhar cuidadoso que seja capaz de identificar de forma mais precoce estudantes que estejam passando por conflitos emocionais, ou mesmo outros fatores, e assim, propor formas viáveis de intervenção.

Tomando por base o Centro Universitário no qual realizou-se essa pesquisa, vale ressaltar que, o mesmo oferece atendimento gratuito aos acadêmicos, sendo fornecido por meio da Clínica de Psicologia Aplicada (SPA) e do Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAPE). Tais unidades de apoio visam intervir e orientar os acadêmicos tanto no que se refere às questões estudantis de aprendizagem ou mesmo, às questões emocionais e no que se refere aos aspectos psicológicos do sujeito.

A amplitude e importância do tema, bem como a existência de outras categorias que podem emergir nesta pesquisa mostram o não esgotamento do tema, apontando para a necessidade de novas pesquisas e estudos sobre a relação das emoções com a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. L.; GUERRA, L. B. **Neurociências e educação: olhando para o futuro da aprendizagem**. Brasília: SESI/DN, 2020. Disponível em: [neurociencia_e_educacao_pdf_interativo.pdf \(portaldaindustria.com.br\)](https://portaldaindustria.com.br/neurociencia_e_educacao_pdf_interativo.pdf). Acesso em: 06 out. 2023.

ANDRADA, P.C.; PETRONI, A. P.; SOUZA, V. L. T. A afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da psicologia. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 527-537, 2013. Disponível em: [SciELO - Brasil https://www.scielo.br/j/psoc/a/pFVVgkNZTc9snCTYs...](https://www.scielo.br/j/psoc/a/pFVVgkNZTc9snCTYs...) · Arquivo PDF. Acesso em: 10 mai. 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: [BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf \(usp.br\)](https://usp.br/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf). Acesso em: 26 nov. 2023.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. [s. l.]: Zahar, 2007. Disponível em: [Modernidade Líquida.pdf \(lotuspsicanalise.com.br\)](#). Acesso em: 30 set. 2023.

CAMPOS JUNIOR, D. J. C.; CARVALHO, C.G.; SOUZA, G. A. D. B. Neurociência: uma abordagem sobre as emoções e o processo de aprendizagem. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v.17, n. 1, p. 1-10, jan/jul., 2019. Disponível em: <https://institutoconectomus.com.br/neurociencia-uma-abordagem-sobre-as-emocoes-e-o-processo-brde-aprendizagem/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CARDOSO, M. R. G.; GHELLI, K. G. M; OLIVEIRA, G.S. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, [s. l.], v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347/1443>. Acesso em: 03 nov. 2023.

CARMO, V. F. **Pedagogia das emoções**: A influência do emocional na aprendizagem e nas relações. [s. l.], 2021. Disponível em: [PDF] [researchgate.net](#) . Acesso em: 08 fev. 2024.

DALLAGNOL, C. **Emoções, educação superior e processo de ensino e de aprendizagem**: uma análise dos enunciados de estudantes de um campus universitário do interior do Paraná. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Cascavel, 2018. Disponível em: [Dissertação Claudia Dallagnol - 2018 \(unioeste.br\)](#). Acesso em: 26 ago. 2023.

DAMÁSIO, A. R. **E o cérebro criou o homem**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <https://www.pdfdrive.com/e-o-c%C3%A9rebro-criou-o-homem-d49759137.html>. Acesso em: 07 set. 2023.

FERREIRA, P. C.; FRISON, L. M. B.; PAULINO, P; SIMÃO, A. M. V. Percursos de Estudantes da Educação Superior com trajetórias de insucesso. **Ensaio**: aval. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 669 - 690, jul/set., 2021. Disponível em: scielo.br/j/ensaio/a/5CFFSYFwCCm9Vr5h3MHmdzS/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 out. 2023.

FEXEUS, H. **A arte de ler mentes**: como interpretar gestos e influenciar pessoas sem que elas percebam. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Disponível em: https://asdocs.net/5uC5z#google_vignette. Acesso em: 02 mar. 2024.

GIONGO, I. F. **A relação entre professor-aluno e a importância da afetividade**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências. Rio Claro, 2022. Disponível em: [PDF] [A relação entre professor-aluno e a importância da afetividade](#). Acesso em: 10 mai. 2024.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Tradução de Marcos Santarrita. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8074332/mod_resource/content/2/Intelig%C3%A7%C3%A3o%20emocional%20by%20Daniel%20Goleman.pdf. Acesso em: 02 mar. 2024.

GROSSI, M. G. R.; LYRA, L. R. Estado do conhecimento sobre emoção e neurociência com interfaces com a educação. **Cadernos da FUCAMP**, [s. l.], v. 22, n. 57, p. 60-79, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/download/3052/1912>. Acesso em: 06 out. 2023.

LAVOR, O. P.; MARTINS, M. P. S. “Análise das emoções na vida acadêmica: Conhecendo e compreendendo”. **Comunicações Piracicaba**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 49-62, jan/abr., 2020. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=bPah1sEAAAAJ&cstart=20&pagesize=80&citation_for_view=bPah1sEAAA AJ:MXK_kJrxJIC. Acesso em: 07 set. 2023.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>> . Acesso em: 10 mai. 2024.

LIMA, J. D. C.; SANTOS, T. A. A.; SILVA, J. B. Contribuições e desenvolvimento da Inteligência Emocional no ensino superior. **Brazilian Journal of Development**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 37959–37970, mar/abr, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28124>. Acesso em: 23 fev. 2024.

LYCARIÃO, D.; SAMPAIO, R. C. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021. Disponível em: [Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf \(enap.gov.br\)](#). Acesso em: 25 nov. 2023.

MARTINS, A. C. A.; SANTOS, R. O. F. Afetividade nas relações educativas: uma abordagem da Educação Infantil. **Educação Pública**, [s. l.], v. 20, n. 44, nov., 2020. Disponível em: [Revista Educação Pública - Afetividade nas relações educativas: uma abordagem da Educação Infantil \(cecierj.edu.br\)](#). Acesso em: 03 out. 2023.

MOURA, D. L. **Pesquisa qualitativa**: um guia prático para pesquisadores iniciantes. Curitiba: CRV, 2021. E-book. Disponível em: [Pesquisa qualitativa: Um guia prático para pesquisadores iniciantes - Diego Luz Moura - Google Livros](#). Acesso em: 18 set. 2023.

NUNES, A. L. P. F.; XAVIER, S. S. Aplicação da Inteligência emocional pelos gestores no ambiente organizacional e resultados. **ID on Line Rev. Psic.**, [s. l.], v. 17, n. 65, p. 150-164, fev, 2023. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3693>. Acesso em: 23 mai. 2024.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma análise proposta de sistematização. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.16, n.4, p.569-576, out/dez, 2008. Disponível em: [Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização | Rev. enferm. UERJ;16\(4\): 569-576, out.-dez. 2008. ilus | LILACS | BDEFN \(bvsalud.org\)](#). Acesso em: 25 nov. 2023.

ROCHA, L. C.; CARDOSO, J.R.L.B.; CAMPOS, M.C.S.; CAMPELO, L.L.C.R.; PANTANO, T.; ROCCA, C.C.A. **Treino em reconhecimento de emoções**. São Paulo: Manole, 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555769807/>. Acesso em: 11 out. 2023.

SAMPAIO, T. B. **Gestão Pública em Saúde: Metodologia da Pesquisa**. Santa Maria, RS: UFSM, CTE, UAB, 2022. Disponível em: [MD_Metodologia_da_Pesquisa.pdf \(ufsm.br\)](#). Acesso em: 19 set. 2023.

SILVA, F. M. M.; SILVA, G. T. F. A influência das emoções no processo de aprendizagem. **Cadernos Intersaberes**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 255-264, 2021. Disponível em: [A influência das emoções no processo de aprendizagem | Caderno Intersaberes \(cadernosuninter.com\)](#). Acesso em: 07 set. 2023.

SURI, H. **Purposeful sampling in qualitative research synthesis**. Qualitative Research Journal, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 63-75, aug. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275921658_Purposeful_Sampling_in_Qualitative_Research_Synthesis. Acesso em: 28 nov. 2023.

ANEXO
ANEXO 1

O ENSINO SUPERIOR E AS EMOÇÕES: INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ACADÊMICOS DE CURSOS DE SAÚDE DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DA ZONA DA MATA MINEIRA

As questões abaixo consistem em uma pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que será realizada entre acadêmicos dos cursos de saúde do período noturno do Centro Universitário Univértix. Com o intuito de ser um estudo sigiloso e que guarde a confidencialidade de suas respostas, não colocaremos o nome dos respectivos participantes. Solicitamos que seja o mais transparente possível em suas respostas.

- 1- Você sabe quando uma emoção surge? Dê exemplos.
- 2- O que faz com que uma emoção surja em você?
- 3- Você sabe quando uma pessoa está vivenciando uma determinada emoção? Dê exemplos.
- 4- Quais os benefícios de gerir suas emoções, expressando-as de maneira adequada?
- 5- Na sua visão, é importante que o professor saiba gerir suas emoções em suas atividades acadêmicas? Por quê?
- 6- Você conhece muitas pessoas no âmbito acadêmico que sabem lidar com suas emoções? Dê exemplos.
- 7- As emoções influenciam no rendimento acadêmico? De qual forma?
- 8- Você considera importante que os professores saibam identificar emoções? Por quê?
- 9- Os professores do seu curso falam sobre as emoções? Você considera importante? Por quê?
- 10- Você acha que se os professores intervissem adequadamente mediante as emoções ocorreria uma melhora no controle das mesmas por meio dos acadêmicos e conseqüentemente no seu rendimento acadêmico?

